

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA

SENTIDO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NO DISCURSO POÉTICO DE PATATIVA  
DO ASSARÉ



MARIA ELIZA FREITAS DO NASCIMENTO

Recife-PE, 2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGÜÍSTICA**

**SENTIDO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NO DISCURSO POÉTICO DE PATATIVA DO  
ASSARÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Lingüística.

**Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gilda Maria Lins de Araújo.**

**Maria Eliza Freitas do Nascimento**

**Recife-PE, 2008**

**Nascimento, Maria Eliza Freitas do**  
**Sentido, memória e identidade no discurso**  
**poético de Patativa do Assaré / Maria Eliza Freitas do**  
**Nascimento. – Recife: O Autor, 2008.**  
**134 folhas.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal**  
**de Pernambuco. CAC. Lingüística, 2008.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Lingüística. 2. Análise do discurso literário. 3.**  
**Identidade. 4. Memória. 5. Poesia brasileira - Crítica e**  
**interpretação. I. Assaré, Patativa do. II.Título.**

**801**  
**410**

**CDU (2.ed.)**  
**CDD (20.ed.)**

**UFPE-CAC**  
**2008-23**

**Sentido, Memória e Identidade no Discurso Poético de Patativa do Assaré**

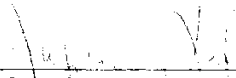
Maria Eliza Freitas do Nascimento

**BANCA EXAMINADORA:**



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Gilda Maria Lins de Araújo**  
*Orientadora* - Letras-UFPE



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Virginia Leal**  
Letras-UFPE



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Maria Regina Baracuhy**  
DLCV - UFPB

**Recife – PE**  
**2008**

À minha mãe, Maria das Graças: “pela vida inteira que poderia ter sido e que não foi” (M. Bandeira).

Ao meu pai, Sebastião; irmã, Nádia; irmão Ricardo: pela vida inteira que pôde ter sido e continua até hoje...

À Giselda e Raiane, por entrar em nossas vidas.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de não ter que entrar nessa ordem arriscada de agradecimentos, pelo simples fato de que posso esquecer alguém. Mas também, não gostaria de não mencionar as várias pessoas que são, para mim, importantes...

Cláudia Rejanne, por me envolver nos caminhos da AD e pela amizade;

Professora Gilda Lins, pela orientação, apoio e por acreditar no meu trabalho;

Aos professores do PGLETRAS pelas disciplinas ministradas, momentos de interação e aprendizagem;

Funcionários da Coordenação do PGLETRAS, em especial Josaiás e Diva por nos agüentar durante os dois anos, sempre com informações precisas;

Matheus Andrade, querido interlocutor, pelos “devaneios loucos” sobre a teoria foucaultiana e AD, momentos em que aprendi muito. Também pelos comentários dos textos;

Aos demais Andrades, pela acolhida com que sempre me receberam em sua casa;

Carolina Pires, além da amizade, as consultas sobre ABNT e afins...

Mais que amiga, “mãe”, Joseane Brito, cuidou de mim desde a seleção...

Sarah Santos, por me receber em seu apartamento e ter se tornado minha amiga. Também André, (noivo de Sarah), pelas sessões de filmes nas noites de sábado. Havia ainda, nessa turma, Carol e Débora.

Susiane, amiga e também companheira de apartamento. Éramos quatro: Susi, Sarah, Débora e eu, cada uma com atividades diferentes, mas ao longo dos dois anos surgiu um interesse comum: a amizade.

Edmar, por me incentivar a fazer a seleção da UFPE.

À turma do Mestrado 2006, pelo diferencial que nos uniu: uma grande amizade entre toda a turma. Em especial à amiga Gilvani Holanda. Sem esquecer Guilherme, Alfredina e Flávia que são do Doutorado;

Morgana, Jaciara, Cecília, Joseane e Carolina, indiscutivelmente, amigas...

Nilton, sei que sempre poderei contar com você. Apoio, lealdade, amizade.

Querida, Ana Caroline, por tudo que representa para mim. Também por agüentar meus momentos de mau humor e stress;

Amigos, Laerte, Luiz, Eduardo, Leandro e muitos outros que conheci em congressos, ou via internet com os quais compartilho uma boa amizade;

Aos amigos do Crato, que mesmo de longe, sempre me deram apoio.

Como agradecimento especial não posso deixar de mencionar a minha família, pelo apoio que sempre me deram e por aceitar a minha ausência durante esses dois anos. Principalmente ao meu pai, por tudo que ele representa para mim.

A todos o meu simplesmente MUITO OBRIGADA...

*Mas não é o pai celeste  
Que faz sair do nordeste  
Legiões de retirantes,  
Os grandes martírios seus  
Não é permissão de Deus,  
É culpa dos governantes.*

*Patativa do Assaré*



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1- EM BUSCA DE UM SOLO FÉRTIL	
1.1- Análise do Discurso: percurso teórico-metodológico.....	19
1.1.1 - AD-1: Período de construção da maquinaria discursivo-estrutural .....	22
1.1.2 - AD-2: Relação de forças desiguais entre os processos discursivos .....	26
1.1.3 - AD-3: É chegado um novo tempo para a AD, além das maquinarias... ..	28
1.2 - A propósito da noção de Formação Discursiva .....	31
1.3 - Nas veredas do discurso, da história e do sentido.....	36
1.4 - Explorando o solo em busca da noção de sujeito .....	43
CAPÍTULO 2 - CANTOS E VÔOS DO POETA PATATIVA DO ASSARÉ	
2.1 - De Antonio Gonçalves à Patativa do Assaré: gênese de uma trajetória .....	49
2.2 - Um poeta, duas linguagens.....	58
2.3 - Da oralidade à cultura escriptocêntrica.....	62
CAPÍTULO 3 - A DISCURSIVIDADE NA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ: REDES DE SENTIDO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE	
3.1 - Um olhar sobre a poesia como enunciado discursivo .....	72
3.2 - Relações interdiscursivas na construção do sentido da poesia .....	76
3.3 - Marcas do discurso religioso: um dilúve de rima caindo inriba da terra.....	82
3.4 - Entre discurso e poesia: um caso de construção de identidade .....	90
3.4.1 - Em busca da chuva prometida: legitimando identidades .....	93
3.4.2 - Nordeste ou nordestinado? Um caso de desconstrução de identidade .....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	125
REFERÊNCIAS.....	129

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o funcionamento discursivo da poesia de Patativa do Assaré, observando a identidade nordestina como uma construção discursiva, produzida por relações interdiscursivas e por dizeres institucionalizados na memória discursiva. Discutimos a identidade nordestina a partir das visibilidades e dizibilidades apresentadas para o objeto Nordeste em práticas discursivas diversas, as quais referendam uma construção identitária de forma metonímica. Com isso, o Nordeste é apresentado como se fosse formado apenas pelo sertão, caracterizado como espaço regional seco e miserável, silenciando outras formas de ver e dizer a região. Como base teórica, utilizamos a Análise do Discurso Francesa, a partir das idéias de Michel Pêcheux, Jean-Jacques Courtine e Michel Foucault. A questão da identidade está embasada nos autores Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Zigmunt Bauman e Boaventura Souza Santos. Realizamos pesquisa bibliográfica para contextualizar a linha teórica e o lugar de fala do poeta em estudo. Analisamos os poemas *A triste partida e Nordestino, sim, nordestinado, não*, apresentando-os como um enunciado discursivo que se oferece a múltiplas leituras da realidade sócio-cultural do Nordeste. Os sentidos, nesses poemas, são construídos pela articulação com outros discursos, principalmente o religioso e o político, gerando a teia de relações interdiscursivas. A identidade nordestina é construída de acordo com a posição-sujeito assumida pelo enunciador, que enuncia de diferentes lugares a partir de condições de produção determinadas. Os dizeres produzidos constituem práticas discursivas que ora reforçam estereótipos do Nordeste, ora desconstrói esses estereótipos, reforçando a idéia de que a identidade não é fixa.

Palavras-chave: discurso, memória e identidade

## ABSTRACT

This work aims at analyzing the speech functioning of Patativa do Assaré poetry, observing North-eastern identity as a speech construction, produced by inter-speech relations as well as by institutionalized sayings in the speech memory. We have discussed North-eastern identity from the point of visibilities and “sayabilities” presented to the object North-east in varied speech practice, which countersign an identity construction in a metonymic way. This way, North-east is presented as being constituted only by the jungle, characterized as an arid and miserable region, taking into silence other ways of seeing and saying the region. As theoretical issues, we approached French Speech Analysis, based on the ideas of Michel Pêcheux, Jean-Jacques Courtine and Michel Foucault. The discussion of the issue identity is based on the authors Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Zigmunt Bauman and Boaventura Souza Santos. We did bibliographic research in order to contextualize the theoretical line as well as the place of speech of the poet in study. We analyzed the poems *A triste partida* (Sad departure) and *Nordestino, sim, nordestinado, não* ( North-eastern, yes, made North-eastern, no), presenting them as speech enunciations which offer multiple readings of socio-cultural North-east reality. The meanings in these poems are constructed through the articulation with other speeches, with emphasis on religious and political ones, generating a web of inter-speech relations. North-eastern identity is built according to the subject-position assumed by the speaker, which enunciates from different places, from the point of determined production conditions. The produced sayings constitute speech practices which sometimes reinforce North-east stereotypes, and sometimes deconstruct these stereotypes, reinforcing the idea that identity is not steady.

Key-words: speech, memory and identity

## ***INTRODUÇÃO***

---

Refletir sobre a linguagem é adentrar num universo que permite ao homem compreender sua realidade simbólica. A partir da concepção de língua que subjaz ao campo do saber, é possível determinar que posturas teóricas serão usadas na análise de um objeto. A forma de conceber a língua reflete o posicionamento teórico-metodológico das várias disciplinas que se ocupam em estudar os fenômenos lingüísticos.

Por muito tempo, a linguagem foi abordada sob o enfoque estruturalista, no qual a língua era concebida como um sistema abstrato de signos. Ferdinand de Saussure foi o maior expoente dessa corrente, nela a língua era analisada apenas enquanto estrutura desvinculada dos processos sócio-históricos. No entanto, com a inclusão dos estudos discursivos, percebe-se que a relação do homem com a linguagem não é neutra, inocente ou natural, pois ela tem um universo mais abrangente. Ela é lugar de conflito, de confronto e não pode ser entendida fora da sociedade, sem considerar os processos sócio-históricos que a constitui.

Assim, compreendendo que a “linguagem é uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2002, p. 15); e que os sentidos são determinados historicamente entra em cena a Análise do Discurso, a qual toma o discurso como objeto de análise.

A linguagem, nesta perspectiva, é abordada como produção sócio-histórica, não é transparente, está sujeita a equívocos, portanto não pode ser entendida como um sistema formal. O discurso não pode ser desvinculado das condições de produção e da articulação com a História, visto que a exterioridade é constitutiva do sujeito e do sentido. É preciso observar que a construção do sentido faz parte da relação entre o político, o histórico e o ideológico.

Foi sob o enfoque dos estudos discursivos que desenvolvemos esta pesquisa. Utilizamos a Análise do Discurso Francesa como teoria que responde à questão: investigar o funcionamento discursivo da poesia de Patativa do Assaré, destacando o interdiscurso e a memória discursiva como elementos basilares para a construção discursiva da identidade nordestina.

Discutimos a questão da identidade nordestina como uma construção discursiva assentada sob diferentes formações discursivas, usando como corpus

de análise a poesia de Patativa do Assaré. Neste percurso buscamos as visibilidades e dizibilidades para o objeto Nordeste que são encontradas em diversas práticas discursivas e referendam uma construção identitária de forma metonímica, ou seja, a parte pelo todo. Com isso, o Nordeste é apresentado como se fosse formado apenas pelo sertão, caracterizado como espaço regional seco e miserável, silenciando outras formas de ver e dizer a região.

Tomamos por base a Análise do Discurso (AD) pela forma de tratar a relação constitutiva entre a linguagem e a historicidade. É a linguagem como produção sócio-histórica que interessa à AD, a qual entende a língua como um acontecimento em que os sujeitos realizam ao mesmo tempo o processo de significação, construindo os sentidos afetados pela língua e pela história. Assim, efetiva-se o funcionamento discursivo da linguagem, criando gestos de interpretação nos quais os sentidos são múltiplos e variados. Nega-se, dessa forma, a idéia de mensagem encerrada em si.

Para a Análise do discurso, o que interessa é a linguagem em movimento, o homem falando, por isso não trata da língua, nem da gramática, mas do discurso, entendido como “efeito de sentido entre locutores” (PÊCHEUX, 1997). A Análise do Discurso leva em consideração que as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos com diferentes efeitos. Percebe-se então, que não há neutralidade nas palavras, pois elas significam na e pela história. A língua é opaca, está sujeita a equívocos. A AD não busca a verdade dos sentidos, mas as possibilidades de sentidos. Os efeitos de sentido se constroem na relação com o outro, com o não-dito e com o que está silenciado. É preciso buscar a não transparência da linguagem; por isso Foucault (2007) afirma que:

a linguagem parece sempre povoada pelo outro, pelo ausente, pelo distante, pelo longínquo; ela é atormentada pela ausência. (...) é preciso levar em consideração justamente essa existência; interrogar a linguagem, não na direção que ela remete, mas na dimensão que a produz; negligenciar o poder que ela tem de designar, de nomear, de mostrar, de fazer aparecer; de ser o lugar do sentido ou da verdade.

Para entender como os objetos simbólicos produzem sentidos a AD aborda a relação entre o dizer e as condições de produção desse dizer, levando em conta a exterioridade como constitutiva do sujeito e do sentido.

Buscar os múltiplos efeitos de sentido é o que pretendemos, para assim alcançar o nosso objetivo que é desenvolver um estudo sobre o discurso poético de Patativa do Assaré, observando, no funcionamento discursivo, a identidade nordestina como uma construção discursiva, produzida por relações interdiscursivas e por dizeres institucionalizados na memória discursiva. Os sentidos são construídos a partir da posição-sujeito do enunciador que se inscreve em diferentes momentos históricos.

Como objetivos específicos procuramos: investigar os interdiscursos que atravessam o discurso poético do sujeito enunciador e como estes auxiliam a construção da identidade nordestina; verificar como a memória discursiva legitima dizeres sobre o Nordeste e como esses dizeres permitem perceber no intradiscursos elementos do interdiscurso; enfatizar que a identidade é uma construção discursiva, produzida em locais históricos determinados e em práticas discursivas determinadas. A identidade nordestina caracteriza-se como um processo, uma construção marcada pela diferença que, por ser fragmentada, se constrói ao longo do discurso, de acordo com a posição-sujeito do enunciador; mostrar que os dizeres sobre o Nordeste surgem em práticas discursivas diversas, o que compõe o arquivo das dizibilidades sobre esse objeto.

A escolha desse poeta justifica-se em virtude de sua relevância para a região Nordeste, em especial, o Ceará, visto que se trata de um cearense, considerado como um dos maiores poetas populares de todos os tempos. Legítimo representante da cultura nordestina inspirou, com seus versos, desde o simples sertanejo até nomes famosos da música popular brasileira.

Antonio Gonçalves da Silva, nascido a 05 de março de 1909, no sítio Serra de Santana, município de Assaré-CE, tornou-se conhecido pelo pseudônimo Patativa do Assaré, pela harmonia com que fez seus versos, aproximando-se do canto da patativa, ave do sertão nordestino. Faleceu no dia 08 de julho de 2002, aos 93 anos de idade.

Patativa do Assaré não frequentou a escola por muito tempo, apenas 06 meses, o suficiente para ser alfabetizado. A partir de então, apaixonou-se pela leitura e tornou-se um autodidata. Cresceu ouvinte de leituras de cordéis e “leitor de poetas da língua”. Por isso, sua poética apresentam diversidade

lingüística; ele fez poemas tanto usando a linguagem popular quanto utilizando a norma padrão culta. Começou a versejar com criatividade e imaginação, criando poemas que retratam como, ele próprio afirmava, “a vida real”, resultando em mais de mil composições poéticas. Guardava todas na memória, sem nenhum registro escrito até a publicação do seu primeiro livro, *Inspiração Nordestina*, em 1956, pela Borsoi Editor.

Em seus poemas, Patativa busca representar o meio social em que vive, num reflexo de uma geografia física e humana capaz de traduzir toda a tragédia do sertanejo durante a falta de chuva, nas retiradas em busca da terra prometida, que lhe ofereça uma vida melhor. Também apresenta, em outros poemas, o Nordeste como uma região que não é afetada apenas por questões climáticas, mas também por questões políticas.

Retratar esse universo, como fez Patativa, demonstra toda sua sensibilidade e capacidade discursiva, num discurso que atravessa muito mais que as aparências e denuncia uma visão de mundo onde o político e o religioso está presente, marcando profundamente as angústias e os sentimentos do sertanejo.

Almejamos também, divulgar a cultura popular nordestina através deste estudo que difunde para o Brasil a riqueza de um povo em sua capacidade de expressão e potencial criativo. O que faz espalhar de Norte a Sul a diversidade cultural que no caldeirão das manifestações artísticas contribui para destacar o Nordeste e o Ceará no cenário das artes brasileiras. Com isso, faz sair do anonimato artistas, poetas que são muitas vezes mais conhecidos e estudados fora do país e tão pouco valorizados em sua terra natal.

A cultura de um povo é a expressão mais forte de sua origem e deve ser espalhada como uma semente na terra, que fecundará e brotará no seio de gerações e gerações, sem deixar que a falta de chuva e o esquecimento apaguem, para sempre, seus vestígios. É preciso ecos de memória para perpetuá-la.

Consideramos que a poesia de Patativa do Assaré configura-se como um espaço capaz de oferecer diferentes leituras sobre a realidade sócio-cultural do Nordeste. Sempre com o olhar nos processos discursivos, que constituem a fonte



da produção dos efeitos de sentido no discurso, observando que as palavras significam pela historicidade que lhes é constitutiva.

O discurso poético de Patativa possibilita discutir a identidade do Nordeste e do nordestino. Ao tomar o Nordeste como objeto, oferece-o como produção de sentidos que se instauram em enunciados com certas regularidades que caracterizam a identidade da região, a qual se apresenta como construção discursiva, nunca homogênea. A identidade se constrói de acordo com a posição-sujeito assumida pelo enunciador, o qual enuncia de diferentes lugares e a partir de condições de produção determinadas. Seu discurso constitui-se em práticas discursivas que ora reforçam estereótipos do Nordeste e sua gente, ora desconstrói esses estereótipos. Fato que evidencia que a identidade não é fixa, ela está relacionada aos processos interdiscursivos numa re-significação de dizeres legitimados pela memória discursiva, em diferentes enunciados.

Neste sentido, tomamos a poesia de Patativa do Assaré como enunciado que está inserido na prática discursiva do sujeito enunciador; é determinado pelo exercício da função enunciativa, a partir de regras de formação. Dessa forma, ao utilizarmos corpora caracterizados como discurso literário, estamos evidenciando as perspectivas teóricas que favoreceram a mudança no corpus de análise da AD. Se inicialmente a teoria priorizava discursos estabilizados, como o político, houve, em momentos posteriores, abertura para as produções do cotidiano. Discursos como o literário, dentre outros, passaram a ser objeto de análise.

Com essa mudança, trabalhos diversificados surgem no cenário investigativo da Análise do Discurso. Obras literárias são analisadas sob o enfoque da AD, as quais trazem inquietações de como abordar esse discurso a partir dos princípios teóricos-analíticos propostos pela teoria. A resposta surge na integração do literário a lugares sociais, históricos e ideologicamente marcados, sendo preciso “considerar que a produção literária dialoga com a História, é perpassada por uma memória discursiva, e é constituída por um movimento exterior a si”(FERNANDES & SANTOS, 2006, p. 11). Movimento responsável por atribuir à Literatura a dimensão discursiva, tendo em vista que

considerar o fato literário em termos de “discurso” é contestar o ponto fixo, a origem “sem comunicação com o exterior”. [...] Refletindo em termos de discurso literário, não se trata somente de proceder a um *aggiornamento* epistemológico, mas dar uma legibilidade maior dos corpora literários: buscando acesso a modalidades da enunciação que não advêm da concepção romântica do estilo (MAINGUENEAU, 2005a, p. 17-18).

Este trabalho parte da interface AD e Literatura. Inclui-se no amplo conjunto das pesquisas que se utilizam do discurso literário, como forma de mostrar que a um objeto literário podem ser atribuídos vários olhares. O que realizamos é uma análise discursiva da poesia patativana, numa relação indissociável entre Lingüística e Literatura. Fato que faz emergir a historicidade do enunciado poético, no qual “não importa quem fala”, mas sim, os efeitos de sentido que são construídos, as relações interdiscursivas e o resgate da memória que são percebidos na enunciação do sujeito autor. O que resulta em abordar a Literatura “em sua exterioridade, fora de si, como linguagens que apontam para a dispersão e, ao mesmo tempo, para diferentes unidades” (FERNANDES, 2006, p. 20).

Dessa forma, após estudo do corpus constituído de 150 poemas, os quais estão publicadas nos livros *Cante lá que eu canto cá*<sup>1</sup> e *Ispinho e fulô*<sup>2</sup>, selecionamos para análise da construção identitária do Nordeste, os poemas *A triste partida* e *Nodestino, sim, nordestinado, não*. Eles foram escolhidos pela temática (ambos falam do Nordeste) e por serem produzidas em diferentes momentos históricos. Embora estes não sejam os únicos poemas do autor a tematizar o Nordeste, consideramos suficiente, para esta pesquisa, usá-los como recorte do corpus, pois são significativos para a discussão da construção da identidade nordestina no discurso poético de Patativa do Assaré. Mesmo eles sendo nossos poemas de base, usamos outros no decorrer do trabalho como forma de exemplificar as questões teóricas abordadas.

Realizamos ainda pesquisa bibliográfica para contextualizar a teoria que usamos e discutir as categorias da Análise do Discurso tais como: formação discursiva, interdiscurso, memória, sujeito e sentido, com base nos autores: Michel Pêcheux, Michel Foucault e Jean Jacques Courtine. A questão da

<sup>1</sup> ASSARÉ Patativa, *Cante lá que eu canto cá*. 14 ed. São Paulo: Vozes, 2004.

<sup>2</sup> ASSARÉ, Patativa do. *Ispinho e fulô*. São Paulo: Hedra, 2005.

identidade está embasada nos autores Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Zigmunt Bauman e Boaventura Souza Santos. Algumas destas discussões foram feitas de forma a mesclar dispositivo teórico e analítico.

Este trabalho constitui-se de três capítulos. No primeiro, apresentamos os pressupostos teóricos da Análise do discurso, enfatizando questões relativas ao surgimento, às três épocas e aos procedimentos analíticos. Consideramos necessário este capítulo, para situarmos o campo teórico em que se insere esta pesquisa e ressaltar as transformações sofridas no interior da AD. No segundo, abordamos aspectos do sujeito empírico Patativa do Assaré, para contextualizar seu lugar histórico e sua inserção no mundo da poesia. Já no terceiro capítulo, realizamos a análise do corpus, de forma a unir aspectos teóricos e práticos, por isso, discutimos questões como interdiscursividade, memória discursiva e identidade, categorias que não foram priorizadas no primeiro capítulo.

Convidamos, então, para adentrar nessa “aventura discursiva”, sem a ânsia de encontrar a verdade, ou o sentido verdadeiro, mas com a perspectiva de que um discurso não se pretende a última verdade. Eles não são cópias da realidade; representam, antes de tudo, as possibilidades de visibilidades e dizibilidades que constituem um objeto, as quais mesmo não sendo representação exata do real, apresentam dizeres que se encontram em diversas práticas discursivas e se estabelecem como construção simbólica dessa realidade. São as “vontades de verdade” no sentido foucaultiano do termo que vemos abordadas nos discursos.

***CAPÍTULO 1- EM BUSCA DE UM SOLO FÉRTIL***

---

## 1.1- Análise do Discurso: percurso teórico-metodológico

*A história de uma ciência é um conjunto indefinidamente móvel de escansões, defasagens, coincidências, que se estabelecem e se desfazem.*

*Michel Foucault*

No contexto do estruturalismo francês dos anos 60, os estudos lingüísticos apresentavam-se como referência para as Ciências Humanas, visto que a lingüística era considerada como “ciência piloto”, ou seja, a que oferecia o modelo de cientificidade para as outras disciplinas. Isto graças a Ferdinand de Saussure que a elevou à condição de ciências, nos moldes do positivismo reinante na época, estabelecendo objeto e método para a lingüística.

Nesse sentido, a linguagem era dividida em língua e fala, sendo a primeira considerada como objeto da lingüística, pois poderia ser estudada separadamente da fala, dada sua natureza homogênea. Assim, para Saussure a língua é um sistema de signos. “É um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (2003, p.17). No sistema, os elementos da língua só têm valor pela relação que mantém com os outros elementos, não tendo, portanto, sentido fora dele. A noção de valor em Saussure é exemplificada pela analogia ao jogo de xadrez, na qual as peças adquirem valor pela função que desempenham, independentemente do material de que são fabricadas.

Vale ressaltar que as idéias estruturalistas surgiram na França por volta dos anos 50. Saussure não tinha, até então, destaque além dos círculos de Moscou, Praga, Copenhagen e Viena. Foi do encontro de Roman Jakobson (exilado nos Estados Unidos) com Lévi-Strauss que se expandiu a Lingüística Estrutural na França, sendo esse último o responsável pela introdução do método estrutural nas Ciências Humanas a partir das obras *Estruturas Elementares do Parentesco* (1949) e *Antropologia Estrutural* (1958). A proposta de Lévi-Strauss foi aplicar na Antropologia os modelos da Lingüística operados por Saussure e da Fonologia por Trubetskoy através do estudo das estruturas inconscientes que regem os esquemas mentais, aproximando-a da cultura e do simbólico. Dessa

forma, a contribuição que o Estruturalismo ofereceu às Ciências Humanas foi quebrar as fronteiras etnocêntricas e dar início ao processo de descolonização cultural (SOUZA, 1995).

O estruturalismo tem como característica a exclusão do sujeito, justificada pela ruptura com a fenomenologia, o psicologismo e a hermenêutica. De acordo com Henry (1997, p. 28), o estruturalismo não renunciou a idéia de que há uma especificidade das “ciências humanas” assentada sobre a especificidade de seu objeto, o homem, o que resulta em uma petição de princípios porque pressupõe que a referência ao homem bastaria para colocar e especificar, a priori, o objeto de ciência.

No entanto, há quem ouse contrariar essas perspectivas. Em pleno apogeu do estruturalismo figuras nucleares como Lacan, Althusser, Derrida e Foucault tomavam posições divergentes do panorama vigente, se distanciavam do estruturalismo por operar um modelo teórico que traz o sujeito para o centro da discussão, o que resulta numa maneira diferente de conceber as ciências humanas, embora entre eles não haja um pensamento homogêneo.

É principalmente a noção de sujeito que os diferenciam do estruturalismo. Em Foucault, Lacan ou Derrida o sujeito é visto como uma posição, referido a uma impossibilidade, ou seja, a impossibilidade de escapar do jogo ou ordem do signo; enquanto que o sujeito em Althusser tem-se a impossibilidade de escapar da ideologia. Assim, o sujeito para os três primeiros sofre um assujeitamento lingüístico e em Althusser um assujeitamento ideológico (HENRY, 1997).

Por esse e outros deslocamentos<sup>3</sup>, esses estudos foram considerados Pós-Estruturalistas na medida em que se distanciavam do estruturalismo dando abertura a novas idéias. Nesse novo cenário, instalam-se visões diversas que não podem ser etiquetadas como um bloco homogêneo de pensamento nem como uma corrente filosófica, com determinados seguidores. O que se vê nesse âmbito é um caldeirão de idéias que bebeu em pensadores como Freud, Marx, Nietzsche etc. tornando esse movimento totalmente interdisciplinar.

A França do final dos anos 60 fervilhava de discussões e pesquisas interdisciplinares. Sedentos para trazerem à tona as releituras de grandes nomes

---

<sup>3</sup> Os deslocamentos foram operados também sobre as noções de língua, história dentre outras.

como Marx e Freud, reuniram-se na Escola Normal superior da Rue d’Ulm, em Paris, o grupo em torno de Michel Pêcheux, que, por sua vez, foi membro do partido comunista e discípulo de Althusser. Nas palavras de Denise Maldidier (2003, p. 17) “a ENS da rua d’Ulm não é apenas, nesses anos de 60, uma escola prestigiosa, é um lugar de ardor teórico em que o pensamento busca um novo fôlego nos encontros interdisciplinares inéditos”.

É a partir das inquietações produzidas nesses encontros que surge no final dos anos 60 a “aventura teórica”<sup>4</sup> do discurso, não a partir de uma negação total aos postulados saussureanos, mas operando cortes epistemológicos para produzir uma nova visão para a teoria da linguagem.

O projeto de Michel Pêcheux nasceu a partir de discussões produzidas em grupo constituído por pensadores de diferentes formações: filósofos, lingüistas, matemáticos, psicólogos dentre outros, é o que Maldidier chamou de “uma aventura a várias vozes”. As discussões e publicações desse grupo convergiram para o nascimento de uma nova forma de tratar questões relacionadas à língua, ao sujeito e à história, agrupadas sob a denominação de Análise do Discurso, que surge como uma teoria interdisciplinar, fazendo articulação entre a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise. No entanto essa articulação não acontece de modo servil, pois conforme afirma Orlandi (2002, p. 20), a AD

interroga a lingüística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

Assim, a Análise do Discurso surge no ambiente intelectual e político da França do final da década de 60, mais precisamente no ano de 1969, quando Michel Pêcheux, com a obra *Análise Automática do Discurso*, fez surgir, nesse cenário, uma nova visão para os estudos da linguagem, que buscava, principalmente, fazer um “questionamento sobre a epistemologia da Lingüística, por meio da problematização do corte saussureano, propondo a análise das

---

<sup>4</sup> D. Maldidier (2003) explica que a expressão **aventura teórica** foi usada por Thomas Herbert, pseudônimo de M. Pêcheux, em seu primeiro artigo: *Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, a psicologia social*, publicado no *Cahiers pour l’Analyse*, 2. O autor comenta nesse artigo que “uma ciência em estado nascente é uma ‘aventura teórica’ [...], o acesso ao objeto é obtido por caminhos ainda não franqueados, em que os passos em falso ainda não estão excluídos”.

condições de possibilidades do discurso, dos processos discursivos” (GREGOLIN, 2003, p. 7).

Inscribe-se aí o discurso como objeto de análise, partindo da compreensão de que ele não pode ser confundido com dado empírico ou texto, pois busca a Análise do Discurso a articulação da Lingüística, com a História e, entender o discurso como processo, determinado pelo tecido histórico-social que o constitui. Mالدidier (2003) afirma que o discurso em Pêcheux parece um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito.

A Análise do Discurso não se apresenta nessa época como uma teoria pronta e acabada. O próprio M. Pêcheux estabelece a metáfora de que o fazer ciência é uma “aventura teórica”, cujos passos em falso podem aparecer durante seu percurso. Por isso reconhece na AD três épocas distintas (AD-1; AD-2; AD-3), momentos em que o modelo teórico-metodológico foi se reformulando/aperfeiçoando para dar conta das inquietações do discurso em contextos de transformações sociais ocorridas ao longo das décadas de 60 a 80, e por que não incluir aos dias atuais<sup>5</sup>.

Dessa forma, faremos, a seguir, o percurso das três épocas da Análise do Discurso como forma de apresentar os deslocamentos sofridos no interior dessa disciplina e definir o lugar teórico em que situamos esta pesquisa.

### ***1.1.1 AD-1: Período de construção da maquinaria discursivo-estrutural***

*É enquanto sujeito que qualquer pessoa é  
“interpelada” a ocupar um lugar determinado  
no sistema de produção*

*Althusser*

Com a publicação da Análise Automática do Discurso em 1969 (AAD), Michel Pêcheux introduz, a partir da releitura de Saussure, uma nova perspectiva

---

<sup>5</sup> Gregolin (2006) afirma que do início dos anos 80 para cá, os cenários políticos e a paisagem da análise do discurso transformaram-se, tanto no Brasil quanto na França.



para o sentido, o sujeito e a história, trazendo para o centro da discussão o discurso como objeto de análise, visto que para Pêcheux o instrumento da prática política é o discurso. Para tanto, recusa a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, porque para ele a linguagem tem relação com o político e o histórico. Sua preocupação nesse momento é estabelecer uma ligação entre o discurso e a prática política que passa pela ideologia.

Assim, introduz o sujeito como efeito ideológico elementar, idéia já fortemente presente no segundo texto assinado como Tomaz Herbert, no qual analisa a ideologia enquanto um processo com “dupla face” vista sobre o lado do processo de produção e o lado das relações sociais. Assim, o sujeito é interpelado pela ideologia, é um sujeito assujeitado. Essa noção é justificada pela influência que Pêcheux recebe de Althusser que fez a releitura da obra de Marx, resultando nas teses sobre os *aparelhos ideológicos e assujeitamento*.

A proposta, nessa fase, foi criar um dispositivo de análise de textos baseado num “modelo de uma máquina de ler que arrancaria a leitura da subjetividade” (MALDIDIER, 2003, p. 21). É um método de análise por computador e foi, juntamente com os programas de lexicometria, um dos primeiros programas operacionais no domínio da análise de textos por computador (GADET et al, 1997). Esses autores lembram que para Pêcheux, a AAD 69 aparece formalizada sob uma dupla perspectiva: epistemológica (definir procedimentos repetíveis e comparáveis que definam de algum modo, heurística para a análise do discurso) e operacional que permite obter resultados empíricos, de maneira a propor uma alternativa teórica e metodológica à análise de conteúdo, cujo método de análise foi inspirado na lingüística harrisiana.

Dessa forma, em seu texto *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*, Pêcheux propõe uma teoria do discurso que se opõe à *Análise de Conteúdo* na medida em que estabelece novos olhares sobre o texto, a leitura, o sentido. Opera justamente na questão que a lingüística saussuriana deixou de lado, pois segundo Pêcheux (1997a, p. 62) “a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um sistema deixa de ser compreendida como tendo a função de exprimir sentido”. Por isso, o objeto da AD é o discurso, entendido como efeito de sentido entre os pontos A e B (PÊCHEUX, 1997a, p. 82) e estabelecido a partir

da crítica que Pêcheux faz a exclusão da fala por Saussure, pois, a oposição língua fala

autoriza a reaparição triunfal do sujeito falante como subjetividade em ato. [...] A fala, enquanto uso da língua, aparece como um caminho de liberdade humana; avançar no caminho estranho que conduz dos fonemas ao discurso é passar gradatim da necessidade do sistema à contingência da liberdade (1997a, p. 71-72).

Pêcheux insere o discurso como parte de um mecanismo em funcionamento, pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais, nem globalmente universais, mas que se inserem numa estrutura ideológica política, correspondendo a um certo lugar no interior de uma formação social dada. Nesse sentido, o discurso é regido por processos de produção, que é entendido como “conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em circunstâncias dadas” (op. Cit. p. 74), para ser mais específico, é o que se denomina condições de produção.

É devido às condições de produção que o funcionamento discursivo não é integralmente lingüístico, pois há um exterior que lhe é constitutivo. Nas palavras de Malidier (2003, p. 23)

a referência às condições de produção designava a concepção central do discurso determinado por um “exterior”, como se dizia então, para evocar tudo o que, fora a linguagem, faz que um discurso seja o que ele é: o tecido histórico-social que o constitui.

É ainda sob o impacto das condições de produção que um discurso não pode ser analisado como um texto, ou seja, uma seqüência lingüística fechada sob si mesma. Ele precisa ser relacionado ao conjunto de discursos possíveis e remetido às relações de sentido nas quais é produzido.

Dessa forma, Pêcheux propõe um esquema formal que permite chegar a uma definição operacional do estado das condições de produção de um discurso e descrever os requisitos teóricos e metodológicos do processo de produção do discurso. Para isso, rejeita o esquema da comunicação de Jakobson de mensagem como transmissão de informação para atuar com a noção de “efeito de sentido”, trazendo à tona o que já mencionamos acima: o discurso como efeito de sentido entre os pontos A e B. Sendo que os pontos A e B não se

referem à presença física de indivíduos, mas designam lugares determinados na estrutura de uma formação social. Ainda para Pêcheux, esses lugares são representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo, a partir de uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro e a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. O autor conclui que todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias.

Além dessas, outras questões foram discutidas por M. Pêcheux no período caracterizado como primeira época da AD, o qual se estende de 1969 a 1975<sup>6</sup>. Emergem conceitos como formação discursiva, formação ideológica, efeito metafórico, paráfrase, esquecimento N° 1 e esquecimento N° 2, dentre outros; e o discurso é relacionando com a ideologia; aparece remetido a um já-dito, ou seja, um interdiscurso que atravessa o fio discursivo, ou intradiscurso e às condições de produção do discurso<sup>7</sup>.

Estas questões estão aprofundadas no artigo publicado no número 24 da revista *Langages* (1971), intitulado “*A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*” em que re-trabalha a evidência do corte saussuriano; no artigo do número 37 da mesma revista, publicado em março de 1975, no qual ele, juntamente com a lingüista Catherine Fuchs estabelecem “*Atualizações e perspectivas a propósito da análise automática do discurso*”; e na obra *Lês Verités de la Palice* (1975), tradução brasileira *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*, na qual Pêcheux propõe uma teoria materialista do discurso, por meio da ligação do discurso com a ideologia; e também fortalece a noção de pré-construído<sup>8</sup> articulado ao interdiscurso. Esta obra marca a transição entre a primeira e a segunda época da AD.

Sabendo-se que a pretensão da AAD 69 era a construção de uma maquinaria discursivo-estrutural, Pêcheux (1997a) afirma que, ao propor uma teoria do discurso enquanto teoria geral da produção dos efeitos de sentido

---

<sup>6</sup> Para a cronologia das três épocas seguimos as datas apresentadas por Denise Maldidier no livro *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje*.

<sup>7</sup> É importante destacar que alguns desses conceitos não são os destaques da AAD, eles aparecem no final da primeira fase, sendo fortemente retomados na segunda.

<sup>8</sup> Segundo Maldidier (2003), p. 34) a questão do pré-construído vai constituir um ponto decisivo da teoria do discurso. Ela se articulará sobre a formulação de um conceito ainda ausente, mas que postulava já o texto de 1969, o conceito de “*interdiscurso*”.

pretendia realizar as condições de uma prática de leitura, enquanto detecção sistemática dos sintomas representativos dos efeitos de sentido no interior da superfície discursiva.

O que o leva a concluir, no balanço que fez da AD no texto intitulado “*A análise de discurso: três épocas*” - escrito em 1983, que na primeira época, um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos. Trata-se de um corpus fechado de seqüências discursivas. Um espaço discursivo supostamente dominado por condições de produção estáveis e homogêneas. As máquinas discursivas constituem unidades justapostas, na qual a existência do outro está subordinada ao primado do mesmo. Algumas idéias dessa fase aparecem, ainda, no que se denominou segunda época da AD, como se verá a seguir.

### ***1.1.2 - AD-2: Relação de forças desiguais entre os processos discursivos***

Nesse período que vai de 1976 a 1979 não há grandes inovações, os procedimentos para análise permanecem os mesmos. O maior deslocamento será no olhar sobre as “máquinas” que passam a ser vista por Pêcheux (1997b, p. 314) como “relações de forças desiguais entre os processos discursivos, estruturando o conjunto por dispositivos com influência desigual uns sobre os outros”. Assim, há mudança no objeto, se a AD 69 se propunha à leitura dos discursos ideológicos por meio de máquinas justapostas, nesse período há uma ampliação dos corpora: as relações entre as máquinas discursivas estruturais permitem observar influências internas desiguais, ultrapassando o nível da justaposição.

As discussões sobre formação discursiva contribuem para fazer explodir a noção de maquinaria estrutural fechada, isso porque a FD está em relação paradoxal com seu exterior. Pêcheux (1997b) explica que uma formação

discursiva é constitutivamente invadida por elementos que vêm de outro lugar, ou seja, de outras FD, que se repetem nela, fornecendo-lhe sua evidência discursiva fundamental, sejam sob a forma de pré-construídos ou de discursos transversos.

É assim que o termo interdiscurso ganha força, para designar o exterior de uma formação discursiva. Dessa forma, as formulações de Semântica e Discurso são alavancadas como fios condutores do percurso discursivo, sendo reafirmada a relação língua, discurso, ideologia. Nessa ótica, os sentidos sempre são determinados ideologicamente, por isso as formações discursivas representam no discurso as formações ideológicas, as palavras adquirem sentidos sempre de acordo com a formação discursiva em que se instala, ressaltando que é na discursividade que a ideologia produz seus efeitos.

Na questão da formação discursiva correspondendo à formação ideológica, o sujeito continua sendo visto como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da formação discursiva com a qual ele se identifica, marcando ainda a influência de Althusser.

Essa segunda época é caracterizada por Maldidier (2003) como “fase dos tateamentos”, a qual coincide, segundo a autora, com o início da grande fratura, da reviravolta da conjuntura teórica que desemboca no estabelecimento de um paradigma novo. Resultado de discussões consolidadas em seminários como o HPP, coordenados por P. Henry, M. Pêcheux e M. Plon, nos quais eram debatidas questões situadas no encontro da língua, da psicanálise e da política.

O período dos tateamentos é marcado também pela produção de textos que “aprofundam elaborações de 1975” (MALDIDIER, 2003, p. 61). Sob a influência da crise do marxismo são produzidos textos que apontam já outros deslocamentos para a análise de discurso. Dentre eles, destacamos: *Remontemos de Foucault a Spinoza*, em 1977; *Só há causa do que falha*, em 1978. Ambos estavam permeados pela crise teórica e política do contexto francês daquele período e caracterizam os “lugares de fala” de M. Pêcheux. Segundo Gregolin (2004a, p. 118-119)

esses textos refletem a luta no interior da teoria e da política. Eles retomam pontos estabelecidos em *Lês Verités de La Palice* (1975) e reelaboram conceitos, re-situando as noções de discurso, sujeito,

história e ideologia... Eles fazem “retificações”. Nesse panorama Foucault é alçado ao lugar de adversário estimulante, interlocutor com quem Pêcheux irá se digladiar mas cujo trabalho, ao mesmo tempo, era considerado como de “imenso interesse para a análise do discurso”.

Os resultados dessas discussões serão sentidos no período considerado como a terceira época da AD, na qual Pêcheux dialoga com Foucault, os autores da chamada Nova História e M. Bakhtin.

### ***1.1.3 - AD-3: É chegado um novo tempo para a AD, além das maquinarias...***

Na terceira época, compreendida como fase da desconstrução, cronologicamente marcada pelo período de 1980 a 1983, algumas categorias são revistas e outras são trazidas para a Análise do Discurso. Teoria e prática discursiva são interrogadas-negadas-desconstruídas por Pêcheux, que propõe uma abordagem discursiva da História investindo contra a evidência do sujeito e do sentido que procura descrever. O sujeito e o sentido passam a ser constituídos historicamente. A ideologia é vista como dividida, não idêntica a si mesma. Presença da heterogeneidade no próprio interior da ideologia e da formação discursiva (f.d). Resultado disso é uma minimização do assujeitamento do sujeito, visto que “no interior de uma mesma f. d, há espaço para o confronto, a divergência, a contra-identificação do sujeito, o que confirma a sua heterogeneidade constitutiva. O sujeito é clivado, atravessado constitutivamente pelo outro” (GRANGEIRO, 2005, p. 5).

É nessa fase que as idéias de M. Foucault são trazidas mais fortemente para a AD. Gregolin (2004a) afirma que o trabalho de J.J. Courtine (1981) sobre a história das práticas comunistas por meio da análise da heterogeneidade constitutiva de sua discursividade é o responsável pela apreensão das idéias de Foucault, principalmente do conceito de “formação discursiva” para a análise do interdiscurso e das heterogeneidades (aspas da autora). É a partir da releitura da *Arqueologia do Saber* feita por Courtine que a AD se volta para as questões da

alteridade, da heterogeneidade. A formação discursiva é “assombrada pelo seu antagonista”, ou seja, a alteridade aparece como constitutiva.

Nota-se, dessa forma, um deslocamento das teses althusserianas defendidas nas fases anteriores da AD, o que ocasionou mudanças teórico-metodológicas. Nas palavras de Gregolin (2004a, p. 175):

ao acatar a heterogeneidade, a dispersão, o acontecimento discursivo, a análise do discurso abandona o privilégio que até então fora concedido aos discursos de “porta-vozes legítimos” (impressos oficiais etc.) e, a partir de então, os trabalhos devem se confrontar com a “memória sob a história”, com os múltiplos enunciadores cujos enunciados “sulcam o arquivo não escrito dos discursos subterrâneos.

Com isso, categorias como memória discursiva e interdiscurso ganham destaque. Pêcheux já operava com o conceito de interdiscurso ao colocar a exterioridade como constitutiva dos sentidos. Para ele, o interdiscurso enquanto *pré-construído* fornece a matéria prima na qual o sujeito se constitui como sujeito falante com a formação discursiva. O intradiscurso é um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior”.

No entanto, nessa terceira época, a questão do interdiscurso ganha mais ênfase quando Pêcheux segue as teses foucaultianas da Arqueologia, que tomam o documento textual como monumento, e mostra como a história se recorta e (se define) em função de uma combinação sincrônica de discursos que se contradistinguem mutuamente e remetem às regras comuns de diferenciação, às regularidades discursivas. Pêcheux propõe que as investigações da análise do discurso passem a incidir sobre a *interdiscursividade* (GREGOLIN, 2004a).

A memória discursiva é trazida para a AD, através de J. J. Courtine, a partir do conceito foucaultiano de domínio de memória. Courtine (1999) lembra que “há sempre já um discurso”, ou seja, o enunciável é exterior ao sujeito enunciativo. É através da memória discursiva que é possível perceber a circulação de formulações anteriores. É ela que possibilita perceber, no intradiscurso, elementos do interdiscurso que aparecem re-significados.

Outra contribuição sentida nesse período é a influência da lingüista Jacqueline Authier-Revuz que, a partir das idéias de Bakhtin, apresenta questões

da heterogeneidade do discurso. Noção que faz explodir a idéia de maquinaria discursiva estrutural, visto que há o primado teórico do outro sobre o mesmo. A autora defende a tese de que a homogeneidade do discurso é uma ilusão, sendo o mesmo atravessado por discursos “outros” que denunciam a presença de diversas vozes em uma só voz.

Assim, é que nos anos 80 são sentidas as retificações em torno da análise do discurso, as quais evidenciam que o pensamento epistemológico de M. Pêcheux passou por processos de autocríticas para se chegar ao que se tem hoje, como *Análise de Discurso Francesa*. Esse re-ordenamento da teoria pode ser sentido principalmente em textos como *O estranho espelho da análise de discurso*, no qual Pêcheux afirma que é chegado o tempo de partir os espelhos, texto escrito como prefácio do livro de Jean Jacques Courtine e, no último texto de Pêcheux, intitulado *Discurso: estrutura ou acontecimento*, momento em que o autor analisa as mudanças provocadas pela mediação da política, tomando por base o enunciado “*on a gagné*”. Outro texto importante para fixar as novas perspectivas para a AD é *Lecture et Mémoire: Project de Recherche*<sup>9</sup> em que Pêcheux deixa claro seu afastamento das posições Althusserianas e sua aproximação com a Nova História, Bakhtin e Foucault.

Esse percurso histórico das três épocas da AD serve para marcar o lugar teórico de M. Pêcheux, M. Foucault e M. Bakhtin no interior da teoria, tendo em vista que é a partir desses três nomes que se edifica a AD e para justificar, então, a inscrição desta pesquisa no solo teórico da Análise do Discurso Francesa, retomando principalmente as formulações da terceira época, a partir da relação dialógica que travamos com esses autores para estudar o funcionamento discursivo da poesia de Patativa do Assaré.

Também para demarcar as diferenças entre o campo teórico da Análise do Discurso Francesa e outras abordagens que se tem de Análise do Discurso, além de outras áreas que tomam o discurso como objeto de análise. Das quais citamos a Análise Crítica do Discurso norte-americana ou anglo-saxônica que trata o discurso como prática social e tem em Norman Fairclough seu principal representante. Como afirma Charaudeau & Maingueneau (2006, p. 43) à análise

---

<sup>9</sup> Os textos aqui não foram citados por ordem cronológica.



do discurso podem-se atribuir definições as mais variadas: muito amplas, quando ela é considerada como um equivalente de “estudo do discurso” e restritivas quando, distinguindo diversas disciplinas que tomam o discurso como objeto.

A seguir, discorreremos sobre as categorias analíticas que fundamentam nosso trabalho e são basilares para a compreensão epistemológica da AD.

## ***1.2 - A propósito da noção de Formação Discursiva***

É notório que uma das noções mais discutida em Análise do Discurso de linha francesa é a de formação discursiva, tendo em vista ser um conceito que acarreta pontos de aproximação e afastamento entre os principais nomes da AD francesa. Pelo entrecruzamento com as noções de discurso e sujeito, o conceito de formação discursiva pode ser tratado ligado ou não à ideologia, conforme poderemos ver a partir das visões de Michel Pêcheux e Michel Foucault. Importante destacar com Courtine (2005, p. 31) que as noções de formação discursiva e de memória discursiva, tais como apreendidas não somente a partir dos trabalhos de Pêcheux, mas também de Foucault, sem que se tenha forçosamente necessidade de opô-las, não perderam em nada de sua pertinência.

À Michel Foucault é atribuída a “paternidade” do termo formação discursiva, o qual aparece pela primeira vez em sua obra *A arqueologia do saber* (1969). No entanto, Baronas (2004), em seu texto *Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade*, discute essa questão afirmando que pelo menos no seu processo de gestação esse conceito não veio da *A arqueologia do saber*, tendo em vista que no artigo de Culioli, Pêcheux e Fuchs, datado de 1968, esse termo já estava enunciado. Por isso ele afirma que o conceito de formação discursiva tenha derivado do paradigma marxista *formação social*, *formação ideológica* e a partir daí *formação discursiva*, preferindo, assim, atribuir “paternidade partilhada” ao termo.

Pensamos, no entanto, que mesmo o termo formação discursiva já figurando em texto de Pêcheux desde 1968, é de Foucault que ele toma de empréstimo essa noção para lhe atribuir às devidas especificidades. Expliquemos melhor esse burburinho, a partir da explanação de como é tratada a questão da formação discursiva nos dois autores.

Em seu livro, *A arqueologia do saber*, Foucault expõe um método teórico-metodológico para abordar o discurso. Essa obra aprofunda pontos já sinalizados no prefácio de *As palavras e as coisas*. É buscando averiguar as condições de possibilidades do discurso que recai as principais preocupações de Foucault, cuja perspectiva é teorizar “como apareceu um determinado enunciado e nenhum outro em seu lugar”. Para isso, toma o discurso como acontecimento e afirma: “é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos. [...] buscar o projeto de uma *descrição dos acontecimentos discursivos* como horizonte para a busca das unidades que aí se formam” (FOUCAULT 2007, p. 28-30). Sendo que esse projeto diferencia-se da análise da língua na medida em que toma o campo dos acontecimentos discursivos como o conjunto sempre finito e limitado das únicas seqüências lingüísticas que tenham sido formuladas, a partir de regras de construção do enunciado, que faz com que ele seja compreendido na estreiteza e singularidade de sua situação.

Assim, é que Foucault tomou para análise unidades inteiramente formadas como a psicopatologia, a medicina, a economia política, a gramática não para desvendar-lhes configurações internas ou contradições, mas para relacioná-las ao conjunto de todos os enunciados efetivos que tenham sido falados ou escritos, em sua dispersão de acontecimentos discursivos. Parte do princípio de discurso como prática discursiva que constitui os saberes/poderes desses domínios. Dessa forma, liga-se o conceito de formação discursiva a esses enunciados dispersos os quais constituem os discursos e que cabe ao analista descrever os sistemas de dispersão; nessa ordem, o autor explica que:

no caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (op. Cit. p. 43)

Para Foucault, a FD está condicionada a regras de formação que são as condições a que se submetem os elementos da repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). Essas regras de formação são condições de existência que possibilitam passar da dispersão para a regularidade das práticas discursivas e que particularizam uma formação discursiva, de forma a “não neutralizar o discurso, mas fazê-lo surgir na complexidade que lhe é própria”. Descrevendo-o a partir das diversidades enunciativas que constituem o objeto. No caso da análise do discurso da psicopatologia, Foucault não procurou reconstruir o que seria a própria loucura através de uma história do referente, ele relacionou o objeto ao conjunto de regras que permitem formá-lo como objeto de discurso e que constituem, assim, suas condições de aparecimento histórico, que desenvolve o nexos das regularidades que regem sua dispersão. O autor acrescenta que no discurso psiquiátrico a formação do objeto é assegurada por um conjunto de relações estabelecidas entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação. Assim

uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar (FOUCAULT, 2007, p. 50).

Com isso, a formação discursiva em Foucault não é definida em relação à ideologia, termo considerado por ele como “carregado de condições e conseqüências inadequadas para designar o sistema de dispersão” (FOUCAULT, 2007). Isso porque a palavra ideologia está profundamente marcada pela obliquidade histórica do marxismo, no tocante à luta de classes. Ele prefere acoplá-la aos saberes/poderes que constituem os domínios discursivos.

Já em Michel Pêcheux a noção de formação discursiva está em consonância direta com a questão da ideologia, tendo em vista que esse autor toma o termo de empréstimo a Michel Foucault, mas o faz aplicando uma conotação marxista ao termo, ou seja, aplica-o a uma teoria materialista ligada à ideologia e à luta de classes, resultado da influência Althusseriana. Pêcheux entende formação discursiva como:

aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) (PÊCHEUX, 1997c, p. 160).

Essa noção de FD oferece uma interpretação baseada na concepção lingüística de gênero discursivo. Mesmo que não haja citação direta de Pêcheux é possível apreender do conceito uma forte ligação aos gêneros a partir dos exemplos colocados entre parênteses. Isso possibilita pensar o que pode e deve ser dito em cada gênero, mas sem deixar de lado o fulcro na questão da luta de classes, fato que, para a teoria pechetiana, é o mais relevante.

Também em Pêcheux a noção de formação discursiva está fortemente articulada à formação ideológica (FI), visto que para ele os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas correspondentes. As FI são entendidas como uma instância ideológica em sua materialidade concreta, que ao mesmo tempo possuem um caráter regional e comportam posições de classe. São as relações de desigualdade-subordinação entre essas regiões que constituem a cena da luta ideológica de classes (PÊCHEUX, 1997c).

A proposta de Pêcheux, como já frisamos, é de construção de uma teoria materialista do discurso, por isso a questão da luta ideológica é tão presente em suas discussões. Dessa forma, afirma que “não se fica quite com o materialismo histórico pela simples referência às condições de produção sócio-histórica do discurso”. Cabe à Análise de Discurso a tarefa de

poder explicitar o conjunto complexo, desigual e contraditório das formações discursivas em jogo numa situação dada, sob a dominação do conjunto das formações ideológicas, tal como a luta ideológica das classes determina (PÊCHEUX, 1997c, p. 254).

A relação entre formação discursiva e formação ideológica figurava fortemente no artigo da revista *Langage* Nº 24<sup>10</sup>, em 1971, mas em *Semântica e discurso* (1975) esta questão é mais orientada, tendo em vista que Pêcheux

---

<sup>10</sup> Artigo já mencionado no item anterior, página 25.

evidencia que os processos discursivos se desenvolvem sobre a base lingüística, sem, no entanto, esquecer que esses processos se inscrevem numa relação ideológica de classe fundada pela contradição. O autor apresenta processo discursivo como: “o sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, etc., que funcionam entre elementos lingüísticos - “significante” - em uma formação discursiva dada” (PÊCHEUX, op.cit. p. 161). Assim é que agrega ao conceito de formação discursiva a discussão sobre o interdiscurso, ou seja, o “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no conjunto das formações ideológicas. Sendo que é pela transparência do sentido que a FD dissimula sua dependência do interdiscurso.

Desse ponto de vista, a formação discursiva é vista como heterogênea e instável, não é um espaço estrutural fechado, pois ela é constantemente invadida por elementos provenientes de outros lugares, ou seja, de outras formações discursivas. Essa tese vai ser aprofundada por Pêcheux em seus textos pós anos 80 e por outros autores como Marandin, 1979 e Courtine, 1981.

É principalmente do conceito de formação discursiva que se estabelece a aproximação entre Pêcheux e Foucault consolidada na idéia de heterogeneidade da FD, porém, são mantidas as especificidades do conceito nos dois autores, marcadas de forma mais evidente pela relação do termo à ideologia. Vale ressaltar uma crítica que Pêcheux aponta em *Semântica e Discurso* da contribuição de Foucault para a teoria do discurso:

em sua *Arqueologia do saber* que, por muitos aspectos, apresenta um extraordinário interesse para a teoria do discurso, M. Foucault “retrocede” sobre o que ele mesmo avança, volta à sociologia das instituições e dos papéis, por não reconhecer a existência da luta (ideológica) de classes (1997c, p. 254).

Isso reflete as posições epistemológicas de cada teórico e reafirma o que Mainguenu & Charaudeau (2006, p. 242) discorrem a respeito da noção de formação discursiva. Para eles em função de sua dupla origem, o termo “formação discursiva” obteve grande êxito. Podem designar todo um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa. Esses autores afirmam, ainda, que uma formação discursiva pode ser apreendida de duas formas: uma concepção contrastiva

(pensada como um espaço autônomo que se coloca em relação a outros) ou como uma concepção interdiscursiva (uma FD apenas se constitui e se mantém pelo interdiscurso).

Para este trabalho optamos pela segunda concepção, ou seja, a formação discursiva em relação com o interdiscurso, como espaço heterogêneo que se constitui na articulação com o outro, nunca como espaço homogêneo, fechado sobre si mesmo. Concordamos com Courtine (1981, p. 31) “qualquer conjunto de discursos (discurso comunista, discurso socialista...) deve ser pensado como unidade dividida, em uma heterogeneidade em relação a si mesmo”.

Outras categorias de análise são importantes para a Análise de Discurso. Atrelada à noção de formação discursiva, Pêcheux aponta novos rumos para serem rediscutidos no projeto da análise de discurso, principalmente nos escritos pós anos 80, quais sejam: as redes de memória, os percursos dos sentidos, as materialidades discursivas, os quais favorecem a relação entre formação discursiva, memória e história. Tudo isso como reflexo da aproximação Pêcheux/Foucault na Análise do Discurso. Algumas dessas categorias serão contempladas no tópico seguinte.

### ***1.3 - Nas veredas do discurso, da história e do sentido***

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
[...]  
Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma tem mil faces secretas  
sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

“Penetrar surdamente no reino das palavras”: eis o convite que o poeta nos faz, no entanto, a ele não foi apresentada a idéia de que o sentido não está nas palavras, preso na linearidade do significante. Ao contrário, ele é móvel,

escorregadio, tem realmente “mil faces secretas” que podem ser apreendidas pela formação discursiva em que está inserido, tendo em vista que, para a Análise de discurso, a linguagem não é neutra, ela significa pela relação com a história; o sentido é construído no funcionamento discursivo, é preciso questionar a evidência do sentido. Assim, Michel Pêcheux compreende o discurso como processo ideológico que não pode ser concebido sem levar em consideração as suas condições de produção e o seu processo de significação. Dessa forma, a AD visa compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, como eles estão investidos de significância *para e por* sujeitos. De acordo com Pêcheux (1997c):

o sentido de uma palavra, expressão, proposição, não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas.

No funcionamento discursivo, as palavras mudam de sentido, não há um sentido único, ele não está na materialidade da língua, o sentido é constituído no interior da formação discursiva. Dessa forma, a Semântica apresenta-se como fator de destaque nas discussões lingüísticas travadas por Pêcheux. Segundo ele é justamente nas questões do sentido que se insere o edifício teórico da análise do discurso, de forma a contribuir para o desenvolvimento da contradição deixada pelas tendências lingüísticas<sup>11</sup>. Esse autor questiona as “evidências fundadoras da Semântica”, a partir da elaboração de uma teoria materialista que tente resolver aspectos relativos à Semântica, que para a Lingüística se apresenta como ponto nodal. Sobre isso, Pêcheux (1997c, p. 20) afirma:

a Semântica, que se apresenta como uma parte da Lingüística - ao mesmo título que a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe - constitui de fato para a Lingüística, o ponto nodal das contradições que a atravessam e a organizam sob a forma de tendências, direções de pesquisa, ‘escolas lingüísticas’, etc., as quais, em um mesmo movimento, manifestam e encobrem (tentam enterrar) essas contradições. Se a Semântica constitui para a Lingüística tal ponto nodal, é porque é nesse ponto, e mais freqüentemente sem reconhecê-

---

<sup>11</sup> Pêcheux aponta três tendências principais dos estudos lingüísticos, as quais se opõem, se combinam e se subordinam umas às outras. São elas: a tendência formalista-logicista, essencialmente organizada na escola Chomskyana; a tendência histórica e a última tendência que se poderia chamar “lingüística da fala” (ou da enunciação, da “performace”, da “mensagem”, do texto, do “discurso”, etc) (Op. Cit. p. 21).

lo, que a Lingüística tem a ver com a Filosofia (e, como veremos, com a ciência das formações sociais ou materialismo histórico).

Nesse sentido, é possível travar um diálogo entre a lingüística, a filosofia e o materialismo histórico, Pêcheux o faz retomando autores da Filosofia da Linguagem como Husserl e principalmente, o lógico Frege no tocante às suas posições antipsicologistas. Também dialogou com J. Lacan pela releitura que fez de Freud. Esses diálogos são necessários para estabelecer a Teoria do Discurso, com fulcro no materialismo histórico.

Sendo o sentido o cerne do projeto pechetiano, é preciso esclarecer que as inquietações desse teórico vão além da atribuição de um sentido único, fixo, imutável; o que se visa é a construção de múltiplos efeitos de sentido, tendo em vista que na perspectiva discursiva, “a linguagem é linguagem porque faz sentido, e só faz sentido porque se inscreve na história” (ORLANDI, 2002, p. 25). Dessa forma, a leitura mostra-se como não transparente, sendo necessários dispositivos teóricos que forneçam ao analista gestos de interpretação. Entretanto, a Análise do Discurso não pára na interpretação, vai mais além, e trabalha seus limites, seus mecanismos como parte dos processos de significação. Orlandi (2002, p. 26) destaca ainda:

a Análise do Discurso não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender.

Em face da não evidência do sentido é preciso estabelecer articulações que ultrapassam a Lingüística imanente, ir além de sintagmas e paradigmas para compreender que as movências do sentido estão no entrelaçamento da língua com a história, tendo em vista que as palavras significam pela língua e pela história, sendo, portanto a exterioridade constitutiva do sentido. “O fazer sentido é efeito dos processos discursivos que envolvem os sujeitos com os textos e ambos com a História” (GREGOLIN, 2001, p. 9). É nesse âmbito que Pêcheux estabelece o real da língua e o real da história, pois o discurso está na intersecção entre eles. O discurso se consolida em diversas materialidades,



lingüísticas ou não, em diferentes suportes, nos quais os textos apresentam uma idéia camuflada de completude, de unicidade do sentido. No entanto recorreremos a uma imagem de Gregolin (2001, p. 9) para contestar a idéia dessa unicidade do sentido

como alçapões, os textos capturam e transformam a infinitude dos sentidos em uma momentânea completude. Só por instantes, até que o leitor, perseguindo as pegadas inscritas na materialidade textual, na prática da interpretação, devolve-lhes sua natural incompletude e eles alçam vôo, novamente, devolvidos à agilidade das asas que os suspendem. Inseridos na história e na memória, cada texto nasce de um permanente diálogo com outros textos; por isso, não havendo como encontrar a palavra fundadora, a origem, a fonte, **os sujeitos só podem encontrar os sentidos no pleno vôo.**

É nesse pleno vôo que o discurso é tomado como “efeito de sentido entre sujeitos” e está atrelado às condições de produção as quais não se restringem ao contexto da enunciação. Elas envolvem principalmente os sujeitos e a situação social; aspectos históricos, sociais e ideológicos que envolvem o discurso, ou que possibilitam a produção do discurso (FERNANDES 2005) e interferem na construção dos seus efeitos de sentido dos processos discursivos. Por isso, é possível entender que o sentido é móvel, o enunciado é favorável ao deslizamento do sentido. Nas palavras de Pêcheux (2006, p. 53) “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

Vinculada a essa idéia de sentido, o discurso está nas práticas da linguagem, só se pode compreendê-lo no movimento cambiante da língua. Como um córrego, o discurso tem em si a idéia de curso, percurso, correr por, de movimento, uma agilidade que lhe é inerente e se contrapõe ao movimento estático. Por isso, “o discurso é assim palavra em movimento: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. [...] a língua funcionando para a produção de sentidos” (ORLANDI, 2002).

Assim, o discurso se apresenta como um objeto específico e paradoxal, na medida em que não é nem totalmente lingüístico nem totalmente histórico. Por isso, a Análise de Discurso foi alvo de críticas; para alguns ela não era uma disciplina da Lingüística, o que gerou uma crise de identidade da teoria. No

entanto, consideramos improdutiva essa questão, pois não se pode negligenciar o papel da linguagem nos estudos da Análise de Discurso, afinal, o discurso mesmo não sendo nem a língua nem a fala apóia-se em elementos lingüísticos para ter uma existência material. Sua análise não pode ser limitada aos aspectos estritamente lingüísticos, tendo em vista que o discurso vale-se de uma exterioridade que lhe é constitutiva, envolve aspectos históricos. É necessário sair da superfície lingüística para compreender os enunciados em sua dimensão discursiva. Sobre isso, observa Orlandi (2002. p. 16)

Os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da lingüística. Não se trabalha como na lingüística com a língua fechada nela mesma, mas com o discurso, que é um objeto sócio-histórico em que o lingüístico intervem como pressuposto. Nem se trabalha por outro lado, com a história e a sociedade como se elas fossem independentes do fato de que elas significam.

É pela utilização de um objeto tão heteróclito que a AD chama para o diálogo a História, para dar conta da dimensão social da linguagem em estreita relação com o seu exterior. Sujeito e sentido são historicamente determinados através de práticas discursivas controladas pela ordem do discurso: “não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, qualquer um não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 1999, p. 9). É preciso relacionar o enunciado a um feixe de relações que o coloca em um campo de exterioridade.

Desde sua gênese, a Análise de Discurso tem articulação com a história. Pêcheux, ao criar a teoria materialista do discurso, concebe-a como um dispositivo que coloca em relação o campo da língua (suscetível de ser estudada em sua forma plena pela lingüística) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica) (GADET, 1997). No entanto, com as transformações/reformulações sofridas no interior da AD, essa disciplina passa a dialogar, diretamente, com as questões da Nova História. Isso, como resultado das contribuições de Foucault para a teoria do discurso, tendo em vista que esse filósofo estabeleceu profundas reflexões

acerca do discurso e da história, a partir das idéias de Nietzsche e das teses da Nova História. O objetivo de Foucault, segundo Gregolin (2004b, p. 21), foi

colocar em questão os métodos, os limites, os temas próprios da História tradicional, criticando o fato de ela voltar sua atenção para os longos períodos e acentuar a alternância entre equilíbrios, regulação e continuidades, apagando, assim, a dispersão, os acidentes, a descontinuidade. A partir de Nietzsche, Foucault propõe uma história “genealógica”, que problematiza o passado a fim de desvelar suas camadas arqueológicas e se volta para uma aguda crítica do presente.

Dessa forma, Foucault (2007) estabelece o método arqueológico partindo de um olhar sobre a História como descontinuidade e dispersão, pois para ele um dos traços mais importantes da História Nova é o deslocamento do descontínuo como um conceito operatório que se utiliza. E como resultado passa a enxergar o documento como monumento, buscando não uma análise do que os homens fizeram ou disseram, mas sim, definir no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações; não para interpretar o documento, ou determinar se diz à verdade, mas para trabalhá-lo no interior e elaborá-lo. Assim, o acontecimento passa a ser tratado em face de um conjunto heterogêneo de relações; e a tarefa da História seria determinar as formas de relação, os sistemas verticais que podem formar, o jogo das correlações e das dominâncias, os efeitos, as temporalidades, as permanências, os conjuntos diferentes que os elementos podem figurar, ou seja, a “série de séries” ou quadros que são possíveis construir. E isso consiste o espaço da dispersão (FOUCAULT, 2007).

Em sua arqueologia Foucault teorizou sobre o discurso e a história, abordando categorias que tomam o enunciado como menor unidade para se chegar ao arquivo como unidade mais ampla. Por isso, esse filósofo concebe as formações discursivas como grupos de enunciados, nos quais o discurso é apresentado como prática que obedece a regras. Cabe ao método arqueológico descrever as práticas discursivas, porque são elas que constituem e determinam os objetos, pois para Foucault as coisas não preexistem às práticas discursivas.

O conceito de discurso foucaultiano reflete as contribuições desse novo olhar sobre a História: descontinuidade, dispersão, ruptura; são elementos que povoam os enunciados os quais se apresentam como regularidades discursivas,

embora imersos numa dispersão temporal e inseridos numa função enunciativa. Para o autor,

discurso é um conjunto de enunciados que se apóia na mesma formação discursiva, fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história. **Sistema de dispersão** e de repartição, não das formulações das frases ou das proposições, mas dos enunciados. Conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, do discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico (FOUCAULT, 2007).

E nesse espaço instauram-se novos objetos e uma nova visão do sujeito que passa a ocupar uma posição, opondo-se ao sujeito soberano, tratado pela história tradicional, a qual se apresentava como o lugar das continuidades ininterruptas “a história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito. [...] É uma forma de proteger a soberania do sujeito e as figuras gêmeas da antropologia e do humanismo”, afirma Foucault (2007, p. 14).

A história age no discurso como um exterior constitutivo. Interessa não mais memorizar “os monumentos do passado, transformá-los em documentos” (GREGOLIN, 2004b, p. 25), mas interpretar o acontecimento a partir de um conjunto heterogêneo de relações. Ao ler o documento como monumento, a História realiza a passagem da memória coletiva para a memória histórica, busca-se utilizar a memória como dispositivo do funcionamento discursivo na interpretação dos acontecimentos.

É preciso discorrer com mais precisão sobre sujeito, memória e identidade, pois Foucault ao inserir o componente discursivo entendido como prática e como acontecimento, constituído por regularidade e dispersão, abre espaço para inclusão desses domínios no campo da Análise do Discurso de forma que fogem à visão tradicional com que eram tratados por outras teorias. Abaixo discutimos acerca da noção de sujeito na AD; identidade e memória serão abordadas no terceiro capítulo, juntamente com a análise do corpus.

## 1.4 - Explorando o solo em busca da noção de sujeito

*Sei o que pode haver de árido no fato de tratar os discursos não a partir da doce, muda e íntima consciência que aí se exprime, mas de um obscuro conjunto de regras anônimas.*

*Michel Foucault*

É difícil fugir do lugar comum. Sair da comodidade das certezas para mergulhar na inquietante façanha da desconstrução. Por muito tempo, o sujeito foi tratado nas Ciências Humanas como a origem e o fundamento do seu dizer, dominador dos sentidos, tese defendida pelas concepções psicologizantes e humanistas. Opor-se a tais teses: eis o propósito de Michel Foucault. Ao teorizar sobre a constituição dos saberes nas Ciências Humanas o faz enfocando questões relativas ao discurso, nelas incluindo o sujeito no centro da discussão, com a visão de que é preciso fazer emergir a figura do sujeito inserido na rede histórica e na trama discursiva.

A noção de sujeito é fundamental para a Análise do Discurso. No entanto, a AD não trata do sujeito físico, nem dos seus lugares empíricos, o sujeito é social. A partir de imagens resultantes de projeções, permitem passar das situações empíricas, dos lugares de sujeito para as posições dos sujeitos no discurso (ORLANDI 2002).

Assim, o sujeito na AD é cindido, complexo, heterogêneo, descentrado. É um sujeito histórico e socialmente constituído; sempre em construção. Concordamos com Foucault (2007) ao afirmar que o sujeito do enunciado não é o indivíduo, mas uma função determinada, pode mudar de um enunciado a outro. É uma função vazia e pode ser exercida por indivíduos diferentes ou por um mesmo indivíduo que pode ocupar, numa série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos. Essa posição pode permanecer idêntica a si mesma, através de várias frases ou se modificar a cada uma. É isso que caracteriza toda formulação enquanto enunciado, constituindo um dos traços da função enunciativa. Esse autor opera por negativas na construção das categorias propostas na arqueologia. Com a noção de sujeito não seria diferente, para ele:

Não é preciso, pois, conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação. **Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase;** não é tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso. **É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes.** (FOUCAULT, 2007, p. 107)

Ao propor a relação do sujeito com o enunciado Foucault desperta para o fato de que é preciso não confundir esse sujeito do enunciado com outras abordagens de sujeito presentes na Lingüística. Como exemplo, a questão da subjetividade na linguagem proposta por Benveniste, para quem a linguagem só faz sentido porque está na natureza do homem. “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Dessa forma, para o autor, a subjetividade se caracteriza na linguagem pela presença de um homem que fala e é considerado origem do seu dizer. Ela é compreendida, então, como a capacidade do locutor se propor como sujeito dentro de um universo lingüístico, no qual suas experiências são ressaltadas na emergência da linguagem. “É “ego” que diz ego” e se manifesta pelo status lingüístico da “pessoa”. Assim, afirma:

é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. [...] Ser sujeito é remeter a si mesmo como *eu* no seu discurso (BENVENISTE, 2005, p. 286).

De acordo com esse autor, a subjetividade se manifesta nas formas lingüísticas, em particular nos pronomes pessoais que indicam a pessoa que fala. Um *eu* dirige-se a um *tu*, ou seja, esse eu se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado e lhe designa um locutor. Benveniste acrescenta ainda que esse *eu* só é identificado na instância do discurso, pela referência ao momento em que se fala.

É na instância do discurso, na qual eu designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. O fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo (op.cit, p. 288).

É principalmente sobre essa questão que se opõe Foucault ao afirmar que o sujeito do enunciado não está nas formas lingüísticas. Para ele, “não é preciso, na verdade, reduzir o sujeito do enunciado aos elementos gramaticais de primeira pessoa que estão presentes no interior da frase” (FOUCAULT, 2007, P. 104). Isso porque, segundo o autor, o sujeito do enunciado não está dentro do sintagma lingüístico; e mesmo um enunciado que não comporta primeira pessoa tem, ainda assim, um sujeito. Por fim, não há um único e mesmo tipo de relação entre o sujeito e o enunciado, mesmo nos que têm forma gramatical fixa, seja de primeira ou segunda pessoa.

Há ainda que se mencionar, nessa discussão sobre o sujeito, a visão que dominou, sobretudo a primeira e a segunda fase da AD. Trata-se do assujeitamento como base para se compreender o sujeito na dimensão discursiva. Essa tese é o reflexo da influência de Louis Althusser que, na releitura da obra de Marx, apresenta a teoria sobre os aparelhos repressores e os aparelhos ideológicos do estado. Nesse último incide as idéias de que: só existe prática através e sob uma ideologia; só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos. Isso quer dizer que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos, visto que para Althusser a categoria sujeito é constitutiva de toda ideologia, uma vez que a função de toda ideologia é constituir indivíduos concretos em sujeitos, criando um jogo de dupla constituição.

Sugerimos então que a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que ela “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (ela transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos interpelação (ALTHUSSER, 2003, p. 96).

Dessa forma, o sujeito é assujeitado, não é dono de seu discurso, é conduzido pelas estruturas, sofre coerções da ideologia e do inconsciente<sup>12</sup>,

---

<sup>12</sup> Esse assujeitamento através do inconsciente é resultado das teses de Lacan sobre sujeito, ele se pauta na concepção de sujeito “inconsciente”, que não controla o sentido do que diz. O inconsciente controla todos os atos do ser, principalmente os atos de linguagem.

falando a partir do lugar que ocupa, o qual já está invadido por um discurso anterior que fala através dele. Prova disso é que o indivíduo em Althusser é um sempre/já sujeito, são “abstratos” em relação aos sujeitos que existem desde sempre. Exemplifica afirmando que a criança antes de nascer é, portanto um sujeito, determinada através da configuração ideológica familiar que está fortemente estruturada, na qual o já-presente futuro-sujeito “encontrará” o seu lugar.

A Análise do Discurso é herdeira direta dessas teses sobre sujeito, tendo em vista que é principalmente sobre as questões do sujeito que recai a ruptura da AD com outras disciplinas, em especial com a Pragmática que concebe o sujeito como consciente e dotado de um saber, de uma capacidade de escolhas que reflete na intenção de seus atos e produção do seu discurso. É um sujeito psicológico uno e consciente, características que são excluídas pela AD, pois ela considera que sujeito e discurso são atravessados pelo inconsciente e pela ideologia. “Diremos que os indivíduos são ‘interpelado’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997a, p. 161).

Todavia, é preciso destacar que esse assujeitamento hard predominou no período de fundação da AD (AD 1 - AD2). O próprio Pêcheux (1997b), no texto em que faz um balanço da história da teoria, aponta que, nesse período, sua posição sobre a produção discursiva resulta no fato de que: um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos, os sujeitos acreditam que utilizam seus discursos, quando são, na verdade, seus servos, assujeitados. Já no texto *Discurso: estrutura ou acontecimento* aponta para questões sobre redes de memória e trajetos sociais, reconhece que há o outro nas sociedades e na história; vê o discurso não só como estrutura, mas como acontecimento, isso o faz reconhecer que:

A noção de formação discursiva derivou muitas vezes para a idéia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um **apagamento do acontecimento**. (PÊCHEUX, 2006, p. 56)



Essa questão nos leva a refletir que o acontecimento necessita de um sujeito menos assujeitado para realizá-lo em práticas discursivas. Dessa forma, concordamos que o sujeito na AD precisa ser compreendido de outra forma, não como senhor absoluto de sua vontade, de seu dizer, nem como sujeito origem ou da intenção, mas como uma categoria que não está totalmente manipulada pela estrutura, seja ideológica ou do inconsciente.

É preciso ver o sujeito inserido em práticas discursivas historicamente constituídas, sem negar que “há o outro nas sociedades e na história” inserido numa rede de relações, nas quais as filiações históricas podem ser organizadas em redes de memória que oportunizam a interpretação. Neste trabalho adotamos a concepção foucaultiana de sujeito, vendo-o como uma função vazia que pode ocupar várias funções, inclusive a de autor.

Ressaltamos, ainda com Foucault, que “seria igualmente falso buscar o autor tanto do lado do escritor real quanto do lado do locutor fictício: a função autor é realizada na própria cisão - nessa divisão e nessa distância” (2006, p. 279). No entanto, não podemos deixar de trazer para este trabalho, a contextualização do sujeito empírico Patativa do Assaré, caracterizando o seu lugar de fala e sua inserção como sujeito-autor. É sobre isso que trataremos no segundo capítulo.

## CAPÍTULO 2 - CANTOS E VÔOS DO POETA PATATIVA DO ASSARÉ

## 2.1 - De Antonio Gonçalves à Patativa do Assaré: gênese de uma trajetória<sup>13</sup>

*Ave, Patativa. As palavras são imperfeitas para tentar esboçar um perfil, por mais apressado que seja, esgarçado e tênue, impreciso e rígido. Patativa do Assaré é a própria voz que enuncia, conciliando natureza e cultura, engenho e arte, razão e emoção.*

*Gilmar de Carvalho*

Serra de Santana, sítio localizado a três léguas da cidade de Assaré-CE, ambiente tipicamente rural como os demais do sertão nordestino, cuja história transcorreria sem muito destaque se não fosse pelo fato de ser o cenário da maior parte da vida de um poeta que mais tarde se tornaria conhecido internacionalmente.

Antonio Gonçalves da Silva nasceu no dia 05 de março de 1909, filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva. É o segundo de cinco filhos. Teve, juntamente com seu irmão mais velho, que assumir responsabilidades muito cedo para cuidar de seus outros irmãos, tendo em vista o falecimento do pai, que era agricultor e deixou seu ofício e uma pequena parte de terra como única herança para a esposa e os filhos. Trabalhar à terra passou a ser a principal ocupação do garoto de 8 anos, pois a família vivia em completa pobreza.

Daquele tempo, uma das suas distrações era matar passarinhos, costume comum entre os meninos da Serra. Tinha boa pontaria, mesmo tendo ficado cego de um olho, ainda no período de dentição, por volta de um ano de idade, em virtude de uma doença infantil, popularmente conhecida como Dor-d'olhos<sup>14</sup>. Sobre isso, mais tarde, criou o seguinte verso:

*Perdi meu óio direito,  
Ficando mesmo imperfeito  
Sem vê nem perto, nem longe,  
Mas logo me conformei  
Por saber que assim fiquei  
Parecido com Camonge*

<sup>13</sup> As informações para este capítulo foram colhidas da autobiografia de Patativa, e dos livros de Gilmar de Carvalho(2002a), Cláudio Henrique Sales Andrade (2004) e Luiz Tadeu Feitosa (2003).

<sup>14</sup> É possível encontrar controvérsia sobre esse fato, em entrevista a Gilmar de Carvalho, o poeta afirma que ficou cego aos quatro anos, devido ao sarampo.

Fato tratado com humor por apresentar semelhança com a história do poeta português Luiz de Camões, que também ficou cego, vitimado na guerra de Celta.

Entretanto, aventura de matar passarinhos não durou por muito tempo, pois em certo momento Antonio Gonçalves passou mais a admirar o canto dos pássaros do que sentir vontade de matá-los. Inicia-se aí seu encanto pela sonoridade, aguçado pela escuta dos folhetos de cordel. Assim, aos oito anos foi despertado o seu interesse pelos versos, mesmo antes de ser alfabetizado. Nessa época começou a versejar e a improvisar cantorias, como ele mesmo relembra em entrevista a Andrade (2004), ao falar sobre o seu dom poético:

... Você esqueceu de perguntar uma das principais perguntas que é quando eu pude reconhecer que... era possuidor do dom poético... Eu vou lhe explicar, viu? Eu passei a minha infância em extrema pobreza, mas uma infância alegre, cheia de beleza, porque já nasci, posso dizer, com este dom... ouvindo os passarinhos cantar... passava horas e mais horas sentado em uma pedra, ou mesmo no chão, ouvindo os passarinhos cantando; cada passarinho com a sua voz, com a sua canção diferente, tudo aquilo estava guardado em mim e eu ouvia com muito prazer. Quando eu tinha apenas oito anos que nem era alfabetizado ainda, foi quando eu vi pela primeira vez uma mulher ler um folheto de cordel... coisa que eu nunca tinha assistido, então fiquei maravilhado com aquilo, com aquela linguagem tão bonita! Aquelas rimas combinando umas com as outras, aquela beleza de expressão! Tudo aquilo me deixou como que encantado, então, daquele dia, daquele momento em diante eu pude conhecer que poderia reproduzir, também em versos, qualquer coisa que eu quisesse e dali continuei sempre procurando quem tinha cordel pra ler pra mim...

É importante notar que o poeta atribui sua capacidade de versejar ao dom, algo divino, inato que foi desperto pela leitura de cordel, mas já iniciado com a admiração ao canto dos pássaros. Era o menino que escutava a natureza como se essa quisesse lhe transmitir uma mensagem, dar-lhe um aviso de que ele também poderia cantar em ritmo tão harmonioso quanto aqueles que estava ouvindo. É pela voz de uma mulher que lhe vem a confirmação: ao ouvir a leitura de cordel, percebe que pode também criar aquelas composições, pode transformar em rimas qualquer coisa que queira. “Se antes escutava o canto dos passarinhos, agora ouve o canto dos poetas” (ANDRADE, 2004, p. 35).

Nesse momento, o aspirante a poeta se comove pela beleza da linguagem e o seu ouvido é aguçado diante da possibilidade de criar versos. É através do

exercício da escuta que começa a desenvolver sua habilidade criadora, sempre em composições orais que transmitem a inquietante contemplação à natureza e à cultura, numa demonstração de ser não só um versejador como principalmente um poeta, já que se diferencia dos versejadores, conforme afirma em entrevista a Carvalho (2002a) “nós temos muito versejador, mas o poeta mesmo, o que tem a criatividade, nós temos uma infinidade não. Agora, versejador nós temos muito, viu? Eu sou o poeta que crio tudo na minha imaginação”.

É possível justificar o fato de o poeta atribuir ao dom, às capacidades inatas seus dotes de versejar, pois mesmo sem ter sido alfabetizado e com menos de dez anos já conseguia fazer versos sobre o lugar no qual nasceu, brincadeiras de noites de São João para moças casamenteiras e também sobre os preguiçosos que deixavam o mato estragar as roças, temas relacionados ao seu cotidiano. No entanto, é com a descoberta da leitura que sua capacidade é ampliada, tendo em vista que freqüentou a escola quando tinha doze anos, por seis<sup>15</sup> meses e tornou-se autodidata,

depois que eu fui alfabetizado, não... tudo melhorou porque... não vou dizer que a leitura fosse aumentar o meu dom, mas pelo menos ia mostrar a beleza de outros poetas como fosse esses grandes poetas que nós temos ainda na memória, como Guimarães Passos, viu? Artur Azevedo, Aluizio de Azevedo, e muitos outros, viu? Mas a minha poesia é uma poesia rude, a poesia do povo.

Percebe-se, nesse trecho, que o próprio poeta considera sua poesia de caráter inferior, caracterizando-a como rude, mas ressalta que é uma poesia do povo, o que a diferencia da poesia dos outros escritores. No entanto, ao mesmo tempo, não nega a influência destes para a sua lira.

Ainda na trajetória de Antonio Gonçalves, é preciso destacar a viagem feita ao Pará, momento profundamente marcante na sua sedimentação como poeta. Foi no ano de 1928, quando o primo da mãe do poeta, José Pereira Montoril, mais conhecido como Cazuzinha, estando de passagem pelo Assaré para visitar os parentes que há muito tempo não via, pois fixara residência em

---

<sup>15</sup> É possível encontrar em outras biografias a referência a apenas quatro meses como período em que freqüentou a escola. Aqui nos baseamos na entrevista do poeta a Gilmar de Carvalho (2002a), na qual ele afirma: “De escola, eu passei apenas seis meses eu aprendi a ler, então dali por diante meus professores foram os livros, viu?”

Belém, o convidou para com ele viajar pela região do Amazonas. Isso porque, ficou entusiasmado pela forma com que o poeta improvisava ao som da viola. Insistiu muito com a prima, Mariô, para que deixasse seu jovem filho de vinte anos realizar a viagem, pois poderia apresentá-lo a outros poetas e isso o ajudaria em sua carreira, bem como seria uma forma de divulgação do trabalho artístico junto aos demais nordestinos que residiam naquela região.

Já no Pará, Antonio Gonçalves foi apresentado a José Carvalho de Brito, cearense da cidade do Crato, que era tabelião do primeiro cartório de Belém, estudioso do folclore, correspondente do jornal *Correio do Ceará* e poeta. José Carvalho então, foi uma importante figura para a divulgação de seu trabalho e responsável pela alcunha de Patativa à Antonio Gonçalves, chegando a escrever sobre ele em seu livro *O caboclo do Pará e o matuto cearense*, publicado em 1930, no qual o autor “compara a natureza melodiosa e espontânea do versejar do poeta com a beleza do canto da patativa, pequena ave cantora do sertão nordestino” (ANDRADE, 2004, p. 39). Também escreveu versos sobre Patativa que circularam no jornal *Correio do Ceará*:

*É ave que canta solta  
Inda mais canta cativa  
Seu nome agora é Antonio,  
Crismado por Patativa.*

E o pseudônimo foi tomando mais e mais dimensão, até ser agregado a locução “do Assaré”, para se referir à sua terra natal e distinguir-se de outros patativas que foram aparecendo. Sobre isso, relembra o poeta:

Ele colaborava no *Correio do Ceará* e os ditos versos que ele fez, botando o meu apelido de Patativa, ele publicou no *Correio do Ceará* e o jornal circulou e o apelido pegou. Ficaram me chamando de Patativa, Patativa, Patativa... Depois surgiram outros Patativas mesmo na Paraíba, Rio Grande, não sei o quê, também violeiros, mas quando saía alguma coisa publicada, eu fazia parte às vezes em jornal por aí, diziam: “Aqui tem uma poesia do Patativa!” O ouvinte dizia logo: “Se é do Patativa do Assaré, eu quero!” Aí ficou Patativa do Assaré, por causa desses, pra poder distinguir dos outros, viu? Patativa do Assaré, Patativa do Assaré... e hoje muita gente num sabe nem minha assinatura, o meu nome de Antonio...

Nessa aventura sobre as águas, quem estava acostumado com o calor e a pisar em solo firme, não consegue ficar muito tempo. Por isso, em seis meses,

depois de ter andado por várias cidades da região Norte, visitado parentes, cantado e recitado versos ao som da viola, improvisando repentes e feito várias outras apresentações, Patativa decide voltar ao seu torrão natal, já com saudade da família e da roça. Retorna ao Ceará trazendo carta de recomendação de José Carvalho de Brito destinada à doutora Henriqueta Galeno, filha do grande poeta cearense Juvenal Galeno. Assim, Patativa passa a ter livre acesso ao Salão da Casa Juvenal Galeno, em Fortaleza, local em que eram promovidos recitais e concursos de poesia. Fato este, cuja realização contribuiu para a divulgação de suas poesias.

Nesse ínterim, volta à Serra de Santana, onde fica por quase toda a vida; somente por volta dos setenta anos é que desce à Serra e vai residir em Assaré. Se pensarmos com Orlandi (2004, p.81) que “a relação dos sujeitos com o espaço é determinante para sua forma de vida”, vamos entender que as mudanças de espaço, na vida do poeta, não modificam sua natureza de camponês. Mesmo tendo viajado por diversas cidades e tido oportunidade de fazer da sua poesia a sua profissão, ganhando inclusive mais dinheiro com ela do que com a agricultura, nunca cogitou a idéia de abandonar suas raízes, nem seu ofício de agricultor, colocou roça durante todos os anos até não ter mais saúde para tanto. Assim retrata o próprio Antonio:

meu trabalho manual diariamente nunca interrompeu a minha missão de poeta, de **simples poeta do povo, cantando a nossa terra, a nossa vida, a nossa gente**. [...] Mas me sinto feliz, porque eu prezo a minha terra, principalmente a Serra de Santana, mas é um sítio do Assaré e o Assaré está no meu coração! Para nunca se desligar. É tanto que se eu quisesse fazer profissão da minha capacidade de poeta, você sabe que eu não estaria aqui, não è? Estaria ai por longe... Eu tive oportunidade de ir até a Europa inda uma vez ou duas, onde uma delas já era com a Violeta, que é até minha amiga, aliás, até parenta, a Violeta Arraes, irmã do Miguel. Mas nunca quis não.

O sentimento de apego à terra registra a consciência do poeta de pertencimento a uma coletividade, que ficará para sempre gravado em toda a sua produção poética, a partir da sua percepção sobre os fatos reais do contexto social em que está inserido. É nesse contexto que se funda a identidade do poeta, pela imbricação com a realidade da qual sente que é parte e da qual não

quer se distanciar, fato evidenciado em todo conjunto de sua obra, mas que podemos exemplificar com o poema *Cante lá que eu canto cá*.

Poeta, canto da rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favô não mêxa aqui,  
Que eu também não mêxo aí,  
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,  
Aprende munta ciência,  
Mas das coisas do sertão  
Não tem boa experiência.  
Nunca fez uma paioça,  
Nunca trabaiou na roça,  
Não pode conhecê bem,  
Pois nesta penosa vida,  
Só quem provou da comida  
Sabe o gosto que ela tem.

Nesses versos, fica evidente a visão do poeta de sua realidade social. “Pra gente cantar o sertão é preciso nele morar”, diz outro verso do poema, mas o verbo morar tem uma significação muito mais abrangente do que se pensaria a primeira vista. É preciso sentir, conhecer, ter experiência, ser parte integrante daquela realidade que representa não o sentimento individual, não o cotidiano de um, mas toda uma coletividade que divide a mesma situação e compartilha de acontecimentos vividos pela e na comunidade. O sertão não representa somente o lugar específico, no qual nasceu o poeta, mas toda uma parte do território nordestino que divide um saber compartilhado, marcado por uma cultura peculiar que caracteriza a terra e o povo sertanejos. É isso que é cantado na poesia de Patativa, com criatividade. Como argumenta Lemaire (s/d), “não se trata, pois, de inventar coisas novas, inéditas, bem pelo contrário, a poesia de Patativa está, como ele diz: naquilo que eu sinto, naquilo que eu vejo e reproduzo com os meus versos”, usando seu próprio espaço como laboratório e base de inspiração cenográfica.

É a mundividência do poeta que se manifesta em suas poesias. Partindo da observação da realidade que o cerca, constrói sua filosofia, sua verve é



designada pelo caráter predominantemente social, é o clamor do povo que aparece registrado em seus poemas. Ele busca registrar o sofrimento do povo, quase toda sua produção tem essa característica, como podemos ver no trecho abaixo do diálogo entre o poeta e Gilmar de Carvalho (2002):

PA - ...Meus poemas são assim, porque eu sou muito revoltado contra a injustiça. Sempre fui. Agora, sei respeitar os donos do poder. Eu num vou afrontar ninguém coisa nenhuma. Tanto é assim que minha poesia é assim dentro desse tema do povo. É assim como um grito de alerta, apresentando o estado de vida aqui... ali... na classe pobre, né?

GC - A sua poesia é social.

PA - E assim por diante. Como nós... Como eu apresento naquele meu poema “Brasil de Cima e Brasil de Baixo”, que é a divisão das classes.

É da percepção da realidade, da cultura, dos valores de seu povo; bem como as tristezas e injustiças sofridas, que se pode falar que a visão de mundo, construída por Patativa, resulta da leitura de sua realidade social. Assim, podemos transpor a afirmação do pedagogo Paulo Freire (1994, p. 12) de que:

a leitura da palavra é precedida de uma leitura de mundo e de uma certa forma de reescrevê-lo. Ou seja, a leitura realmente se concretiza quando, através dela, o indivíduo entende os dados da realidade, analisa-os e transforma-os a partir de uma prática consciente para o seu próprio bem.

Essa capacidade de mutação da leitura de mundo para a leitura da palavra define o lugar de fala do poeta que consegue traduzir em uma práxis consciente os valores do povo nordestino. Não apenas a partir da compreensão do mundo, mas num diálogo homem-mundo, que se realiza da experiência à palavra. É o ato de leitura de uma realidade sócio-cultural que aparece na poesia de Patativa do Assaré, materializada em forma de versos que retratam como ele mesmo afirma a “vida real”. Essa forma de materialização pode ser expressa sob diferentes registros de linguagem, conforme veremos no tópico seguinte. Num espaço de comparação, a poesia de Patativa assemelha-se a grandes obras literárias que abordam o Nordeste, tendo em vista que, conforme ressalta Debs (2005, p. 24) “o autor contribui para a elaboração de uma imagem da identidade nordestina e de representações simbólicas que nos permitem compreender melhor os valores fundamentais do sertanejo através das personagens encenadas”.

Patativa marcou a história da cultura popular brasileira. Ele participou de eventos importantes ligados à história do Brasil, dentre eles, o movimento Diretas já, em 1984; a ECO-92, no Rio de Janeiro; e do movimento em favor da anistia ao lado de Darcy Ribeiro, ocasião em que recitou o poema Lição do pinto. Registramos um trecho abaixo:

O pinto dentro do ovo  
Aspirando um mundo novo  
Não deixa de beliscar  
Bate o bico, bate o bico  
Bate o bico tico tico  
Pra poder se libertar

Se direito temos  
Todos nós queremos  
Liberdade e paz  
No direito humano  
Não existe engano  
Todos são iguais.

Em 1979, a reunião anual da SBPC utilizou como epígrafe o título do poema *Cante lá que eu canto cá*, o que contribuiu para a divulgação do nome do poeta no meio da elite intelectual e universitária. Patativa também teve muitos de seus poemas musicados por artistas nacionais, como Raimundo Fagner e Luiz Gonzaga. Sua obra tornou-se alvo de estudos por parte de grupos de intelectuais dentre eles: Oswaldo Barroso, Rosemberg Cariri, Plácido Cidade Nuvens, Cláudio Henrique Sales de Andrade, Gilmar de Carvalho, Tadeu Feitosa, Sylvie Debs e Ria Lemaire do Centro de estudos Latino-Americanos da Universidade de Poitiers, França, dentre outros. Foi tema de dissertações e teses em várias universidades brasileiras. Estudar a poesia de Patativa é adentrar num mundo de sensibilidade e requinte, pois de acordo com Alencar (apud NUVENS, 2002, p. 7).

a poesia matuta de Patativa do Assaré é cheia de vitalidade própria da linguagem regional, mas por sobre ela o bardo campesino espalhou a riqueza de sua inspiração, a delicadeza de suas concepções, o fascínio de seu lirismo e a mordacidade afiada de sua sátira.

Patativa passou a ser cada vez mais conhecido e homenageado em todas as partes do Brasil. Depois de 1979, multiplicaram-se os projetos culturais que tinham como objetivo divulgar a sua obra. Intensificaram-se a participação do poeta em eventos artísticos e com isso, veio o reconhecimento por parte de

diversos setores sociais com a atribuição de títulos e honrarias, como exemplo: Doutor Honoris Causa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Regional do Cariri (URCA) e Universidade de Tiradentes, em Sergipe; Cidadão fortalezense pela Câmara Municipal de Fortaleza; recebeu a Medalha da Abolição do Palácio do Governo; da Secretária da Cultura, o título Amigo da cultura, e foi o terceiro colocado na eleição para o “*Cearense do Século*”. Em 1995, recebeu do Ministério da Cultura o prêmio de maior poeta popular brasileiro. Sobre isso, Patativa afirma:

agora aquele dinheiro, bem, eu agradeço de coração, porque sem dinheiro a gente num vive e vive aperreado, porque de toda forma a gente vive. Mas do que eu gostei foi o certificado, viu? Do maior poeta popular brasileiro. O prêmio o tempo leva, se acaba tudo, mas o certificado eu tenho guardado aí, viu?

Com base no exposto até então, reafirmamos um dos objetivos desta pesquisa; ressaltar a importância de um poeta que contribuiu significativamente para elevar a cultura popular nordestina. Usamos uma abordagem que revela outra perspectiva de estudos, qual seja uma visão discursiva da poesia de Patativa do Assaré.

Após tantos cantos e vãos, o poeta, Antonio Gonçalves da Silva, faleceu no dia oito de julho de 2002, aos 93 anos de idade, deixando produzido, em versos e rimas, seu legado de eternidade à cultura brasileira, criando poemas numa diversidade de variantes lingüísticas que garantem ao poeta autenticidade e estilo próprio.

## 2.2 - Um poeta, duas linguagens

*Mesmo assim, falando errado,  
Já contei a seu dotô,  
Quem eu já fui no passado,  
Honesto e trabaiaadô.  
A language tá errada  
Mas a verdade é sagrada*

*Patativa do Assaré*

Ao unir leitura de mundo e leitura da palavra, Patativa cria poemas com linguagem, tanto na norma padrão culta, quanto na variante regional, a qual ele denomina de linguagem matuta. Essa capacidade de produzir poemas nas duas formas de registro da língua advém da sua natureza de autodidata. Após ter sido alfabetizado pelo livro de Felisberto de Carvalho<sup>16</sup>, passou a ter interesse por todo tipo de leitura, lia desde revista, jornal até “os poetas da língua”, autores clássicos como Olavo Bilac, Castro Alves, dentre outros, incluindo-se, nessa relação, Camões. Leitura que lhe rendeu aprender a forma de versificação de “Os Lusíadas” e utilizá-la em um de seus poemas, intitulado “O Inferno, o Purgatório e o Paraíso”, no qual fala da divisão de classes, conforme mostra o trecho abaixo:

Pela estrada da vida nós seguimos,  
Cada qual procurando melhorar,  
Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,  
Desejamos na mente, interpretar,  
Pois nós todos na terra possuímos  
O sagrado direito de pensar,  
Neste mundo de Deus olho e diviso  
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Este inferno, que temos bem visível  
E repleto de cenas de ternura,  
Onde nota-se o drama triste e horrível  
De lamentos e gritos de loucura  
E onde muitos estão no mesmo nível  
De indignância, desgraça e desventura,  
É onde vive sofrendo a classe pobre  
Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.

É o abismo do povo sofredor,  
Onde nunca tem certo o dormitório,  
É sujeito e explorado com rigor  
Pela feia trapaça do finório  
É o inferno, em plano inferior,  
Mas acima é que fica o Purgatório,

<sup>16</sup> Livro escolar adotado no país entre 1892 e o final da década de 50 do século XX.

Que apresenta também sua comédia  
E é ali onde vive a classe média.

Este ponto também tem padecer,  
Porém seus habitantes é preciso  
Simularem semblantes de prazer,  
Transformando a desdita num sorriso.  
E agora, meu leitor, nós vamos ver,  
Mais além, o bonito Paraíso,  
Que progride, floresce e frutifica,  
Onde vive gozando a classe rica.

Este é o Éden dos donos do poder,  
Onde reina a coroa da potência.  
O Purgatório ali tem de render  
Homenagem, Triunfo e Obediência.  
Vai o inferno também oferecer  
Seu imposto tirado da indigência,  
Pois, no mastro tremula, a todo instante,  
A bandeira da classe dominante.

O uso da linguagem na poesia de Patativa reveste-se de um profundo conhecimento na arte da versificação, pois, conforme já explicou o poeta, ele tem criatividade para falar de qualquer assunto. Sua poesia não é arrancada à custa de um laborioso trabalho com as palavras, ela lhe brota como um “dom”. Disso ser possível construir versos utilizando “a linguagem certa e a linguagem matuta”, indiscriminadamente, pois, para o poeta a beleza da poesia não consiste na linguagem. Sobre o uso da linguagem, Patativa em entrevista a Gilmar de Carvalho (2002a) comenta:

GC - Patativa como é que o senhor consegue fazer poemas com o modelo de Camões, com a métrica perfeita, a rima perfeita, a ortografia perfeita e consegue fazer esses poemas caboclos? Como é que fica na cabeça do senhor essa divisão?

PA - Ah! Sim, é porque Deus me deu o dom, um dom admirável que, quem me ver recitar uma “Maria Gulora”<sup>17</sup>, não sabe se eu também componho verso em forma literária com todas as sílabas predominante, como seja, “O Inferno, o Purgatório e o Paraíso” e outros... e outros poemas, outros sonetos, viu?

GC - Agora como é que o senhor faz, uns na linguagem literária e outros na linguagem matuta. Na hora, lhe dá, assim, um estalo pra fazer de um jeito ou de outro?

PA - É porque... olha, é preciso um grande cuidado porque a poesia, a **beleza da poesia não consiste na linguagem**, viu? É um segredo natural. Consiste no poeta saber dizer com precisão aquilo que ele pensou, aquilo que ele quer, quer na linguagem matuta ou quer na linguagem certa, é a mesma coisa, viu? Então, do jeito que eu faço essa poesia, esse soneto,

---

<sup>17</sup> Maria da Gulora foi o primeiro poema em linguagem matura feito por Patativa do Assaré.

como esse que eu recitei agora e muitos outros que eu tenho, num mesmo instante eu faço a poesia matuta também.

GC - Quando o senhor tem uma idéia, como é que o senhor decide se vai ser na linguagem culta ou na linguagem matuta?

PA - Ai, é porque... Quando é... essas sátiras eu sempre escrevo na linguagem matuta, esses poemas, tudo, a questão é o pensamento, é a criatividade viu? Não é a facilidade. Pra mim, tanto faz. Se houver decassílabo, em linguagem certa, como essa poesia matuta, não há dificuldade pra mim. Tanto faz um como o outro, viu?

GC - E o senhor tem alguma preferência? Gosta mais de uma linguagem que dá outra?

PA- Não. Eu... gosto mais é porque quando eu apresento... ninguém mais sabe o que é o pensamento. Quase todo o meu poema matuto é apresentado por um analfabeto, num é? Aquilo ali eu quero mostrar ao povo, quero mostrar ao povo, quero mostrar ao leitor que não é filosofia não é uma coisa que ele vá aprender lá no colégio, na escola, ou coisa não! É uma coisa natural que o camarada recebe como uma herança da natureza. Saber filosofar, saber dar certeza e isso e aquilo e aquilo outro, viu? E é por isso que eu apresento sempre o caboclo.

Essa referência ao caboclo é explicada porque em seus poemas Patativa geralmente usa o diálogo entre o sertanejo e um interlocutor, representado na maioria das vezes por um doutor, uma pessoa de “sabença”, como o poeta costuma se referir aos letrados. Retrata assim, principalmente, o engajamento da luta contra as injustiças e as desigualdades sociais, apresentando um realismo da vida social representado por um homem comum, um sertanejo, sujeito social cerceado por certas condições históricas. Dessa forma, para dar maior verossimilhança, utiliza, nesses poemas, a “linguagem matuta”, não como forma de ironizar esse falar, mas como estratégia discursiva para simbolizar a luta de classes, que se evidencia também na linguagem.

É importante destacar que o uso da linguagem regional caracteriza-se como uma forma de dar voz ao sertanejo, pois mesmo sofrendo com as injustiças sociais, tem consciência dessa desigualdade e das diferenças entre sua cultura e a cultura citadina, a qual possibilita visualizar a divisão social com mais evidência entre o rural e o urbano, tornando-os pólos opostos.

Com isso, expressa através de sua “filosofia” e usando a sua “linguagem errada” as “verdades sagradas” da sua gente e da sua terra, revelando assim, não a história dos grandes homens, dos grandes acontecimentos, mas a história

do cotidiano de pessoas esquecidas ou que caíram no “sono profundo” da história tradicional.

Em relação à linguagem, é possível traçar um paralelo entre a poesia de Patativa do Assaré e outras obras que retratam a problemática do sertanejo, como por exemplo, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1994), tendo em vista que a linguagem em um é presença, no outro, ausência. Em *Vidas Secas*, a família falava pouco, sendo preciso um narrador externo para falar por eles; os meninos não tinham nomes próprios; Fabiano “às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco”. Além disso, sentia-se constantemente enganado por “não saber falar”, fato evidenciado no encontro com o soldado amarelo que lhe rendeu uma noite na cadeia e ao prestar contas com o patrão, pois sempre sentia que as contas estavam erradas, mas não sabia argumentar.

Sempre que os homens sabidos lhe diziam palavras difíceis, ele saía logrado. Sobressaltava-se escutando-as. Evidentemente só serviam para encobrir ladroeiros. Mas eram bonitas. Às vezes decorava algumas empregava-as fora do propósito. Depois as esquecia. Para que um pobre da laia dele usar conversa de gente rica? [...] Se ele soubesse falar tão bem quanto sinhá Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se. (RAMOS 1994, p. 96-97)

A ausência de fala em *Vidas Secas* é justificada pela crítica literária, na interpretação da obra de Graciliano Ramos, como relacionada à extrema pobreza, a total carência material e espiritual dos retirantes, vítimas de uma natureza hostil e da opressão social e política. A miséria é tão grande que os personagens já não têm força, nem competência intelectual para contar sua própria história. Entretanto, essa interpretação é contestada por Ria Lemaire (1996) que ao fazer a releitura de *Vidas Secas* utiliza como hipótese a presença da oralidade em toda a estrutura textual, na qual apresenta argumentos muito além da pobreza material, incapacidade intelectual e seres vitimados.

Traços da oralidade são perceptíveis também na poesia de Patativa do Assaré. Nela encontram-se todas as características da cultura oral. Sendo este o lugar histórico do poeta em estudo, é sobre essa questão que discorreremos no próximo tópico.

### 2.3 - Da oralidade à cultura escriptocêntrica

*Mas porém como a leitura  
É a maior disciplina  
E veve na treva iscura  
Quem seu nome não assina*

*Patativa do Assaré*

Patativa, poeta de bancada<sup>18</sup> ou repentista? Eis uma importante discussão que não pode ficar de fora de um estudo abrangente sobre sua obra. Situar o lugar histórico desse poeta é transpor para os ditames acadêmicos o espaço entre duas culturas: a da oralidade e a escriptocêntrica. É, ainda, questionar o porquê da superioridade de uma sobre a outra.

O espaço da literatura popular do Nordeste é tipicamente o espaço da oralidade, nele encontram-se desde poesias líricas, épicas e dramáticas até mais de cinquenta gêneros diferentes. Com estrutura formal comparada à da poesia escrita. O caso mais conhecido dessas poesias está personificado no cordel, arte de improvisação e da memorização, na qual os repentistas cantam e fazem desafios no improviso. Segundo Andrade (2004, p. 81) “o desafio é a manifestação artística da oralidade que se caracteriza pela disputa poética em versos, parte improvisada, parte decorada, entre dois cantadores repentistas”.

No entanto, o tempo da oralidade pode ser passageiro. Com isso, muitos poetas que dominavam a escrita começaram a transcrever em folhetos os desafios dos quais participavam. Era uma forma de registrar suas performances e também aumentar a renda com a venda dos folhetos, que passou a ser realizada em praça pública, nas feiras livres, ocasião que nas cidades do Nordeste é considerada como um dos lugares ideais para a apresentação de cantadores repentistas. Começava então a supremacia da cultura escrita sobre a oral, tendo em vista que, em fins do século XIX, os textos dos desafios começaram a ser publicados nos folhetos de cordel, entretanto, precisaram sofrer mudanças no aspecto literário e no formal para se adequar à transposição da oralidade para o

---

<sup>18</sup>A poesia popular no nordeste atribui a denominação Poeta de bancada, aos poetas que mesmo não sendo cantadores repentistas, escrevem, entre outras obras, folhetos de desafios imaginários. Os primeiros grandes nomes do gênero foram os paraibanos Leandro Gomes de Barros, Chagas Batista e João Martins de Athayde.



escrito. Foi essa passagem para a escrita que favoreceu o aparecimento dos poetas de bancada.

Cabe aqui lembrar o diálogo que Platão (2004) expõe no Fedro, entre o deus egípcio Thoth e o deus Tamuz que reinava sobre todo o Egito. Thoth ao inventar a escrita, foi à presença do deus Tamuz para apresentar as vantagens das letras:

Thoth: Esta arte, caro rei, tornará os egípcios mais sábios e lhes fortalecerá a memória; portanto, com a escrita inventei um grande auxiliar para a memória e a sabedoria.

Tamuz: Ó mui talentoso Thoth, enquanto um homem tem a capacidade de criar uma nova habilidade, outro a tem para julgar se ela será benção ou maldição para seus usuários. Agora você, o pai das letras, com sua afeição, vê nelas o oposto do seu verdadeiro poder. Pois esta invenção fará com que aqueles que a usam percam o saber de suas mentes, negligenciando suas memórias; visto que, através desta confiança nas letras que são externas e alheias à mente, eles perderão sua capacidade de recordar coisas dentro de si mesmos. Você não inventou um medicamento para fortalecer a memória, mas um substituto inferior para ela.

Desse diálogo observamos que, para Platão, a oralidade é superior à escrita, no entanto, esta mesmo não chegando a ser uma “maldição para seus usuários”, realmente consegue superioridade em relação à memória e a oralidade, tendo em vista que a cultura ocidental atribui valor superior à tradição escrita. As civilizações orais passaram a ser vista como inferiores regidas por um total preconceito que a arte desses povos como cantos, contos, mitos, lendas, histórias e outras formas literárias caracterizadas como arte da voz estão inseridas num discurso negativo. Para elas são atribuídas expressões como primitivas, inferiores, de menor valor; é a chamada cultura popular em oposição à cultura erudita. Essas manifestações passaram a ser tratadas sob o mesmo rótulo, são consideradas folclóricas. Tal falta de imprecisão conceitual causa certa inquietação nos pesquisadores; Zumthor (1997, p. 25) afirma que

no interior de uma mesma classe de texto (apesar de não definida como tal), será “folclórico” o que for objeto de tradição oral; “popular”, de difusão mecânica. Em outros lugares a “literatura oral” será tomada como uma subclasse da popular, enquanto que alguns se negarão a ligar essas categorias ou atribuirão (despreocupados com essa petição de princípio!) o título de “primitivo” a toda poesia “puramente” oral.

A desvalorização da poesia oral sofre influência dos ditames da dicotomia literário/não-literário. Sendo o literário inflado por referência a uma instituição, a um sistema de valores especializados, etnocêntricos e culturalmente imperialistas. O que levou na linguagem dos eruditos, a considerar até cerca de 1900, que toda literatura não europeia fosse relegada ao folclore (ZUMTHOR, 1997). O resultado dessa discussão é que no decorrer do século XIX, foi descobrindo-se o que realmente seria folclore e literatura oral. Sendo que é possível haver traços que ligam o literário ao não-literário, misturando o oral e o escrito. No entanto isso não é reconhecido pelos especialistas, sejam etnólogos, folcloristas ou historiador da literatura; para eles, a poesia oral é uma outra coisa, enquanto que a escrita lhes é própria, fortalecendo assim a divisão entre elas. Zumthor (1997, p. 27) em análise sobre poesia oral, chama a atenção para o fato de que

é inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhe os traços que contrastam com a escritura. Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna.

Isso porque, é comum atribuir à escrita o caráter de erudição em contraposição aos estereótipos ligados à oralidade que a colocam numa zona de rebaixamento, vítima de um julgamento de valor que a torna desvalorizada social e culturalmente.

Nesse sentido, o desconhecimento da civilização ocidental dos valores das culturas orais oportunizou a visão escriptocêntrica tornar-se dominante, hegemônica. Favorecendo assim, a tecnologia da escrita ser considerada como superior, pois parte do princípio de que a oralidade não é merecedora de uma atenção privilegiada, por ser caracterizada pelo olhar do observador como o seu oposto. E o que é esse oposto, neste caso, não é visto com respeito a partir de sua singularidade, mas como inferioridade. O exemplo disso está em algumas obras que visam a estudar as comunidades primitivas.

Foi preciso muitos anos para que os estudos sobre a oralidade ganhassem novas dimensões. Foram os medievalistas os primeiros a impulsionarem a discussão, iniciada pelo erudito alemão Wolf, o qual levantou a hipótese das

duas epopéias, cuja autoria é atribuída a Homero, provirem de tradições orais seculares. Milman Parry também questionou o fato de Homero ser considerado tradicionalmente o primeiro grande escritor da civilização ocidental, demonstrou que sua obra se baseia em técnicas de composição características das tradições orais. Comparou a poesia de Homero e as suas técnicas de composição oral, memorizada e improvisada com a dos poetas iugoslavos do século XX.

Muitos estudos seguiram-se e já no século XX os debates se intensificaram. A esses debates dá-se o nome de orality-literacy-debate. Aparecem nesse cenário obras como *A musa aprende a escrever*(1988), *A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais*, de Eric Havelock; *Introdução à poesia oral* (1983) e *A letra e a voz: introdução à literatura medieval* (1987) de Paul Zumthor; *Orality and Literacy* (1982) de Walter Ong, dentre outros. Esses estudos foram importantes para se atingir uma maturidade intelectual em relação à oralidade e reduzir os limites e preconceitos do escritocentrismo ocidental, oportunizando uma nova visão sobre a civilização oral, vendo-a não como inferior, mas como diferente caracterizada por uma lógica própria e uma coerência interna que pode ser tão sólida quanto à escrita, também com capacidades intelectuais e estruturas mentais inteligentes, mas organizadas e estruturadas de forma diferente (LEMAIRE, s/d).

É preciso assim, ver o outro não do lugar do eu, mas colocando-se enquanto outro, sentindo que suas singularidades e perspectivas não são simetricamente iguais a minha cultura. É pela diferença que a cultura ganha contornos específicos e oportuniza a não dicotomização superior/inferior, melhor/ pior, favorecendo o convívio pela diferença, sem precisar optar por uma ou outra.

Dessa forma, chega-se não ao confronto, mas ao conhecimento de duas culturas, a da oralidade e a da escrita, cujas características diferem por se tratar de estruturas específicas e oportunizar formas diferentes de comunicação.

Na oralidade, assistimos à arte da improvisação e da memorização. A memória é o principal instrumento de registro sendo, portanto, necessário dar à poesia uma feição rítmica para facilitar sua retenção na memória. De acordo com Havelock (1996, p. 16) o alfabeto, logo a escrita, ao converter a língua em

objeto, transforma-a num artefato visível que pode ser desvinculado do locutor e entregue para inspeção, reflexão, análise. Isso possibilita que sua existência se estenda muito além de seu contexto oral de enunciação, fazendo com que a escrita desvincule-se da particularidade da memória individual e passe a habitar um mundo próprio: o mundo conceitual. A fala iletrada favorecera o discurso descritivo da ação; a pós-letrada alterou o equilíbrio em favor da reflexão.

Assim, percebemos uma desvalorização da memória individual, como fonte de armazenamento de informações e a supervalorização da tecnologia da escrita como suporte de registro “perfeito”, capaz de possibilitar uma crescente evolução sintática; de guardar um número maior de informação e de oportunizar sua distribuição (divulgação) ilimitada. A escrita oferece uma nova forma de lidar com a informação, conforme podemos perceber nas palavras de Havelock (1996, p. 110)

o fato essencial de um testemunho transmitido por documento é que um determinado enunciado permanece inalterável, e isso quer dizer que nele a sintaxe ou a ordem das palavras permanece inalterada. Isso é automático no caso de qualquer enunciado escrito. Só o podemos mudar por um ato de destruição física que o substitua por outra peça documental. Se indagamos como, numa cultura oral, um enunciado pode ser preservado, indagamos qual o recurso disponível para garantir a preservação de uma sintaxe e de uma ordem de palavras que se fixaram. Só há um meio de fazê-lo: dispondo as palavras numa seqüência rítmica independentes dela, mas a que tenham que corresponder do ponto de vista acústico.

Isso explica a capacidade de um poeta da cultura oral guardar na memória todos os seus poemas, como é o caso de Patativa do Assaré. Fato que ele atribui a um dom divino, conforme destacamos em tópico anterior, mas que é explicado pelo esquema rítmico dos versos que contribuem para a memorização. Também pela escuta diária desde criança da leitura de livros de cordel e pela sua imersão, ainda nessa fase, no exercício da composição de repentes e poesias. Entretanto o cerne da discussão aqui apresentada não é questionar “o dom”, é ressaltar o lugar histórico desse poeta que, em meio a um contexto sócio-cultural adverso ao cidadão, destaca-se pela arte da versificação.

É o espaço da oralidade que povoa a obra patativana. Vivendo num ambiente rural, nas primeiras décadas do século XX, no qual a maior distração

das pessoas eram as conversas e reuniões nos terreiros das casas, embaladas por cantorias e leituras de cordéis, agregadas à labuta do trabalho diário na roça, não poderia ele ficar indiferente à musicalidade que o cercava. O seu mundo era oral, visto que “os cordéis eram a principal fonte de informação dos sertanejos nordestinos” (FEITOSA, 2003, p. 51). O acesso à escola era privilégio de poucos, sendo essa minoria quem realizava a leitura dos cordéis. Havia também as cantorias, nas quais os poetas repentistas cantavam e se desafiavam no improviso.

É assim que se caracteriza a comunidade sertaneja, Patativa é parte integrante dela e como tal participa desse processo cultural, o qual influencia sua produção. Como ele mesmo afirma aprendeu tudo “no livro da natureza, inspirado por Deus”. Não se pode negar que a cultura escrita também o influenciou, não só para aperfeiçoar sua arte de versejar<sup>19</sup> e na construção de sua visão de mundo, retratada na temática de sua obra, como também até o ponto de fazê-lo abandonar a cantoria e se dedicar exclusivamente à poesia. Fato que ele justifica ao dizer que no final das cantorias as pessoas pediam para que ele recitasse seus versos, segundo o poeta, essa parte conquistava mais o público do que os desafios. Foi assim que, por volta dos 40 anos, abandonou a atividade de violeiro repentista e se dedicou à poesia mais elaborada, mais reflexiva. Estava nascendo o poeta de bancada.

Entretanto essa conceituação parece um tanto dúbia em se tratando de Patativa do Assaré, tendo em vista que em nenhum momento ele produziu suas poesias no recanto exclusivo de um gabinete, usando papel e caneta para escrever o verso. Suas composições foram produzidas em sua mente, enquanto trabalhava a terra. O poeta conta, em entrevista a Feitosa (2003), que não gostava de ir para a roça na companhia de outras pessoas, para ninguém puxar conversa com ele e não atrapalhar o momento de sua inspiração na composição dos versos. “Ficava trabalhando e fazendo versos”, num diálogo silencioso em que lhe brotavam as rimas, numa articulação entre o agricultor e o poeta. Em cada canto ele via “um verso se bulir” e entre o ato de criação poética e o manejo da

---

<sup>19</sup> Além de ler os “poetas da língua” Patativa leu o *Tratado de versificação* de Olavo Bilac e Guimarães Passos, mas afirma que, ao lê-lo, já dominava a poesia em “todas as suas formas”.

enxada, olhava para o céu na esperança de ver, se não um dilúvio para molhar a terra, mas “um dilúvio de rima caindo inriba da terra”.

Passaram-se mais de 25 anos para que as poesias chegassem ao escrito, “a poesia oral traz essas marcas, ecoa pelo espaço mítico do sertão e comunica ao receptor que não precisa ter domínio dos códigos da escrita” (CARVALHO, 2002b, p. 108). Patativa guardava todos os poemas na memória sem nenhum registro escrito até a publicação do seu primeiro livro: *Inspiração Nordestina*, em 1956, pela Borsói editores. Este fato o insere definitivamente na cultura escriptocêntrica, embora sem abandonar os elementos da oralidade que sempre predominavam em suas composições.

É perceptível, em seus poemas, muitos traços do desafio de repentistas, tendo em vista que, além da herança das cantorias que participara, eram poesias feitas para serem recitadas, não publicadas em livro. Conforme cita Feitosa (2003, p. 24), “o Patativa escutado é muito mais atrativo do que o Patativa lido”. No entanto, ao participar de um programa na Rádio Araripe do Crato-CE, no qual recitava seus poemas que estavam retidos em sua memória, foi ouvido pelo senhor José Arraes de Alencar que o convidou para publicar suas poesias em livro.

Patativa, meio temido a respeito de tão grande façanha, afinal sonhara, mas nunca acreditara que seria possível publicar suas poesias, aceitou o convite após ouvir de José Arraes as seguintes palavras: “se você num aceitar o que eu to pedindo, você num vai ficar como um poeta não! E prova é que fica... de que... você, um grande poeta como eu estou vendo que é, sem você publicar um livro?” José Arraes estava querendo chamar a atenção para o fato de que a escrita oportuniza eternizar um autor e uma obra, ao passo que ficando apenas no nível da oralidade, é possível tratar-se apenas de uma efemeridade. As formas de registros das duas culturas não são as mesmas por usarem diferentes materialidades.

O fato é que o poeta aceitou a oferta e com a ajuda do senhor Moacir Mota, funcionário do Banco do Brasil do Crato, que se ofereceu para datilografar as poesias, saiu a cópia do livro que foi levada ao Rio de Janeiro, por José Arraes de Alencar. Este também arcou com as despesas da publicação junto à editora.

Patativa pagou com a venda do livro que como ele afirma teve boa aceitação, sendo vendida muito mais no campo do que na cidade, pois as pessoas já conheciam os poemas que estavam publicados. É interessante destacar que o poeta foi recitando os poemas para o senhor Moacir Mota datilografá-los, fato que comprova não haver nenhuma poesia escrita, estavam todas armazenadas na memória.

Assim se concretiza sua sedimentação na civilização da escrita, de poeta repentista a poeta de bancada<sup>20</sup>, após *Inspiração Nordestina* seguiram-se outras publicações totalizando cinco livros de poesias<sup>21</sup>, dos quais, um dos mais conhecidos *Cante lá que eu canto cá*, publicado pela editora Vozes, encontrava-se em 2004 na 14ª edição.

Esse fato demonstra o interesse dos intelectuais pela poesia patativana e o crescente aumento de seus leitores. Mas foi preciso sua inserção no mundo letrado para que fosse despertado tanto interesse. Ao trazer sua “verdade” para a poesia, ele o faz sem deixar a desejar em nada para os poetas eruditos. Isso nos leva a reflexão de que foi preciso (embora não intencional) adequar-se aos moldes da cultura escrita para fazer parte e ser aceito por ela. Ou ainda refletir que uma nova abordagem como a da Nova História Cultural oportunizou o diálogo com esses saberes do cotidiano, ligado ao popular. Assim, essa perspectiva “tem a pretensão de tentar decifrar como através da análise de produtos culturais consumidos pelas elites ou pelas classes subalternas, as culturas que nos antecederam formulavam o mundo e o interpretavam” (FEITOSA, 2003, p. 10).

É importante ressaltar que foi preciso “entrar na ordem arriscada do discurso” (FOUCAULT, 1999, p. 7) da civilização escrita para conquistar “um lugar ao sol”. Será que esse poeta teria a mesma repercussão artística se não tivesse suas poesias publicadas em livros? Foi preciso mesmo assumir a posição de sujeito autor, dentre tantas outras, para ver materializado e eternizado o seu discurso. Ver consolidada sua “vontade de verdade” no dito de seus poemas,

---

<sup>20</sup> Como afirma Andrade (2004) esta denominação se atribui à Patativa se for usada para indicar o predomínio de uma escolha mais meditada dos temas dos versos, em contraste com a excessiva subordinação às sugestões circunstanciais que caracteriza o trabalho dos repentistas.

<sup>21</sup> A produção de Patativa, além dos cinco livros são três discos LPs com poesias recitadas, alguns cordéis e algumas músicas gravadas por diversos cantores.

registrado e controlado pela instituição editora. Assim, é que Carvalho (2002a, p. 15) revela “as palavras se revelarão impróprias, é preciso dilatar os limiares da expressão e experimentar a sensação do pássaro em pleno vôo. Patativa, poeta que se fez verbo para se fazer homem”.

Com isso, assistimos à transição de Patativa entre dois mundos: o da oralidade e o da escrita, resgatando as diferenças entre eles e deixando claro que o seu lugar de fala é o da oralidade, embora sempre quisesse se diferenciar e ser reconhecido apenas pelo seu “dom” e sua criatividade de poeta. Para ele seus valores são sua poesia e sua família, nunca pensou em fazer da sua arte uma forma de ganhar dinheiro, fato que fica explícito ao dizer que não se interessou muito pelo cordel, por ser ele um comércio, publicar o cordel e sair para vendê-lo não fazia parte do estilo patativano. Mas escreveu ainda uns quinze folhetos que estão reunidos e publicados na coletânea “Cordéis” pela editora da UFC. As publicações para ele eram uma forma de reconhecimento.

É do legado patativano que encontramos a fonte para discutir a construção da identidade nordestina, buscando a trama de sentidos do enunciado poético e sua relação interdiscursiva. Escavaremos, a seguir, o discurso poético de Patativa do Assaré, solo produtivo para colher na sua prática discursiva os sentidos que transitam pela historicidade do enunciado.



**CAPÍTULO 3 - A DISCURSIVIDADE NA POESIA DE PATATIVA DO  
ASSARÉ: REDES DE SENTIDO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE**

---

### 3.1 - Um olhar sobre a poesia como enunciado discursivo

*Gostaria que um livro não se atribuísse a si mesmo esse estatuto de texto, ao qual a pedagogia ou a crítica saberão reduzi-lo, mas que tivesse a desenvoltura de apresentar-se como discurso: simultaneamente batalha e arma, estratégia e embate, luta e troféu ou ferida, conjunturas e vestígios, encontro irregular e cena repetível*

*Michel Foucault*

O livro como discurso, Foucault nos convida a um novo olhar sobre esse suporte. Vê-lo reduzido não apenas a frases que podem ser lidas, mas em seu funcionamento discursivo que pode gerar uma trama de sentidos. É com essa visão que pretendemos olhar para a poesia de Patativa do Assaré, na intenção de tomá-la não como um texto produzido por um sujeito empírico, mas como um enunciado discursivo que se oferece a múltiplas leituras e está inserido na prática discursiva de um sujeito sócio-historicamente determinado.

É preciso então situar o que estamos chamando de enunciado a partir da própria noção de discurso adotada neste trabalho. Para Foucault, o discurso é um conjunto de enunciados, conforme explanamos no capítulo 1. Mas o que é, afinal, enunciado? Sobre que base teórica essa noção, aqui utilizada se fundamenta? Será possível, pois, afirmar que a poesia é um enunciado? Vejamos.

Vale destacar que o discurso precisa de uma materialidade para se concretizar. Neste caso, é na materialidade lingüística da poesia que se firma o discurso enquanto enunciado, no qual a língua (elemento interior) e a história (exterioridade) se fundem na produção de sentidos, de forma constitutiva e não segregadas. Assim, realiza-se a inserção do acontecimento em práticas discursivas, mediante um enunciado que se insere numa função enunciativa e possibilita que certos dizeres e sentidos se cristalizem em certas formações discursivas.

O enunciado, dessa forma, é visto a partir da teoria foucaultina, na qual não se pode confundi-lo com uma frase ou uma proposição, tendo em vista que ele é concebido como uma função enunciativa, constituído a partir de certas

regras de formação, por um sujeito sócio-historicamente construído, em um lugar institucional. É ainda produzido em articulação com outros discursos e sob determinadas condições de produção. O que caracteriza o enunciado é a função enunciativa, e, como função, precisa estar inserida em certas condições. São essas condições que Foucault propõe que é preciso descrever, a partir de seu exercício, nas regras e no campo em que se realiza.

É, pois, partindo dessa descrição que se pode afirmar que o enunciado foucaultiano apresenta-se em uma série, ligado a outras formulações, leis de possibilidade, regras de existência. São relações que se estabelecem com outros enunciados.

No exercício da função enunciativa é preciso destacar mais uma das condições de existência do enunciado, sua relação com o sujeito, já que ele não existe sem uma instância para proferi-lo. Logo, há um sujeito do enunciado, sendo que esse não é idêntico ao autor. O sujeito enunciador se caracteriza pela posição que ocupa, é uma função vazia.

Ainda na descrição do que caracteriza a função enunciativa está o fato de que o enunciado se insere num domínio associado, “isso faz do enunciado algo diferente e mais que um simples agregado de signos” (Foucault, 2007, p. 108). Aqui se percebe a historicidade do enunciado, pois ele se insere num campo associado que é constituído de início pela série de outras formulações no interior das quais se inscreve, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não) seja para repeti-las, modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas ou falar de cada uma delas. É constituído ainda pelo conjunto das formulações cujo status é compartilhado pelo enunciado em questão (Foucault, 2007, p. 111).

Por fim, a última das características da função enunciativa é que ela pressupõe uma existência material. Todo enunciado precisa de um suporte material e esse não necessariamente tem que ser lingüístico. É importante frisar, que, para Foucault (2007, p. 114), “a materialidade é constitutiva do próprio enunciado”, ela não exerce papel secundário, mas é parte do sentido que se constrói para o enunciado.

É partindo desses traços da função enunciativa que se percebe o enunciado em seu funcionamento discursivo, observando a série, o sujeito, o campo associado e a materialidade. Não os analisando isoladamente, nem estaticamente, mas em sua relação com a História e os sujeitos. Também não pode ser visto como

uma coisa dita de forma definitiva - e perdida no passado, como a decisão de uma batalha, uma catástrofe geológica ou a morte de um rei - o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 2007, p. 118-119)

É por todas as características abordadas acima que consideramos a poesia de Patativa não somente um grupo de frases, mas um enunciado discursivo que está acoplado a certas condições de existência e que foi produzido por um sujeito num lugar sócio-historicamente construído. Ela é o objeto a que nos propomos analisar, o qual entra em rede com outros discursos e se oferece como prática discursiva, para a qual é possível aplicar uma prática de leitura que tem como princípio “multiplicar as relações entre o que é dito aqui, dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de entender a presença de não-ditos no interior do que é dito” (Pêcheux, 2006, p. 44). Isso faz com que percebamos, através das regras de formação, porque apareceu um determinado enunciado e nem um outro em seu lugar; observar, também que não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar. É considerado essencialmente no jogo de uma exterioridade. É a partir de um lugar singular que o sujeito enuncia (FOUCAULT, 2007).

A abertura dada pela Análise de Discurso para se estudar não apenas os grandes discursos (em especial o político), como também os discursos do cotidiano, a partir das contribuições de Michel de Certeau e os historiadores da Nova História, fez com que novas perspectivas de análise surgissem. Assim, “por de lado os Grandes Textos e se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido” (Pêcheux, 2006, p. 48) possibilitou tomar o

texto como monumento, inserido em redes de memória e trajeto social de sentido. Por isso, trazemos para análise um discurso que se enquadra nesse enfoque e se oferece como um efeito de posições sócio-históricas que devem ser apreendidas durante o percurso analítico. E é ao final deste percurso que será confirmada a última indagação das apresentadas no início deste tópico.

Pensar em uma análise do discurso literário evoca ainda outras contribuições, como as propostas por Maingueneau (2006) para esse discurso. Para o autor, é preciso ir além das abordagens propostas pela literatura para se analisar a obra literária. A análise do discurso oferece possibilidade de múltiplas leituras; explorar as dimensões da discursividade, buscando precisamente explicar, a um só tempo, a unidade e a irreduzível diversidade das manifestações do discurso.

É preciso, também, buscar as contribuições que a articulação entre a AD e a Literatura oportuniza a análise. Tomar um objeto literário como enunciado discursivo possibilita sair das abordagens tradicionais da Literatura, respaldado no fato de que, segundo Melo (2005, p. 39)

os objetos de análise mudam, que as práticas de análise e a percepção do objeto estão em constante mutação. A AD tem aproximado a Lingüística da Literatura, da História e da Crítica Literária. Ela aborda o texto literário segundo suas condições de emergência, as práticas de leitura, os quadros históricos e sociais de recepção, as condições materiais de inscrição e circulação dos enunciados, dentre outros.

Dessa forma, é entendendo a poesia como enunciado e observando as diversas ofertas de manifestação do discurso literário, que mergulharemos no universo discursivo patativano, buscando desvelar as regularidades e dispersões que permeiam a prática discursiva, as quais fortalecem a rede de sentido e a construção de identidade do objeto discursivizado.

É na rede enunciativa que se percebe uma das características do enunciado: ele tem sempre margens povoada de outros enunciados, desempenha um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo (Foucault, 2007, p. 10-12). É dessa relação que trataremos a seguir, para

ênfatizar como o enunciado poético se reveste de um diálogo discursivo com outros enunciados na construção do sentido.

### ***3.2 - Relações interdiscursivas na construção do sentido da poesia***

*Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de tédio  
Que vai de mim para o outro.*

*(Mario de Sá Carneiro)*

A completude, a unicidade e a homogeneidade não são características nem do discurso, nem da subjetividade. É principalmente porque há o outro na sociedade que se pode pensar nas relações dialógicas, nas redes de sentido que constituem os enunciados. Estes por sua vez, estão dispersos. É interessante descrevê-los não a partir da intenção de um sujeito, mas segundo sua exterioridade, buscando as positivities que os caracterizam, num jogo de regularidade e dispersão, tendo em vista que o “enunciável é exterior ao sujeito enunciator”.

É observando o funcionamento discursivo da poesia patativana que iremos extrapolar os limites do verbal, em busca das relações interdiscursivas que formam a trama de sentidos, resgatando a exterioridade como constitutiva, de acordo com o que propõe os procedimentos teórico-metodológicos da Análise do Discurso. No entanto, não queremos dizer com isso que o lingüístico não será importante neste processo, até porque, reafirmamos que é no lingüístico que o discurso se materializa. Como bem lembra Maingueneau (2006), na perspectiva da análise do discurso as ciências da linguagem intervêm com relação à literatura. O recurso à lingüística não é mero uso de ferramentas elementares, ela constitui um verdadeiro instrumento de investigação. Assim, é preciso analisar no intradiscurso, elementos do interdiscurso para se perceber as batalhas discursivas no jogo da enunciação.

O interdiscurso surge na AD como a possibilidade de dialogar com outros discursos, a partir da retomada de formulações anteriores. Não há discurso único, “tudo que se diz, já foi dito antes, em outro lugar, independentemente” (Pêcheux, 1997c). Essas formulações estão na base do repetível, gerando a partir delas enunciações outras que a retomam, reformulam, opondo-se ou reafirmando dizeres, numa mescla de memória e esquecimento. Podemos fazer articulação entre interdiscurso e o que Foucault (2007) estabelece como campo associado, no qual é resgatada a historicidade do enunciado, por isso, convida a vê-lo segundo a dispersão de uma exterioridade.

Pensar nas relações interdiscursivas é buscar compreender como se dá a relação memória/esquecimento. É resgatar a idéia de que as formações discursivas não são homogêneas, mas são sempre invadidas por seu outro, o que favorece pensar o discurso como heterogêneo. Discussão aprofundada no primeiro capítulo deste trabalho. É perceber que a noção de interdiscurso foi aprofundada por lingüistas que trabalham atualmente a Análise de Discurso no diálogo com as idéias foucaultianas, como é o caso de J. J. Courtine que apresenta a idéia de interdiscurso atrelada à questão da memória discursiva. Para esse autor ao nível do enunciado corresponde um espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos, que ele chama de interdiscurso. Assim, o define:

séries de formulações, marcando cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas formas lingüísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformando-se...) É nesse espaço discursivo, que se poderia denominar, seguindo M. Foucault, ‘domínio de memória’, que se constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciadador na formação dos enunciados pré-construídos, de que sua enunciação apropria-se (1999, p. 18).

É nessa retomada que se percebe o espaço do repetível como controlado pela memória, pois os dizeres aparecem re-significados no imediatismo da retomada. A relação com a formulação anterior dá-se de formas diversas, tendo em vista que há uma anulação da distância interdiscursiva que constituem os efeitos imaginários. Há assim, uma camada espessa de citações e de retornos ao interior de estratos discursivos que se interpõem entre a irregularidade do texto

primeiro e do texto que o cita (Courtine, 1999). Para exemplificar, apresentamos um trecho do poema de Patativa, intitulado *Filosofia de um trovador sertanejo*, no qual o sujeito-enunciador dá sua opinião sobre os infortúnios do mundo, para isso, retoma o discurso religioso, narra a vida de Adão e Eva no jardim do Éden e o fato de comerem o fruto proibido:

[...]  
 Mas entre as frutêra boa  
 Havia a da triste sorte,  
 Que quem comesse o seu fruto  
 Ficava sujeito à morte.  
 Se Eva e Adão percisava,  
 Dos ôtos todos tirava  
 E comia a se fartá;  
 Mas daquele não comia.  
 Pruquê comendo, fazia  
 Grande pecado mortá.

Esse fruto do pecado  
 Parece que tinha um quê,  
 Que a gente vendo, ficava  
 Com vontade de comê.  
 Seu doto, eu não sei não,  
 Mas faço avaliação  
 Que aquele fruto dali  
 Agradava a nosso orfato,  
 Como essa fruta do mato  
 Que o povo chama piqui.  
 [...]

Se Adão vivesse sozinho,  
 Tava livre de pecá,  
 Mas o home é bem tolo e caça  
 Sarna mode se coçá;  
 Quando o fruto Eva lhe deu,  
 Ele de bobo, comeu,  
 E eu penso que o pobe inté  
 Nem tava com essa fome,  
 É praque ele era um home  
 Gunvernado por muié.

Nesse trecho observamos que a re-significação ao discurso da história de Adão e Eva se dá pela comparação da formulação-origem com elementos da cultura local. O “fruto proibido”, além de ser considerado como uma fruta de triste sorte, o que reforça um aspecto cultural ligado à superstição, foi comparado ao piqui, fruta típica da região do Cariri, muito consumida pelos habitantes locais. Outro aspecto interessante revelado nessa relação interdiscursiva é o fato do sujeito enunciatador atribuir à mulher, Eva, toda a culpa pela desobediência a Deus, comendo o fruto e oferecendo-o a Adão. Neste sentido, a retomada se dá em forma de repetição do discurso primeiro, pois de



acordo com o texto bíblico Eva foi quem induziu Adão ao pecado, tendo em vista que, ao ser indagado por Deus sobre o fruto da árvore proibida, Adão respondeu: “a mulher que me deste para ser minha companheira me deu a fruta e eu comi” (GÊNESIS, 3: 12). Disso resulta que nesse enunciado estão em jogo as identidades de homem e mulher, o homem é apresentado como “tolo”, “bobo”, “pobe” expressões que conotam ingenuidade. A mulher, por sua vez, representa a “esperta”, a que domina, é a “sarna”, ou seja, o problema que atormenta o homem. Há aqui um deslocamento de sentido, tendo em vista que, na tradição sertaneja é comum ser o homem quem manda, quem domina e a mulher apenas obedece. É uma sociedade machista, mas para construir um efeito de sentido em conformidade com o discurso religioso, o sujeito enunciativo inverte essa posição e, de uma forma debochada, enfatiza um Adão “governado por muié”. Fica evidente, assim, que o efeito de sentido criado nesse discurso resulta do entrelaçamento com o discurso religioso, enfatizamos que a temática do poema é falar dos problemas do mundo, não simplesmente contar a história da origem do mundo.

É importante, ainda, trazer para a discussão sobre o interdiscurso o que aborda Maingueneau (2005, p. 21) sobre essa categoria. Ele afirma que a unidade de análise não é o discurso, mas o interdiscurso que se apresenta como “um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos”, com os quais dialoga num processo heterogêneo, firmando, assim, o “primado do interdiscurso”. Nesse caso, parte da hipótese de que há a heterogeneidade constitutiva do discurso, que passa necessariamente pela questão do interdiscurso, resultando no caráter essencialmente dialógico de todo enunciado discursivo.

Esse autor estabelece uma categorização para especificar mais detalhadamente a noção de interdiscurso, distribuindo-o em três dimensões: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O primeiro representa o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Essa categoria, embora finita, não se apresenta muito produtiva para o analista, segundo o autor, pela abrangência e dimensões que pode tomar.

O campo discursivo, por sua vez, é mais delimitado, pois representa o conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, mas estão em uma região determinada do universo discursivo. Aqui se inclui o campo político, religioso, filosófico, dramático, etc. É interessante a afirmação de Maingueneau (2005, p. 36) de que “é no interior do campo discursivo que se constitui um discurso”. Isso reafirma nosso propósito de arrolar o discurso poético, em estudo, no fértil solo das relações interdiscursivas.

Há um afunilamento maior desses conceitos, o espaço discursivo caracteriza-se como subconjuntos de formações discursivas que são recortados pelo analista e posto em relação. Como exemplo, o discurso religioso pode ser demarcado em diferentes espaços. Essa estratificação de Maingueneau para tratar o interdiscurso é uma metodologia de análise que, para nosso trabalho, não se apresenta muito produtiva, porque não vamos recortar o discurso em espaços discursivos, mas se fossemos escolher uma categoria, certamente a de campo discursivo se aproxima mais do que propomos; no entanto, continuamos a usar a palavra interdiscurso.

Maingueneau & Charaudeau (2006, p. 286) abordam a questão da interdiscursividade como uma propriedade do discurso, que possibilita estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso. Acrescentam, ainda, que o interdiscurso pode ser visto em sentido restritivo como um espaço discursivo que mantém relações de delimitação recíproca uns com os outros; e em sentido amplo - conjunto das unidades discursivas com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita.

Voltando ao diálogo com Courtine (1999, p. 20) torna-se essencial para este trabalho observar as formas de relações interdiscursivas que passam pela idéia de continuidade e ruptura. A retomada de formulações anteriores pode ser sentida no fio discursivo pela exterioridade do enunciável, nas quais o interdiscurso pode ser considerado

como preenchimento, produtor de um efeito de consistência no interior do formulável e o interdiscurso como oco, vazio, deslocamento, cuja intervenção ocasionaria um efeito de inconsistência (ruptura, descontinuidade, divisão) na cadeia do formulável.

São duas formas de manifestação da exterioridade, presença de outros discursos, que podem acontecer com efeito de consistência ou inconsistência, gerando assim, efeitos de sentido diversos que podem corroborar ou romper com os dizeres das F.D nas quais esses discursos se inserem. No entanto é preciso lembrar que só se podem perceber essas formulações pela articulação com a memória discursiva, categoria amplamente discutida na AD por Courtine e Pêcheux e que será foco de discussão do tópico seguinte.

Para temporariamente fechar esta conversa, concordamos com Possenti (2005, p. 386) que a “noção de interdiscurso, inclusive em seus desdobramentos, rompe com conceitos que, de alguma forma, fundam-se sobre os pressupostos da homogeneidade e do centramento, seja do discurso, seja do sujeito”. Por isso, não se pode isolar o funcionamento intradiscursivo, como se ele fosse autoconstitutivo. É preciso relacioná-lo a dizeres outros que circulam nos discursos, voam por práticas sociais diversas e repousam em materialidades que mesclam intra e interdiscurso, num permanente processo dialógico.

Nesse retorno a formulações anteriores, é perceptível que no discurso poético de Patativa há um entrelaçamento muito forte com o discurso religioso, o qual se apresenta como fonte de legitimação do discurso do sujeito enunciator, numa repetição-atualização de sentidos, mostrando que uma formação discursiva é sempre atravessada por outras discursividades, o que reforça o caráter heterogêneo dos discursos. Dessa forma, é preciso durante o processo analítico dar conta dos atravessamentos, dos elementos resgatados pela memória discursiva, da alteridade presentes no discurso. A retomada do discurso religioso é uma regularidade no funcionamento discursivo patativano. É sobre isso que trataremos a seguir.

### **3.3 - Marcas do discurso religioso: um diluве de rima caindo inriba da terra**

O pai de famia honrado,  
 A quem to me referindo,  
 É Deus nosso Pai Amado  
 Que lá do céu tá me uvindo,  
 O Deus justo que não erra  
 E que pra nós fez a terra,  
 Este praneta comum;  
 Pois a terra com certeza  
 É obra da natureza  
 Que pertence a cada um.

Patativa do Assaré

A cultura popular apresenta traços característicos da identidade do homem nordestino. Criada a partir dos costumes, hábitos, crenças, mitos, valores ela é transmitida de geração a geração através da memória coletiva e se perpetua pelas práticas sociais, as quais são permeadas por diferentes formações ideológicas.

Como manifestação da cultura popular nordestina, a literatura popular canta o sertão, suas alegrias e tristezas. Principalmente dá ênfase ao espaço físico e humano, a geografia de um povo religioso que sofre, luta, sonha, e não desiste nunca, mesmo que seja preciso sair de seu “torrão natal” para aventurar-se por novas terras, em busca de melhores condições de vida, já que o nordeste, com suas grandes estiagens, não propicia a sobrevivência.

No corpus analisado, o sujeito enunciator utilizou-se de elementos da cultura popular nordestina, principalmente, ligados a valores ideológicos como: religiosidade, crenças, costumes para legitimar seu discurso. Dessa forma traços da memória social do sertanejo são abordados, em busca de construir uma poesia que retrate o “universo fascinante do sertão”, com um canto de quem realmente tem experiência para expressar essa realidade, num discurso produzido por um sujeito construído a partir de um lugar sócio-histórico específico.

Podemos perceber nesse funcionamento discursivo um instrumento que resgata a identidade do sertanejo, através da memória discursiva e legitimada a partir da articulação com outros discursos, onde se inaugura um novo sentido e o

sujeito se identifica em diferentes posições de acordo com as formações discursivas em que se inscreve. Por isso, nas palavras de Baronas (2000), todo discurso é determinado pelo interdiscurso. A relação entre língua e objeto é sempre atravessada por uma memória do dizer e essa memória é que determina as práticas discursivas do sujeito.

A discussão sobre memória oportuniza pensar como são construídos os sentidos nos enunciados. Na relação com a exterioridade, criam-se formas de dizibilidades que não são apenas frases repetidas, pronunciadas em contextos isolados. “A memória não restitui frases escutadas no passado, mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrases” (ACHARD, 1999, p. 16)

É através da memória discursiva que é possível perceber a circulação de formulações anteriores. É ela que possibilita perceber no intradiscurso elementos do interdiscurso que aparecem re-significados, pois, como afirma Foucault (2004, p. 26), “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

A questão da memória abordada por Pêcheux resulta dos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. No entanto, a memória discursiva não é a memória psíquica, ou neurofisiológica, ela é o resgate da exterioridade, das relações com a história, percebidas através da memória social e coletiva. A memória apresenta-se como articulador de materialidades discursivas, num processo de repetição e regularização. De acordo com Pêcheux, (1999, p. 52)

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

São traços discursivos que oportunizam a interpretação dos textos, tendo em vista que “a existência do outro, nas sociedades e na história, permite a interpretação, através da identificação e das transferências que organizam a

memória e as relações sociais em redes de significantes” (GREGOLIN, 2001, p. 26).

Neste sentido, o discurso religioso apresenta-se como uma profícua estratégia discursiva, tendo em vista que a fé do sertanejo, “traço identitário formador de sua imagem social circulam em vários discursos sobre o sertão” (LEITE, 2004, p. 64). Assim, na literatura popular não seria diferente, o discurso religioso é retomado, repetido, re-significado em diversas formações discursivas, construindo a identidade do sertanejo atrelada a sua religiosidade. Nesta abordagem o discurso religioso é entendido

de acordo com a perspectiva da AD francesa, cuja noção de discurso relaciona-se orgânica e constitutivamente com a noção de ideologia, o discurso religioso seria o conjunto de enunciados inscritos e autorizados pela formação social religiosa, concretizados por meio do aparelho ideológico denominado igreja e assumidos por um conjunto de sujeitos, os quais seriam subordinados a um Sujeito Maior (GRANGEIRO, 2002 p. 81).

O universo em que vive o sertanejo é permeado por uma força espiritual que condiciona a vida das pessoas. A fé é a maior riqueza que se possui e acreditar em Deus torna-se meio de sobrevivência. Em face de tantas adversidades, o sertanejo apega-se à religião como princípio de ligação com o Divino, fonte de salvação e de superação para todas as dificuldades enfrentadas. Sua religiosidade é uma necessidade de está protegido e abençoado, sendo possível alcançar todas as graças, ou conseguir ter força para continuar sua batalha diária. Vale ressaltar que “o discurso religioso se caracteriza como aquele em que fala a voz de Deus” (ORLANDI, 2001, p. 243).

A religiosidade popular pode ser percebida em experiências vividas cotidianamente, é comum nas casas de todo sertanejo ser encontrados verdadeiros oratórios, com imagens de todos os santos, o coração de Jesus e Maria no centro da parede da sala, podendo ser visto logo que se entra na casa. Isso para identificar que naquele lar há a proteção Divina. Outra forma são as procissões e romarias que atraem multidões, nesse caso o religioso comunga com o cultural transpondo a uma visão de mundo intimamente ligada ao desejo de agradecer pela graça alcançada e pelos milagres, que foram pedidos através da intercessão dos santos. Exemplos mais significativos da devoção do nordestino

estão representados nas romarias do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte; e de São Francisco de Assis em Canindé, ambas no estado do Ceará.

O discurso da literatura popular absorve traços dessa religiosidade ao usar o interdiscurso religioso, a partir de textos bíblicos que se apresenta como discurso fundador. Percebemos nas poesias de Patativa essa retomada do discurso religioso, observando os sentidos produzidos a partir de outros sentidos que já estão cristalizados na sociedade, institucionalizados na memória discursiva. Dizeres esses que operam na construção discursiva da identidade, que é produzida em condições específicas de um dado momento histórico, fruto das relações sociais e culturais.

Vejamos a partir do poema intitulado *O rico orguioso*, extraído do livro *Cante lá que eu canto cá* (2004) como o interdiscurso se materializa.

O discurso religioso perpassa toda a materialidade do poema, o que lhe confere legitimidade. Já na primeira estrofe, o sujeito enunciador utiliza a voz do discurso bíblico, mostrando os ensinamentos que Jesus Cristo, o filho de Deus pregou na terra: paz, amor, fraternidade, igualdade, construindo os sentidos a partir de um discurso que circula pela história. Podemos perceber ainda nesta estrofe, uma visão de mundo que aponta um sujeito ideologicamente marcado, conformado com seu destino, pois tudo acontece por vontade Divina, a salvação será a sua recompensa: *“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”* (João 3:16).

Quando Jesus Cristo andou  
 Pregando a santa verdade,  
 A todos ele insinou  
 Paz, amô e fraternidade,  
 Perdão, ternura e cremensa,  
 Padecê com paciência,  
 Derramá nosso suo  
 Sem lamentá nossa sorte,  
 Promode depois da morte  
 Tê uma vida mio.

Os ensinamentos de Cristo são reforçados também na segunda estrofe. O sentido aqui é produzido na re-significação das palavras do apóstolo João (10: 10-11) *“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas”*.

Pra ninguém tratá de guerra  
 Veio lá da internidade  
 Padecê aqui na terra  
 Pra tira nossa ruindade

Tem-se nestes versos um discurso de submissão e reconhecimento do Poder de Deus, que sofreu para libertar o homem de sua “ruindade” *“Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5: 8)*. Assim o homem tem que ser eternamente grato e viver conforme a Sua palavra, pois dessa forma alcançará o reino do céu, a vida eterna.

O sujeito enunciador enfatiza, nessa mesma estrofe, os milagres realizados por Jesus, como forma de aumentar a fé e reforçar o poder de Deus, pois para acontecer o milagre é preciso o sujeito ter fé e conseqüentemente, o alcance deste faz a fé aumentar. *“E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E, desde aquele instante, a mulher ficou sã”*. Mateus (9:22). Segundo Orlandi,

o milagre é a confirmação da reversibilidade, da passagem de um plano pra outro: nele se juntam a interferência divina e a inexplicabilidade da ciência dos homens. Deus partilha com os homens suas qualidades divinas (2001, p. 251).

A estratégia discursiva continua com a ênfase nas lições de Jesus, apresenta-se um apelo para que todos se percebam como irmãos, pois assim o Mestre ensinou, para isso Ele entrou em todos os meios, em diversos lugares sempre pregando a paz e o amor entre os homens. *“E aconteceu que concluindo Jesus esse discurso, a multidão se admirou de sua doutrina”*. (Matheus 8: 29)

Ele mandava constante  
 Quando fazia o sermão,  
 Para em cada simiante  
 A gente vê um irmão  
 Mostrando as coisas divina,  
 Pregando a santa doutrina,  
 Entrou em todos os meio,

Percebemos, nestes versos, o discurso religioso em sua forma autoritária, Deus manda, os homens têm que obedecer. *“Porquanto os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas”*. (Matheus 8: 29). O que reforça a idéia de Maingueneau (2005 p. 38) de que os discursos reivindicam uma autonomia, no



caso do discurso religioso: “cada discurso supõe sua conformidade com uma Palavra divina absoluta”.

Até aqui o sujeito enunciador se insere numa formação discursiva que comunga com a ideologia do discurso religioso, assim o sertanejo se identifica como um sujeito, cuja religiosidade é o que tem de mais importante. Sua fé é reforçada ao mostrar os ensinamentos de Jesus, isso demonstra que ele é conhecedor e seguidor da palavra de Deus. Ele obedece porque assim está escrito: “*As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem. E dou-lhes a vida eterna*”. (João 10: 27-28).

No entanto, há um outro sujeito que não obedece à palavra de Deus (o rico), por isso ele vai ser excluído “A fé é o que distingue os fiéis dos não-fiéis (...) é um dos parâmetros em que se assenta o princípio da exclusão” (ORLANDI, 2001, p. 250). Pela sua falta de fé, o rico não segue os ensinamentos, não sendo, portanto, considerado uma ovelha de Deus: “*vós não credes porque não sois das minhas ovelhas*” (João 10: 26), pois ele

Não quis sabê das lição,  
Das aula de Jesus Cristo. [...]  
Não crê na santa verdade  
Da Divina Majestade

Os sentidos agora são construídos por oposição, por desobediência aos ensinamentos do Mestre. Ainda em articulação com o discurso religioso, elementos da memória discursiva são acionados para se criar uma outra identidade, “a do rico orgulhoso”. Que é apresentado como um sujeito “*sempre teimoso e vaidoso, tem coração duro e vive inchado feito cururu*”. É importante observar que o sujeito (rico) retratado no poema, não é só do Nordeste, mas do mundo todo, criando um estereótipo de que todo rico é orgulhoso, vaidoso, que manda em tudo e em todos e não segue a palavra de Cristo, seu deus é o dinheiro. Esta ideologia advém do discurso bíblico que prega em Mateus 19:24 “*E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus*”. Também surge como resquício de sua própria experiência como sertanejo, que percebe a diferença de classe, em seu cotidiano vê os padrões sempre com uma vida de fartura, entre seus pares, sem se importar com os pobres

Quando ele incronta um sujeito  
 Que é de sua mesma laia,  
 Fica munto sastifeito  
 Fala contente e gargaia,  
 Mas de pobre não faz conta,  
 Quando a pobreza ele incronta  
 Se aborrece e se incomoda,

A identidade do sujeito (rico) se constitui pela diferença à identidade do sertanejo, ressaltando que a questão da diferença marca a identidade por oposição ao que ela não é. Por isso, “identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas”. A diferença é considerada como um produto derivado da identidade que passa a ser a referência, o ponto original ao qual se define a diferença (SILVA, 2004).

Outra estratégia discursiva usada pelo sujeito-enunciador é a comparação do rico com elementos do contexto sertanejo “*um peru fazendo roda*”, e o “*boi zebu*”, animais considerados vaidosos por seu garbo. Compara ainda momentos em que rico e pobre vivem as mesmas experiências: a hora do nascimento, ambos nasceram de uma mulher, chorando sem saber nada e nus. Também na hora da morte os dois são iguais, nem mesmo o “Dotô” nem o “orguio” podem “impatar”. A morte é chegada para todos, porque assim está escrito: “*Tu és pó e ao pó tornarás*” (GÊNESIS 3: 19). Para simbolizar a morte usa a expressão “*o seu cachimbo ele bate*”, reformulando um ditado popular “bater as botas”.

Na última estrofe, o interdiscurso religioso fica expresso em vozes colocadas no texto: uma voz que dá o perdão ao “orguioso”, seguindo o que Cristo ensinou: “*Eu porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam*” (Matheus 5: 44); e outra que nem tão clemente assim diz: “*ô coisa boa! Ele agora vai pagá*”. Esse pagar remete ao discurso bíblico que coloca a morte como a hora em que o pecador vai prestar contas com Deus: “*os olhos de Deus estão sobre os caminhos do homem e vêem todos os seus passos. Pois Deus não precisa observar por muito tempo o homem antes de o fazer ir a juízo perante ele*” (Jó 34: 21-23).

Assim, percebemos neste enunciado que a memória age como um articulador de sentidos, ela possibilita resgatar a exterioridade que perpassa o discurso, buscando dizeres na relação interdiscursiva com a articulação com o discurso religioso, através de sentidos legitimados pela sociedade.

Dessa forma, criam-se duas identidades: a do sujeito temente a Deus, o sertanejo, seguidor de sua palavra, gerando um sentimento de identificação com Deus que o faz merecedor das graças de Divino Mestre; e um outro sujeito, o rico, que se apresenta como o desobediente, aquele que transgride aos ensinamentos de Jesus e é dotado de sentimentos negativos como o orgulho, a vaidade, a falta de humildade, não reconhece o pobre como seu irmão, não segue os mandamentos de Deus.

Assim, é possível perceber que, como sugere Althusser (2003, p. 100), a ideologia religiosa se dirige aos indivíduos para “transformá-los em sujeitos”, interpelando o indivíduo, para fazer dele um sujeito, livre para obedecer ou desobedecer às ordens de Deus.

Essas identidades produzem efeitos de sentido que se historicizam e remetem a uma memória institucionalizada, criando imagens de sujeitos ideologicamente marcados, cujas visões de mundo resultam de formações discursivas caracterizadas a partir de ideologias do discurso religioso. Percebemos assim, o discurso religioso como constitutivo do sentido e dos sujeitos retratados nesse enunciado poético.

Dessa forma, observamos a construção identitária do sertanejo como um sujeito temente à Deus, a religiosidade é sua marca identitária. Fato que se evidencia também nos enunciados poéticos que analisaremos nos próximos tópicos, para discutir a construção da identidade nordestina.

### **3.4 - Entre discurso e poesia: um caso de construção de identidade**

o dia desponta mostrando-se ingrato,  
um manto de cinza por cima da serra  
e o sol no Nordeste nos mostra o retrato  
de um bolo de sangue nascendo na terra

Patativa do Assaré

Até o momento vimos analisando o funcionamento discursivo do objeto em análise pela regularidade com que se apresentam os enunciados, ou seja, a retomada a formulações do discurso religioso. Como dissemos anteriormente, esse age como regra de formação, como fonte de legitimação do discurso do sujeito enunciativo. No entanto, utilizamo-nos dele para reforçar a hipótese de que é possível discutir a questão da identidade, tanto do nordestino quanto do Nordeste no discurso poético. Utilizaremos agora, duas outras materialidades do nosso corpus para adentrar nessa questão, observando como se efetiva a construção da identidade nesse discurso, entendendo-a como um processo relacionado à memória e ao interdiscurso.

Vale ressaltar que num discurso sempre transitam sentidos históricos que buscam construir objetos. Para Foucault (2007), não são as coisas que preexistem às práticas discursivas, são antes de tudo essas práticas que constituem e determinam os objetos. Assim, procuramos evidenciar como se constrói o objeto Nordeste que se apresenta discursivizado no enunciado poético, inserido na prática discursiva do sujeito enunciativo. Para tanto, necessário se faz, inicialmente, discorrermos a respeito de questões teóricas sobre a categoria identidade.

A noção de identidade, neste trabalho, é compreendida como um processo em construção, nunca considerada homogênea ou fixa. Ela é mutável, fragmentada reconhecida muito mais como uma identificação do que como algo sólido, pronto e acabado. É uma construção discursiva que circula em dizeres com certas regularidades e práticas sociais estabilizadas.

Pensamos a construção da identidade nordestina no enunciado poético relacionado com outros dizeres que circulam socialmente, observando com Albuquerque Jr. que

definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza (2006, p. 24).

Assim, partimos dos autores Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva, os quais vêem a identidade enquanto construção discursiva produzida em condições específicas de um dado momento histórico, sendo pois fruto das relações sociais e culturais. Stuart Hall (2004, p. 109) afirma que:

é precisamente porque as identidades são **construídas dentro e não fora do discurso** que nós precisamos compreendê-las como produzidas em lugares históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da **marcação da diferença e da exclusão** do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional (grifo nosso).

A diferença, então, funciona como um traço identitário de oposição, o que marca a identidade em relação ao que ela não é. Assim, a identidade passa a ser caracterizada por contraste, oposição e exclusão, o ponto original ao qual se define a diferença (SILVA, 2004). Esse autor também admite que a identidade e a diferença não podem ser vistas fora do sistema de significação nos quais adquirem sentidos. Elas são resultados de um processo de produção simbólica e discursiva.

Dessa forma, observamos que a **identidade é um processo cultural** construída nos discursos que circulam em uma dada sociedade. Ela é móvel, fragmentada, contraditória em alguns momentos. É definida historicamente. Stuart Hall (2005 p.13) acrescenta que:

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

Apoiamo-nos também em Bauman (2005) que pensa a identidade como um produto recente, surgida através da necessidade de pertencimento a um

grupo, comunidade ou nacionalidade. Mas essa sensação de pertencimento se desfaz pela falta de instabilidade em decorrência da “nossa era líquido-moderna” e pela flexibilização de se adequar a novos contextos sociais e comunidades.

No entanto, o autor trata não de uma identidade sólida, tendo em vista que “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas é um fato novo, muito recente” (Bauman, 2005, p. 22), ele aponta na direção de identidades possíveis. A globalização reduz a singularidade e trabalha com o fluxo de construções identitárias, com as quais o indivíduo pode identificar-se temporariamente. Por isso, Bauman (2005. p.17) afirma que:

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Essa idéia de identidade transitória surge em decorrência do contexto histórico da pós-modernidade; Bauman chama de modernidade líquida justamente pelas características da fluidez, descontinuidade, rupturas, incertezas e inseguranças do período e pelo reflexo que a globalização como uma “forma de mudança radical e irreversível” provoca na sociedade. Assim, as identidades sofrem um processo de transformação, encontram-se numa zona de fronteiras menos definidas. E é nesse reflexo da contemporaneidade que Boaventura de Sousa Santos também analisa a identidade como transitória:

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso. (SANTOS, 2000, p. 135)

Esse autor trabalha ainda com a idéia de que além de plurais, as identificações são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das

distinções. Fato que comunga com o pensamento de Hall e Silva. A questão da identidade pela diferença torna-se produtiva para esta pesquisa, pois, defendemos também a hipótese de que a identidade nordestina se constitui pela oposição ao que ela não é, ou seja, é marcada pela diferença e exclusão no espaço social. Essa idéia está representada na prática discursiva do sujeito, ora em análise, e será evidenciada no próximo tópico.

### ***3.4.1 - Em busca da chuva prometida: legitimando identidades***

*Eu sou fio do Nordeste  
 Não nego meu naturá  
 Mas uma seca medonha  
 Me tanjeu de lá pra cá  
 Lá eu tinha o meu gadinho,  
 Não é bom nem maginá,  
 Minha linda vaca estrela  
 E o meu belo boi fubá*

*Patativa do Assaré*

Quando se discute a questão da construção de identidade num discurso é preciso levar em consideração que estamos nos reportando aos sentidos que perpassam a tessitura discursiva e levam o analista a percebê-los no emaranhado do funcionamento discursivo. Um discurso apresenta sentidos que transitam do intradiscurso para o seu exterior constitutivo. São nessas marcas que mergulhamos em busca de desfazer os nós da trama que enreda o objeto discursivizado. O sentido não está visível, posto no significante, é preciso seguir suas pegadas pela relação com a história, para, então, apreender os sentidos que estão em suspenso na relação entre o dito, o não dito e principalmente o que foi silenciado.

É nesse jogo de sentido que se constroem identidades, não como estagnadas no tempo e no espaço, mas como formas possíveis de dizibilidade. Esses dizeres sempre podem ser outro, assim como as identidades também podem modificar-se de um enunciado a outro, tendo em vista que o sujeito enunciator, por ser social, está inserido em momentos históricos diferentes e em

condições de produção também diferentes. Os dizeres mudam com as práticas discursivas. Num momento repetem-se, noutro são desconstruídos, mas sempre articulando o que se diz em um lugar com o que já foi dito antes, dentro de uma ordem permitida institucionalmente.

Dessa forma, vamos começar a análise da construção da identidade nordestina pelos dizeres que, em nosso corpus, surgem como forma de legitimar uma identidade de Nordeste que se encontra também em outras práticas discursivas. Assim é que, no enunciado poético “**A triste partida**”, observamos a inserção de dizeres que constituem saberes sobre o objeto Nordeste, a partir de relações de paráfrases, pela retomada de sentidos que circularam em outras formações discursivas.

A triste partida, produzida em 1957, relata a saga de uma família de retirantes que saem do Nordeste para São Paulo, em virtude da seca. Apresentamos o poema abaixo:

Setembro passou, com outubro e novembro  
 Já tamo em dezembro.  
 Meu Deus, que é de nós?  
 Assim fala o pobre do seco Nordeste,  
 Com medo da peste,  
 Da fome feroz.

A treze do mês ele fez experiência,  
 Perdeu sua crença  
 Nas pedra de Sá.  
 Mas nôta experiência com gosto se agarra,  
 Pensando na barra  
 Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,  
 O só bem vermeio,  
 Nasceu munto além.  
 Na copa da mata, buzina a cigarra,  
 Ninguém vê a barra,  
 Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba Janêro,  
 Depois, feverêro,  
 E o mêrmo verão.  
 Entonce o rocêro, pensando consigo,  
 Diz: isso é castigo!  
 não chove mais não!

Apela pra Maço, que é o mês preferido  
 Do Santo querido,  
 Senhô São José.  
 Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,  
 Lhe foge do peito



O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,  
 Chamando a famia  
 Começa a dizê:  
 Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,  
 Nós vamo a São Palo  
 Vivê ou morrê

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia;  
 Por terras aleia  
 Nós vamos vagá.  
 Se o nosso destino não fô tão mesquinho,

Pro mêrmo cantinho  
 Nós torna a vortá.

E vende seu burro, o jumento e o cavalo,  
 Inté mêrmo o galo  
 Vendêro também,  
 Pois logo aparece feliz fazendeiro  
 Por pouco dinhêro  
 Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;  
 Chegou o triste dia  
 Já vai viajá  
 A seca terrive, que tudo devora,  
 Lhe bota pra fora  
 Da terra nata.

O carro já corre no topo da serra,  
 Oiando pra terra,  
 Seu berço, seu lá,  
 Aquele nortista, partido de pena,  
 De longe acena:  
 Adeus, Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfadado,  
 E o carro embalado,  
 Veloz a corrê,  
 Tão triste, coitado, falando saudoso,  
 Com seu fio choroso  
 Escrama, a dizê:

\_\_ De pena e sodade, papai, sei que morro!  
 Meu pobre cachorro,  
 Quem dá de comê?  
 Já ôto pergunta: \_\_ Mãezinha, e meu gato?  
 Com fome, sem trato,  
 Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:  
 \_\_ Mamãe, meus brinquedo!  
 Meu pé de fulô?  
 Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!  
 E minha boneca  
 Também lá ficou.

E assim vão dexando, com choro e gemido,

Do berço querido  
Céu lindo e azu.  
Os pai, pesaroso, nos fio pensando,  
E o carro rodando  
Na estrada do Su.

Chegaram em São Palo \_\_\_ sem cobre, quebrado.  
O pobre acanhado,  
Percura um patrão.  
Só vê cara estranha, da mais feia gente  
Tudo é diferente  
Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,  
E sempre nos prano  
De um dia inda vim.  
Mas nunca ele pode, só veve devendo,  
E assim vai sofrendo  
Tormento sem fim.

Se alguma notícia das banda do Norte  
Tem ele por sorte  
O gosto de uvi,  
Lhe bate no peito sodade de móio,  
E as água dos óio  
Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,  
Ali veve preso,  
Devendo ao patrão.  
O tempo rolando, vai dia, vem dia,  
E aquela famia  
Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,  
Exposto à garoa,  
A lama e o paú,  
Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,  
Vivê como escravo  
Nas terra do Su.

A identidade nesse discurso está entrelaçada com o sentido, a memória discursiva e as relações interdiscursivas que perpassam a materialidade do enunciado. É pela imbricação dessas categorias que é possível discutir a construção de identidades nos discursos, tendo em vista que os sentidos estão no limiar entre a materialidade lingüística e a história, é preciso o gesto de interpretação do analista para percebê-los, observando as estratégias que nem sempre evidentes, estão presentes nos discursos.

O enunciado está permeado por elementos da realidade sócio-cultural do sertanejo, a referência às experiências que se faz para descobrir se o ano será

de chuva ou seca perpassa o poema até se confirmar que “não chove mais não”. Essas experiências são feitas pelos “profetas da chuva do sertão”, com base na observação dos elementos da natureza, nas tradições de messianismo da região Nordeste e no poder simbólico da religião. Isso marca a primeira parte da narrativa caracterizada pela busca da chuva como única forma de permanecer no seu espaço regional.

Assim, para a construção dos sentidos, elementos da memória discursiva são resgatados, pois é preciso conhecer esse contexto para se entender o porquê das previsões. São conhecimentos que estão na memória coletiva, já que não se trata da realidade de apenas um indivíduo, por isso, de acordo com Halbwachs (2004), só se pode falar de memória coletiva quando se evoca um acontecimento que teve lugar na vida de um grupo. A memória se caracteriza como o que é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade.

No enunciado poético, iniciam-se as experiências de base meteorológica, marcada inicialmente pelo tempo cronológico dos meses de setembro a dezembro, período em que, quando chove, indica prenúncio de que o ano seguinte será de inverno. Sem esse sinal o sertanejo começa a temer e a clamar ajuda divina

Meu Deus que é de nós?  
Assim fala o **pobre** do **seco** Nordeste  
Com medo da peste  
Da fome feroz

Nesses versos há traços identitários do povo e da terra. O sertanejo é pobre e o Nordeste é seco, reafirmando o discurso da seca que circula em certas práticas sociais, ligando a imagem do Nordeste a seca e a miséria. Vale lembrar que o Nordeste enquanto região nasce justamente desse discurso, quando as elites dominantes começaram a usar a seca e os problemas locais como forma de conseguir verbas e recursos. O discurso da seca começou a circular desde a grande seca de 1877 que assolou a região, quando ela ainda estava ligada aos estados do Norte. Ela é, portanto, considerada o marco histórico inaugural de uma imagem estabilizada de Nordeste, que se expandiu e passou a ser utilizada em diversos discursos, adquirindo status de verdade, funcionando como uma identidade estereotipada da região. Esse saber sobre a região atribui a ela

o lugar do gueto nas relações sociais em nível nacional, região que é preservada como elaboração imagético-discursiva como o lugar da periferia, da margem, nas relações econômicas e políticas no país, que transforma seus habitantes em marginais da cultura nacional (ALBUQUERQUE JR. 2006, p. 27).

Assim, a seca passou a ser um acontecimento discursivo abordado por diferentes formações discursivas. O sujeito enunciador continua a elencar as experiências que são feitas no sertão como processo divinatório de previsão de chuvas e remete a que é realizada no dia treze de dezembro, com as pedras de sal. Essa previsão é realizada nesse dia, em virtude de ser o dia dedicado à Santa Luzia, realiza-se da seguinte forma:

Na véspera do dia consagrado à gloriosa mártir, riscam-se numa tábua ou papelão seis retângulos, correspondendo cada um deles a um mês do ano, de janeiro a junho, época do inverno, coloca-se em cada quadrado uma pedra de sal e expõe-se ao sereno, nessa noite de 12 para 13 de dezembro. Pela manhã, vai-se ver o que aconteceu. Conforme o sal esteja derretido neste ou naquele quadrado, choverá mais ou menos nos meses correspondentes. Há uma razão de ordem prática nesse processo divinatório: a grande sensibilidade do cloreto de sódio ao estado higrométrico da atmosfera. A segunda é considerar o dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, como representando o mês de janeiro, e os seguintes como os outros meses até junho. Se chover ou fizer sol nesses dias, choverá ou haverá seca nos meses correlatos (BARROSO, 2001, p. 583-585).

No entanto, a experiência com as pedras de sal também demonstra que não haverá inverno, pois as pedras não derreteram. Segue-se a mais uma tentativa. Agora é apelar para a barra de nuvens do Natal: a leitura do nascer do sol em 25 de dezembro indica se haverá bom ou mau inverno.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,  
O só bem vermeio,  
Nasceu munto além.  
Na copa da mata, buzina a cigarra,  
Ninguém vê a barra,  
Pois barra não tem.

Mas não veio a barra, o que se percebe é o “só bem vermeio” que cada vez mais contribui para formar uma imagem de sertão quente e seco, imagem essa já cantada em outros versos do autor, como no poema Dois quadros: “o dia desponta mostrando-se ingrato/ um manto de cinza por cima da serra/ e o sol no Nordeste nos mostra o retrato/ de um bolo de sangue nascendo na terra”. O

canto da cigarra também prenuncia a falta de inverno. Passam-se janeiro e fevereiro, continua o mesmo verão. O sujeito enunciador utiliza-se do discurso religioso que perpassa a memória social do sertanejo para justificar a falta de chuva

Entonce o rocêro, pensando consigo,  
Diz: **isso é castigo!**  
não chove mais não!

O sentido no enunciado agora é construído pela atribuição da seca como castigo, ideologia pregada pela instituição religiosa que atribui o sofrimento como castigo de Deus aos pecados, o saber da cultura nordestina absorve esse discurso como verdadeiro. Essa idéia vem desde o gênesis com Adão e Eva que, ao comerem o fruto proibido pecaram, e com o pecado tiveram o sofrimento como castigo. Deus castigou a serpente, o homem (Adão) e a mulher (Eva) a cada um aplicou castigos diferentes. Para Adão Deus disse: “por causa do que você fez a terra será maldita. Terá de trabalhar no pesado até que a terra produza algum alimento; isso até que você volte para a terra, pois dela você foi formado. Você foi feito de terra e vai virar terra outra vez” (GÊNESIS, 3: 17-19). Assim, percebe-se que o primeiro castigo foi a morte, depois outros males como: doença, ignorância, pobreza, etc. Segundo Frei Sciadini (2007), em relação ao sofrimento e a dor, deve-se ter atitude de aceitação, pois comunica-nos a paz e alegria profundas, e nos faz cristãos: seguidores e imitadores de Jesus Cristo. Acrescenta ainda: vejo nos sofrimentos uma participação mais direta na paixão do Senhor Jesus. É preciso ver o nosso corpo como um prolongamento do mistério da encarnação e realizar em nossa carne o que falta à paixão do Senhor.

Continuando a peleja do sertanejo, ele vê ainda uma esperança no mês de março, pois para o sertanejo esse mês é decisivo para a espera da chuva.

Apela pra Maço, que é o mês preferido  
Do Santo querido,  
Senhô São José.  
**Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,**  
Lhe fuge do peito  
O resto da fé.

Como as experiências demonstraram que não haverá inverno, apela-se para a fé, o santo padroeiro, São José, é invocado; se ele não fizer cair água na terra, então a estiagem está declarada. O dia de São José, 19 de março, é de grande importância para o sertanejo, essa data antecede 48 horas o equinócio<sup>22</sup>, não sendo raro nesse dia a mudança de tempo. Por isso, se até o dia de São José o inverno não se manifestar, consideram-se perdidas todas as esperanças.

A invocação da fé para pedir a chuva é uma regularidade nos discursos sobre o nordeste. O que nos leva a acrescentar que os sentidos são sempre construídos em rede, oportunizando instituir o que Foucault (2007, p. 147) chama de arquivo, entendido como:

o sistema da discursividade, às possibilidades e às impossibilidades enunciativas que ele conduz. O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. [...] o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação.

No entanto, não se deve entender o arquivo como um conjunto de textos produzidos em uma dada época, mas como o que pode ser dito num dado sistema de discursividades. O arquivo é um “modo de acompanhar as práticas discursivas de uma sociedade” (SARGENTINI, 2006, p. 41), sendo assim, é possível buscar em outras materialidades discursivas esses dizeres, que legitimam a fé do sertanejo. Em diversas artes como, por exemplo, na música, no cinema, na literatura, dentre outras, encontram-se não só elementos da religiosidade, como também dizeres que legitimam a identidade de Nordeste seco, região em que se considera impossível o desenvolvimento. Isso devido às repetições, regularizações que causam um efeito de série nos enunciados, os quais segundo Pêcheux (1999) seria na regularização que residiriam os implícitos sob forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrases que podem conduzir a questão da construção dos estereótipos.

---

<sup>22</sup> Ponto da órbita da Terra em que se registra uma igual duração do dia e da noite, o que sucede nos dias 21 de março e 23 de setembro (Aurélio, versão eletrônica). É um fenômeno meteorológico que muda a posição do sol em relação à terra, renunciando precipitações de chuva (Feitosa, 2003).

Como estamos, neste ponto, nos referindo aos sentidos construídos pela articulação com o discurso religioso, trazemos para o diálogo uma outra materialidade discursiva, na qual os dizeres estão em articulação com o enunciado poético da Triste partida. É a composição de Gordurinha e Nelinho, *Súplica Cearense*, gravada por vários cantores da música popular, como Elba Ramalho, Luiz Gonzaga e Fagner, a qual apresentamos abaixo:

Oh! Deus, perdoe este pobre coitado  
Que de joelhos rezou um bocado  
Pedindo pra chuva cair sem parar

Oh! Deus, será que o senhor se zangou  
E só por isso o sol se arretirou  
Fazendo cair toda chuva que há

Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho  
Pedir pra chover, mas chover de mansinho  
Pra ver se nascia uma planta no chão

Meu Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,  
Eu acho que a culpa foi  
Desse pobre que nem sabe fazer oração

Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água  
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa  
Pro sol inclemente se arretirar

Desculpe eu pedir a toda hora pra chegar o inverno  
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno  
Que sempre queimou o meu Ceará

Observamos também nesse enunciado, que o sujeito enunciadador se apresenta como um “pobre coitado” que reza pedindo chuva. No entanto, ele se sente culpado por todas as desgraças, se faz sol ou se chove muito a culpa é dele, pois ele é “um pobre que nem sabe fazer oração”. Nesse caso, também há articulação com o discurso religioso, reforçando-o como “constituente da representação social do nordestino, na medida em que é constantemente retomado, repetido” (LEITE, 2004, p. 64) gerando relações interdiscursivas. Aqui, Deus também está zangado e, ao contrário do enunciado anterior, que não choveu como um castigo de Deus, o castigo aqui foi cair “toda chuva que há”. Percebe-se que se trata de um ano com muitas chuvas, o que também não é bom para a plantação, isso fica claro num verso que diz: “pedi pra chover, mas chover de mansinho, pra ver se nascia uma planta no chão”. O efeito de sentido

criado pela conjunção adversativa, “mas”, revela que as chuvas não estão acontecendo no limite do esperado para favorecer a agricultura. O Nordeste, nesse caso, representado pelo estado do Ceará, é caracterizado pela seca que o domina, reafirmado na imagem “inferno que sempre queimou o meu Ceará”.

De um enunciado a outro o sertanejo sempre se vê como um pobre coitado, que precisa de ajuda divina para sobreviver. A interpelação ao Sujeito Maior é resultado da fé que o domina, colocada pela instituição religiosa, que divulga uma ideologia de submissão, na qual os sujeitos devem estar sempre submissos ao “Deus todo poderoso”. Isso reforça a idéia determinista de que tudo acontece por vontade de Deus. Esses sentidos são reafirmados pela memória discursiva do sertanejo, que retoma esses dizeres estabilizados na sociedade.

O Nordeste continua sendo visto como o lugar do atraso, “da seca terrível, que tudo devora”, por conta disso não oportuniza a sobrevivência, sendo, portanto, preciso migrar para outras terras. Assim, é que retomando a trama de sentidos do enunciado A triste partida, após todas as esperanças despedaçadas e consolidado mais um ano de seca no Nordeste, resta somente ao sertanejo seguir outra trilha:

Agora pensando segui ôtra tria,  
Chamando a famia  
Começa a dizê:  
Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,  
**Nós vamo a São Palo**  
Vivê ou morrê

Acontece, então, o fato temido, é chegado o momento de sair do seu “torrão natal” para aventurar-se por terras alheias. Esse discurso também é ressaltado em outras instâncias enunciativas, como a da literatura regionalista de 30. Obras como Vidas Secas, de Graciliano Ramos e O quinze, de Rachel de Queiroz, dentre outras, ajudaram a construir uma identidade de Nordeste seco e sofrido, por ressaltar as tristes sagas das famílias nordestinas para outros lugares, principalmente da região Sul, que, na época, era apresentada como o lugar da fartura e do progresso, sendo criada, dessa maneira, a identidade de Nordeste por oposição à identidade do sul. Essa oposição já tem origem no romance Os sertões, de Euclides da Cunha, publicado em 1902, que oferece



elementos para se pensar a identidade nacional pela oposição o paulista versus o sertanejo. Já sendo, segundo Albuquerque Jr. “uma dicotomia superada”, tendo em vista que mesmo o autor defendendo que “o sertanejo é antes de tudo um forte”, ele era visto como um paulista isolado no sertão.

Para fortalecer essas diferenças e divulgar a “realidade” nordestina, esses dizeres foram apresentados ainda em enunciados fílmicos que buscavam retratar o Nordeste, em especial o sertão, fortalecendo a imagem da seca. Andrade (2007, p. 7), afirma que

no cinema nacional, o espaço da seca virou estrela. Os cineastas escolheram o Sertão para a composição de diversas das narrativas que compõem a história cinematográfica brasileira. Desde muito tempo, o Sertão continua brilhando nas grandes telas até os dias de hoje.

Nesse sentido, as práticas discursivas artísticas representadas pela literatura e pelo cinema, para restringirmos a estas, foram responsáveis pela construção de uma visibilidade sobre o Nordeste que o marcou como um espaço seco, tórrido, no qual as cores, marrom, representando a terra rachada e o alaranjado, do sol escaldante, tornaram-se personagens centrais.

Esse paralelo com outras artes é uma forma de retomar a idéia de arquivo foucaultiana, para deixar claro que os dizeres de A triste partida ressoam em diferentes vozes manifestadas em práticas diversas, o que marca o enunciado discursivo inserido em uma rede, em uma série. Assim é que, continuando a saga do sertanejo, no enunciado em análise, o tema da migração vai ser abordado. A seca expulsa o sertanejo e sua família das terras que são seu berço, seu lar. Resta-lhes a esperança de São Paulo como a “terra prometida”, o lugar da fartura.

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia;  
Por terras aleia  
Nós vamos vagá.  
Se o nosso destino não fô tão mesquinho,  
Pro mêrmo cantinho  
Nós torna a vortá.

E vende seu burro, o jumento e o cavalo,  
Inté mêrmo o galo  
Vendêro também,  
Pois logo aparece feliz fazendeiro  
Por pouco dinhêro  
Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;  
 Chegou o triste dia  
 Já vai viajá  
 A seca terrive, que tudo devora,  
 Lhe bota pra fora  
 Da terra nata.

O carro já corre no topo da serra,  
 Oiando pra terra,  
 Seu berço, seu lá,  
 Aquele nortista, partido de pena,  
 De longe acena:  
 Adeus, Ceará!

Partindo de uma análise das condições de produção do discurso, verificamos porque apareceu este enunciado e não outro em seu lugar. As regras históricas de formação do discurso estão relacionadas ao processo sócio-histórico, os quais envolvem os sujeitos e o contexto. Nesse sentido, observa-se que, do ponto de vista histórico, as décadas de 1950 a 1970, são fortemente marcadas pelas migrações de nordestinos para cidades da região Sul do país, principalmente para a cidade de São Paulo. Fugindo da seca e da falta de oportunidades de empregos, os nordestinos migraram, em caminhões pau-de-arara, de sua região visando a melhores oportunidades nos grandes centros.

No entanto, no discurso em pauta, o problema da migração oportuniza discutir traços da identidade do sertanejo, refletindo o que Bauman chama de “sentimento de pertencimento”. Fica evidente que o sujeito enunciador destaca seu apego à terra natal em versos como: *Se o nosso destino não fô tão mesquinho, / Pro mêrmo cantinho / Nós torna a vortá. / Chegou o triste dia / Já vai viajá. / Aquele nortista, partido de pena / de longe acena: / Adeus Ceará.* Assim, é possível construir a identidade pela relação do sujeito com o seu lugar de origem. O sujeito enunciador identifica-se como nordestino, sertanejo, cearense, traços que o liga ao espaço regional em que está inserido, o que vai criar uma oposição ao espaço a que se destina, marcando o que Bauman (2005, p. 17) cita como duas formas de comunidade às quais as identidades se referem, quais sejam: comunidades de vida e de destino. Na primeira categoria “os membros vivem juntos numa ligação absoluta”, na segunda, essas identidades “são fundidas unicamente por idéias ou por uma variedade de princípios”.

É notório que, para o autor, as fronteiras entre essas comunidades não são fixas, pois o pertencimento pode ser dissolvido ao entrarmos em contato com a comunidade de idéias e princípios. Principalmente por conta do fenômeno da globalização que caracteriza a era “líquido-moderna”, os indivíduos geralmente têm contato com mais de uma deste tipo de comunidade. Porém, o sujeito enunciador manifesta-se como ligado à comunidade de vida, na qual encontra elementos culturais que o definem. Assim, é que até as crianças comungam do sentimento de apego, revelando a tristeza que acometem a todos por ter que deixar o torrão natal.

No dia seguinte, já tudo enfadado,  
E o carro embalado,  
Veloz a corrê,  
Tão triste, coitado, falando saudoso,  
Com seu fio choroso  
Escrama, a dizê:

\_\_\_ De pena e sodade, papai, sei que morro!  
Meu pobre cachorro,  
Quem dá de comê?  
Já ôto pergunta: \_\_\_ Mãezinha, e meu gato?  
Com fome, sem trato,  
Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:  
\_\_\_ Mamãe, meus brinquedo!  
Meu pé de fulô?  
Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!  
E minha boneca  
Também lá ficou.

E assim vão dexando, com choro e gemido,  
Do berço querido  
Céu lindo e azu.  
Os pai, pesaroso, nos fio pensando,  
E o carro rodando  
Na estrada do Su.

É possível observar na materialidade lingüística que o sentimento de apego é reforçado pelo uso de pronomes possessivos, os quais criam um efeito de sentido de tristeza e melancolia, pois, além da saudade, as crianças têm que deixar seus animais e objetos. Sendo a família inteira obrigada a ter que partir em meio ao “choro e gemido”.

No enunciado poético do sujeito autor, Patativa do Assaré, é um traço característico do sertanejo essa sensação de pertencer ao lugar, como se ao deixá-lo fosse perder sua identidade, que nesse caso, é vista por ele como uma construção sólida. O sujeito não quer se desvincular de sua origem, de sua cultura e tradições. Esta visão é consequência ainda das condições de produção do discurso, tendo em vista que o próprio Patativa, enquanto sujeito empírico, comungava da idéia de pertencimento, o que o fez permanecer em seu torrão natal até o fim da vida.

Essa sensação de pertencimento é percebida também, em outros enunciados poéticos, como em *Último pau-de-arara* dos compositores Venâncio, Corumbá e Guimarães, musicado por Raimundo Fagner, do qual extraímos um trecho:

Enquanto a minha vaquinha  
Tiver um couro e um osso  
E puder com o chocalho,  
Pendurado no pescoço,  
Eu vou ficando por aqui.  
Que Deus do céu me ajude!  
Quem foge da terra natal,  
**Em outros cantos não pára.**  
**Só deixo meu Cariri**  
No último pau-de-arara!

Neste enunciado, a resistência à migração se revela no desejo de permanecer na terra natal, marcado no verso “eu vou ficar por aqui”. O sujeito enunciadador evoca a ajuda divina para não precisar “fugir” do seu lugar. O efeito de sentido criado pelo verbo fugir revela que o sertanejo não deixa sua terra por livre vontade, mas “foge” por causa da seca.

A consequência dessa fuga é não parar em outros cantos, por isso ele afirma que: “só deixo o meu cariri no último pau-de-arara” revelando, assim, que é melhor tentar a sobrevivência em sua região. O pertencimento à região caracteriza-se também no uso do possessivo (meu) referindo-se ao Cariri, o que marca a identidade cultural, que, conforme Hall (2005, p. 8), são “aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”.

Voltando ao enunciado de A triste partida, observamos que os sentidos agora são construídos na relação com a comunidade de idéias, representada pela cidade de São Paulo. Assim, é que:

Chegaram em São Palo \_\_ sem cobre, quebrado.  
 O pobre acanhado,  
 Percura um patrão.  
 Só vê cara estranha, da mais feia gente  
 Tudo é diferente  
 Do caro torrão.

No entanto, a mudança de espaço físico não é suficiente para provocar uma mudança na forma de relações sociais. O sertanejo, identificado com “pobre acanhado”, vai em busca de um patrão, reforçando o caráter da divisão de classes que já se via no sertão, lá ele era ligado ao fazendeiro que, com pouco dinheiro, comprou tudo que ele tinha. No Sul, vai trabalhar para um patrão que o explora, pois o nortista “só veve devendo”, o que o impede de voltar para o Nordeste.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,  
 E sempre nos prano  
 De um dia inda vim.  
 Mas nunca ele pode, só veve devendo,  
 E assim vai sofrendo  
 Tormento sem fim.

Se arguma notícia das banda do Norte  
 Tem ele por sorte  
 O gosto de uvi,  
 Lhe bate no peito sodade de móio,  
 E as água dos óio  
 Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,  
 Ali veve preso,  
 Devendo ao patrão.  
 O tempo rolando, vai dia, vem dia,  
 E aquela famia  
 Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca, mas boa,  
 Exposto à garoa,  
 A lama e o paú,  
 Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,  
 Vivê como escravo  
 Nas terra do Su.

Nesses versos o efeito de sentido remete à condição de submissão que o sertanejo vive. Em meio à saudade que o invade, ainda ligado à terra natal, cujo

sentimento fica expresso no fato de encher os olhos de água ao ouvir notícias do Nordeste e no verso “distante da terra tão seca, mas boa”, o sertanejo continua a viver em condições sub-humanas. Agora não mais por conta da situação climática, mas pela desigualdade social que invade as grandes cidades. É possível perceber no não-dito do enunciado a discussão da relação de classes sociais. O discurso poético busca fazer uma denúncia, levantar questões que ainda, nos dias atuais, devem ser retomadas: a relação patrão empregado, por exemplo. O sertanejo fugiu da seca que castigava sua região, para tornar-se submisso não mais do clima, mas do trabalho escravo.

É importante destacar que, pela articulação da memória discursiva, percebemos elementos do contexto cultural paulista, pois o sertanejo está sujeito à garoa, a lama e ao paú. Também, a articulação com outros discursos que tomam a questão do sertão como tema, “o nortista, tão forte, tão bravo” lembra dizeres da obra *Os sertões* “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Reforçando, assim, o caráter dialógico e heterogêneo da linguagem.

Analisando o funcionamento discursivo do enunciado “A triste partida” foi possível verificar que os sentidos foram construídos pela retomada a dizeres que circulam sobre o Nordeste em diversas formações discursivas. Isso reforça o que Foucault afirma sobre o enunciado de que ele está numa relação dialética entre a singularidade e a repetição, tendo em vista que

de um lado tem existência num campo de uma memória, tem uma materialidade e também, é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação e está ligado a enunciados que o precedem e o seguem (2007, p. 32).

Nesse sentido, vale lembrar o que Courtine (1999) apresenta por ocasião de que os discursos estão em relação com o interdiscurso como um espaço de repetição de formulações anteriores. Mas essa repetição “vale pelo evento do seu retorno”, criando efeito de sentido que se enraízam na história das práticas sociais e se liga ao passado e ao futuro. Por isso, tendo em vista a historicidade, o sujeito enunciator não poderia se pronunciar senão daquela forma. Esse enunciado surge do contexto em que o sujeito autor estava inserido, ele vivenciou a retirada de muitos sertanejos que, por conta da seca, preferiram partir em busca de melhores condições de vida. Isso reflete nas condições de

produção do discurso, as quais levam em conta os sujeitos e o contexto histórico.

Também, é preciso destacar que esse enunciado poético legitima dizeres sobre a seca, os quais ajudam a construir uma identidade discursiva de Nordeste seco, miserável, sofrido, espaço que não oportuniza a sobrevivência, por isso seus habitantes são considerados seres inferiores que estão submetidos a uma visão fatalista e naturalista do próprio destino.

Com essa construção identitária de Nordeste, é oportuno afirmar que o discurso da seca faz lembrar que os dizeres sofrem interdições e silenciamentos. “Não se pode dizer tudo em qualquer circunstância” (FOUCAULT, 1999, p. 9). Sendo que neste caso, a interdição é causada por uma formação discursiva que pretende divulgar apenas uma prática discursiva (a que legitima os dizeres da seca) por representar o interesse da classe dominante da época. Dessa forma, “a formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribui por isso mesmo ao Outro a zona do interdito, isto é do dizível errado” (Maingueneau, 2005 p. 39). O discurso da seca foi criado no início do século XX para atender aos interesses da elite dominante das províncias do Norte,

as elites açucareiras se articularam com o propósito de criar uma estratégia de conseguir recursos, representando as necessidades das províncias do Norte. Assim, a idéia central era que a seca, as crises na lavoura, a violência no campo, o cangaço, o messianismo, eram resultado da falta de investimento do Estado nacional na região. Isto é, cria-se um discurso calcado na miserabilidade daquela área (ANDRADE, 2007, p. 12).

O que houve, em seguida, foi a perpetuação desse discurso em diversas práticas discursivas, resultando em ver a questão identitária do Nordeste apenas desse ponto de vista, o que gerou a criação de estereótipos difíceis de serem rompidos. No entanto, como as práticas discursivas estão inseridas na relação com a história e o sujeito se apresenta sempre em construção, os enunciados são sempre passíveis de serem outros. Os dizeres antes silenciados passam a circular, levando o sujeito enunciator que, em enunciados anteriores contribuía para a legitimação da identidade de Nordeste seco, passar a enunciar de diferente momento histórico, criando dizeres outros, conforme veremos a seguir.

### **3.4.2 - Nordestino ou nordestinado? Um caso de desconstrução de identidade**

Alegre esvoaça e gargalha o jacu  
 Apita a nambu e geme a juriti  
 E a brisa farfalha por entre as verduras,  
 Beijando os primores do meu Cariri.

Patativa do Assaré

Todo enunciado está em constante reatualização de dizeres, seja como forma de repetição ou de ruptura. Entender a relação entre os enunciados é buscar a trama histórica que os enreda, compreendendo que nos discursos há um jogo de relações de poder, as quais se manifestam inclusive nas interdições. Por isso, o discurso não é só aquilo que traduz as lutas, mas é principalmente aquilo por que, pelo que se luta, o poder que se quer apoderar (FOUCAULT, 1999).

Nesse sentido é possível inserir o enunciado poético de Patativa do Assaré em outra instância enunciativa. O que era antes silenciado emerge das regras históricas que oportunizam a transformação dos enunciados, construindo, para os objetos, novas formas de visibilidade e dizibilidade em uma prática discursiva que reflete a resistência do sujeito em relação ao poder.

Foi partindo da concepção de sujeito como posição, como um lugar no discurso, que a teoria foucaultiana estabeleceu a relação entre os enunciados e a historicidade. Relação esta, responsável por explicar que os discursos como acontecimentos são passíveis na totalidade do tempo de transformar-se e modificar-se. Eles estão ligados a enunciados do passado e do futuro numa relação dialética e dialógica que resulta na construção de dizeres inseridos em formações discursivas heterogêneas. Assim, há um entrelaçamento de discursos dispersos que, por características como descontinuidade, contradição e negação do que se pode dizer em determinada época retornam, provocando novos efeitos de sentido.

São esses efeitos de sentido que buscaremos captar na análise discursiva de outro enunciado poético patativano, observando como os dizeres mudam pela



relação com a historicidade. No percurso de construção da identidade nordestina no discurso do sujeito enunciativo, seguiremos as pegadas entre o dito e o não-dito, verificando que a identidade de Nordeste como construção discursiva, que no enunciado anterior foi fortemente legitimada, neste será totalmente desconstruída, gerando outras dizibilidades. Os sentidos agora serão criados pelo efeito de negativas que perpassará todo o fio intradiscursivo, mas ainda em articulação com a memória e o interdiscurso.

O enunciado poético em questão, intitulado **Nordestino, sim, nordestinado, não**, produzido na década de 80, por Patativa do Assaré, foi extraído do livro *Ispinho e Fulô* (2005, p. 38). Apresenta-se como uma fonte inesgotável de manifestação das estratégias discursivas que envolvem a produção histórica dos sentidos do discurso.

**Nordestino, sim, nordestinado, não**

Nunca diga nordestino  
Que Deus lhe deu um destino  
Causador do padecer,  
Nunca diga que é o pecado  
Que lhe deixa fracassado  
Sem condição de viver.

Não guarde no pensamento  
Que estamos no sofrimento  
É pagando o que devemos,  
A Providência Divina  
Não nos deu a triste sina  
De sofrer o que sofremos.

Deus o autor da criação  
Nos dotou com a razão  
Bem livres de preconceitos  
Mas os ingratos da terra  
Com opressão e com guerra  
Negam os nossos direitos

Não é Deus que nos castiga,  
Nem é a seca que obriga  
Sofrermos dura sentença,  
Não somos nordestinados,  
Nós somos injustiçados  
Tratados com indiferença.

Sofremos em nossa vida  
Uma batalha renhida  
do irmão contra o irmão,  
Nós somos injustiçados

Nordestinos explorados  
Mas nordestinados, não.  
Há muita gente que chora  
Vagando de estrada a fora  
Sem terra, sem lar, sem pão,  
Famintas escaveiradas  
Morrendo de inanição.

Sofre o neto, o filho e o pai  
Para onde o pobre vai  
Sempre encontra o mesmo mal  
Esta miséria campeia  
Desde a cidade à aldeia  
Do sertão à capital.

Aqueles pobres mendigos  
Vão a procura de abrigos  
Cheios de necessidade,  
Nesta miséria tamanha  
Se acabam na terra estranha  
Sofrendo fome e saudade.

Mas não é o pai celeste  
Que faz sair do nordeste  
Legiões de retirantes,  
Os grandes martírios seus  
Não é permissão de Deus,  
É culpa dos governantes.

Já sabemos muito bem  
De onde nasce e de onde vem  
A raiz do grande mal,  
Vem da situação crítica  
Desigualdade política  
Econômica e social.

Somente a fraternidade  
Nos traz a felicidade,  
Precisamos dar as mãos,  
Para que vaidade e orgulho  
Guerra, questão e barulho  
Dos irmãos contra os irmãos.

Jesus Cristo, o Salvador,  
Pregou a paz e o amor  
Na santa doutrina sua,  
O direito do banqueiro  
É o direito do trapeiro  
Que apanha os trapos na rua.

Uma vez que o conformismo  
Faz crescer o egoísmo  
E a injustiça aumentar,  
em favor do bem comum  
É dever de cada um  
Pelos direitos lutar.

Por isto vamos lutar,

Nós vamos reivindicar  
O direito e a liberdade  
Procurando em cada irmão  
Justiça, paz e união  
Amor e fraternidade.

Somente o amor é capaz  
E dentro de um país faz  
Um só povo bem unido,  
Um povo que gozará  
Porque assim, já não há  
Opressor nem oprimido.

Este enunciado poético é um espaço privilegiado de observação da interdiscursividade, percebidos na relação com a memória discursiva que retoma dizeres sobre o nordestino e o Nordeste já legitimados socialmente. Com uma prática discursiva que reflete sua visão de mundo, o sujeito enunciador, através da articulação entre vários discursos, principalmente o político, o religioso, o social, o jurídico, constrói efeitos de sentidos diversos, que resultam na construção identitária do nordestino a partir da desconstrução da ideologia que por muito tempo foi apresentada como a única forma de dizibilidade possível. O que favoreceu a construção de um sujeito assujeitado, conformado com as condições de vida que lhes foram impostas, as quais os transformam em seres submetidos ao determinismo climático e a vontade divina.

São esses “mitos” que serão dissolvidos no discurso poético. A desconstrução envolve também os traços da identidade do Nordeste como região seca que, por conta do clima, não oportuniza a permanência dos sertanejos nesse espaço regional. Dessa forma, a articulação com os discursos político e religioso faz-se necessária, pois foram nestas formações discursivas que mais fortemente se propagaram os dizeres que ajudaram a construir as identidades das quais vimos discutindo. Assim, o sujeito enunciador recorre a esses discursos como fundadores e legitimadores de discursividades sobre o objeto Nordeste. Mas, ao contrário do enunciado “A triste partida”, aqui se percebe um sujeito enunciador que estabelece um diálogo com o sertanejo para fazê-lo compreender a sua história de outra forma, conforme veremos a seguir. Traços da oralidade são perceptíveis nessa modalidade de poesia dialogada. A questão da linguagem deve ser observada, pois a variante utilizada neste poema é a

norma padrão culta, isso reforça a visão de que o enunciador assume outra posição-sujeito, mudando inclusive a sua linguagem.

A partir do título *Nordestino, sim, nordestinado, não* o sujeito enunciador utiliza como estratégia discursiva o uso da palavra “*nordestinado*” para designar que o sertanejo não tem um destino pré-determinado pela Providência Divina, que ele não é pré-destinado a viver em situação de miséria, nem a enfrentar os sofrimentos que o cerca. O efeito de sentido criado pelo sufixo *ado* indica submissão, passividade. Assim, o fio condutor da discursividade será a negação dessa idéia de nordestinado que perpassa toda a materialidade do enunciado.

Nós somos injustiçados  
Nordestinos explorados  
Mas *nordestinados*, não.

Nas primeiras estrofes rompe com a visão fatalista, que diz que tudo acontece por vontade de Deus, reformulando a ideologia do discurso religioso, que diz: “*Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu*” (*Matheus 10: 10*), com ênfase e defesa de que não há um destino pré-estabelecido, que todos devem aceitá-lo porque assim, está escrito, que Deus não é o responsável pelo destino sofrido do sertanejo.

Nunca diga *nordestino*  
Que Deus lhe deu um destino  
Causador do padecer,  
Nunca diga que é o pecado  
Que lhe deixa fracassado  
Sem condição de viver.

Não guarde no pensamento  
Que estamos no sofrimento  
É pagando o que devemos,  
A Providência Divina  
Não nos deu a triste sina  
De sofrer o que sofremos.

Nestas mesmas estrofes, como nas demais, o discurso religioso é retomado de forma a desmistificar o fato de que todo tipo de sofrimento do “homem” é visto como um castigo de Deus aos seus pecados, “*quando se elevou contra eles a ira de Deus, e entre os mais robustos semeou a morte e prostrou os jovens de*

*Israel. Sem embargo disso continuaram a pecar, por isso ele fez que os seus dias se dissipassem num sopro e os seus anos em súbito terror” (Salmos 78: 31-33). Procura romper também com a idéia de que o nordestino vive em situação de miséria porque é a vontade de Deus, no céu ele terá a recompensa. “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem. E dou-lhes a vida eterna”. (João 10: 27-28).*

É preciso buscar, no emaranhado de sentidos, que o sujeito enunciador questiona a outros dizeres, a outras vozes que ressoam de momentos longínquos e se perpetuam pela memória discursiva, criando estatuto de verdade. Urge ressaltar que há muito tempo, na história do Ocidente, o poder se concentrava na mão da Igreja, que sendo uma instituição representante de Deus, falava em seu nome. Ela pregava a vigilância divina como uma forma de controle social, o que fez refletir na maneira de viver dos povos ocidentais, principalmente a população carente que passou a compreender todos os seus males como castigo de Deus aos pecados cometidos. Na região Nordeste, por ter como traço característico a religiosidade, esse fato foi bem mais difundido, gerando, por muito tempo, o conformismo com a situação social e sendo elemento pacificador entre os nordestinos.

O que chama a atenção neste discurso é o engajamento do sujeito enunciador em desconstruir “essas verdades”. Ao operar por negativas, através das palavras *não*, *nunca*, apela para que o sertanejo veja sob outra perspectiva sua realidade social. Por isso, o interdiscurso religioso, nas estrofes acima, foi usado como deslocamento, pois produz o efeito de ruptura, de descontinuidade com o discurso fundador (Courtine 1999). O sujeito enunciador, com este interdiscurso, produz um efeito de verdade ao mostrar que o sofrimento não é castigo de Deus, mas é causado pela falta de investimentos e de uma política eficaz com melhor distribuição de rendas. Assim, parte do campo religioso para o político, a fim de referendar sua enunciação. Ele diz claramente que “é culpa dos governantes”:

Mas não é o pai celeste  
Que faz sair do nordeste  
Legiões de retirantes,  
Os grandes martírios seus  
Não é permissão de Deus,  
**É culpa dos governantes.**

Nesse ponto há uma referência a migração como argumento que reforça o aspecto político em detrimento ao religioso. Há uma forte presença da interferência do homem como transformador da realidade social do sertanejo, representado na figura dos governantes. O que era dado como explicação divina para a saída de legiões de retirantes do seu espaço regional, passa a ser enfocado sob o ponto de vista humano.

A estratégia discursiva continua com o sujeito enunciador elencando os fatores que ocasionam a situação de miséria do nordestino, fazendo articulação com o discurso político. A memória discursiva institucionalizada aponta um discurso de Nordeste como uma região que enfrenta muitos períodos de seca e por isso é pobre, sendo atribuída às condições climáticas toda “desgraça” que o sertanejo enfrenta. No entanto, o sujeito enunciador busca re-significar esse discurso, ao afirmar que o sofrimento do sertanejo não é culpa da seca, mas da desigualdade política, econômica e social. Há, assim, um deslocamento dos sentidos legitimados na memória, ocasionado pelo fato de que o acontecimento discursivo novo vem alterar esses sentidos. Dessa forma, a memória tende a absorver o acontecimento, desmanchar a regularização e produzir uma outra série sob a primeira, levando ao desmascaramento do aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal. O acontecimento desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (Pêcheux, 1999). Por isso, encontramos nos versos seguintes, outros dizeres:

Não é Deus que nos castiga,  
**Nem é a seca que obriga**  
 Sofrermos dura sentença,  
 Não somos nordestinados,  
 Nós somos injustiçados  
**Tratados com indiferença.**  
 (...)  
 Já sabemos muito bem  
 De onde nasce e de onde vem  
 A raiz do grande mal,  
**Vem da situação crítica**  
**Desigualdade política**  
**Econômica e social.**

Com o argumento de ser uma terra seca, o Nordeste foi alvo durante muito tempo de políticas de combate às questões climáticas, ocasionando, assim, a criação de uma “indústria da seca” resultado da difusão do discurso da

seca que “unificou a decadente elite nordestina em torno de reivindicações de investimentos na região por parte do governo federal. Era o início, naqueles anos da indústria da seca (BARBALHO, 2004, p. 158). No entanto, esses recursos financeiros não foram aplicados de forma eficaz para suprir o problema do sertão nordestino, fato que favorecia aos desvios de verbas, sem resolver o problema e continuando o sertanejo, a enfrentar os mesmos sofrimentos. Com isso, perpetuando *a desigualdade política, econômica e social*, visto que nas palavras de Neves (2001)

as propostas de resolução ou de simples amenização da “questão climática” que assolava os Estados do “Norte” não passavam de respostas provisórias. Mais do que uma irregularidade pluviométrica, a seca pôde ser percebida, a partir de então, como um fenômeno social inserido nas redes de relacionamentos políticos e socioeconômicos, em que as condições de pobreza de uma parcela significativa da população que habita o semi-árido são gravemente acentuadas em momentos de crise. No entanto, tratada sempre como um fenômeno da natureza, a seca fortalece suas raízes na sociedade brasileira e reforça uma teia política e social que se opõe aos parâmetros estabelecidos da modernidade.

Dessa forma, estabelece-se uma identidade para o Nordeste a partir de questões climáticas, o que repercute na forma de ver e dizer a região e seus habitantes. Desde o final do século XIX e início do século XX implantou-se imagens discursivas que apresentam um Nordeste como lugar de atraso e miséria, conseqüentemente, o nordestino como raça inferior. É possível comprovar com as notícias que foram divulgadas na década de 20 no jornal O Estado de São Paulo<sup>23</sup>:

Incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresenta um tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo (ALBUQUERQUE Jr., 2006, p.43).

As notícias que circularam na imprensa paulista naquela época ajudaram a reforçar estereótipos do Nordeste que o apresenta pela oposição ao Sul. A primeira é qualificada como região de abandono, miséria, atrasada, rural,

---

<sup>23</sup> Os trechos dos jornais foram extraídos do livro *A invenção do Nordeste e outras artes*, de Durval Muniz Albuquerque Jr.

bárbara, servil, pobre, suja e ignorante, além de seca. Já o Sul do Brasil é a região do progresso e da abundância que colocaria o Brasil no rumo da modernidade. Vê-se, dessa forma, a construção da identidade nordestina por oposição ao que ela não é. A identidade pela diferença, como apregoa Hall (2004) Silva (2004). É a constituição de práticas discursivas pautadas no meio, clima seco; e na raça, população em sua maioria negra; cujos pressupostos estão baseados numa visão naturalista e positivista, as quais se apóiam no determinismo que entende o meio como responsável pela evolução da raça e do ambiente. Por isso, circulavam ainda, nos jornais, notícias do tipo “o Nordeste era inferior por sua própria natureza e pela raça fruto do cruzamento de indivíduos de raça extrema e da submestiçagem” (ALBUQUERQUE JR., 2006, p.44), que ajudam a compor os discursos oficiais da época. Assim, é possível afirmar que o marco fundador do Nordeste, ou seja, seu nascimento enquanto região, dá-se no início da década de 20 a partir do pensamento que dividia o Brasil numa oposição entre norte e sul.

No entanto, o que se percebe no enunciado em análise é a re-significação desses discursos, as quais resultam num outro olhar sobre o Nordeste, pois não é por culpa de Deus ou da seca que a região enfrenta tantos problemas, o que falta é investimento por parte dos governantes, por isso ele diz:

*não somos nordestinados  
nós somos injustiçados  
tratados com indiferença.*

Dessa visão resulta o que estamos chamando de desconstrução de identidade. É justamente o fato de que a identidade não é homogênea, fixa, ela está em construção e sempre pode ser outra. O que no enunciado poético anterior se confirmava como uma repetição desses dizeres, neste, apresenta-se como uma oposição, transformação que gera uma quebra com a rede dos enunciados que o precedem. Aqui, também o interdiscurso foi usado como ruptura, deslocamento, o que permitiu a reatualização de dizeres, os quais dão legitimidade ao discurso do sujeito enunciatador.

Dessa forma, o efeito de sentido que se constrói é pela oposição com as formulações anteriores, criando, com isso, uma identidade para o Nordeste por oposição, não ao Sul, mas as dizibilidades que circularam em práticas sociais



diversas e ajudaram a criar o estereótipo de Nordeste seco, visto como uma região de sofrimento. Esses dizeres perpassam a memória social e se instalam na construção de um imaginário sobre o Nordeste.

A descrição das ‘misérias e horrores do flagelo’ tenta compor a imagem de uma região ‘abandonada, marginalizada pelos poderes públicos. Este discurso faz da seca a principal arma para colocar em âmbito nacional o que chama de interesses dos Estados do Norte, compondo a imagem de uma área ‘miserável, sofrida e pedinte’’. (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 59)

Assim, é possível dizer que a identidade é um processo discursivo, surge no interior de formações discursivas que representam relações de poder. Neste caso, a identidade nordestina é

mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída de uma identidade em seu significado tradicional, isto é, uma mesmice que tudo inclui (HALL, 2004, p. 109).

A fuga dessa tentativa de homogeneização da identidade nordestina é conseguida através do efeito de sentido que se instala, no discurso, pela construção das frases pela negativa. Ao operar com categorias gramaticais de negação, o sujeito enunciador busca enfatizar no discurso que existem outras vozes que dizem exatamente o contrário do que o enunciado por ele. Se ele diz “*não é Deus que nos castiga; não é a seca que obriga sofrermos dura sentença*”, dentre outras, é porque existem outras instâncias enunciativas que afirmam o seu oposto. Assim, nesse discurso, percebe-se a heterogeneidade como característica essencial da linguagem, são formas da presença do “Outro” no discurso.

A questão da heterogeneidade é o reflexo da contribuição de Bakhtin para a Análise de Discurso, através dos trabalhos da lingüista Jacqueline Authier-Revuz. Ela apresenta duas formas de manifestação da presença da alteridade no discurso: a heterogeneidade mostrada e a heterogeneidade constitutiva. A primeira refere-se a formas lingüisticamente descritíveis (discurso direto, indireto, aspas) e contestam a homogeneidade do discurso, inscrevendo o outro na linearidade. Enquanto que a segunda, não é marcada em superfície, é um

princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem (TEIXEIRA & FLORES, 2005, p. 74).

É pela oposição das vozes no discurso que se percebe a presença da heterogeneidade constitutiva, no caso do enunciado poético em estudo. Se há uma voz que diz não, é porque há outra que diz sim, evocada em outras formações discursivas.

Também nessa rede discursiva de sentidos, vimos a articulação com outros discursos para referendar o dizer do sujeito enunciadador. Partindo, ainda, da memória discursiva como dispositivo de análise, observamos o uso pelo sujeito enunciadador da expressão “bem comum”, para criar um efeito de sentido que desperta nos nordestinos a tentativa de lutar pelos seus direitos, pois o conformismo, não resolve a situação, só faz aumentar a injustiça, assim, é preciso lutar pelo bem comum

Uma vez que o conformismo  
Faz crescer o egoísmo  
E a injustiça aumentar,  
em favor do bem comum  
É dever de cada um  
Pelos direitos lutar.

Por isto vamos lutar,  
Nós vamos reivindicar  
O direito e a liberdade  
Procurando em cada irmão  
Justiça, paz e união  
Amor e fraternidade.

No entanto, é preciso observar que o sentido da expressão bem comum usado no enunciado, pode se contrapor ao sentido de bem comum empregado pelo discurso da globalização. Percebe-se então, que os sentidos não são os mesmos, derivam de acordo com os interesses. Fazendo uma análise do bem comum na sociedade global, Quéau (1998) indaga:

o que é "bem comum" nesse contexto global? É "bom" aquilo que é bom para o mercado livre e suas "mãos invisíveis"? É "bom" tudo o que é bom para as elites tecnológicas e econômicas das superpotências líderes ("os manipuladores de símbolos")? *Ou existe um "bem comum mais elevado"?*

Essa utilização da expressão bem comum constrói o efeito de sentido de união, fraternidade, justiça, paz e amor, direito pelos quais devem lutar os

nordestinos, não se conformando com a situação de “nordestinados” que lhes incute o discurso político e religioso. Assim, o sujeito enunciador reconhece, em outra estrofe que todos os homens têm os mesmos direitos, às mesmas condições de vida, ou seja, uma vida digna com cidadania para todos.

Jesus Cristo, o Salvador,  
Pregou a paz e o amor  
Na santa doutrina sua,  
**O direito do banqueiro**  
**É o direito do trapeiro**  
Que apanha os trapos na rua.

Fica subjacente a ideologia do discurso jurídico que traz na Constituição Federal, artigo 5º, que “*Todo homem é igual perante a lei*”. O sujeito enunciador utiliza-se da articulação do discurso religioso e jurídico para legitimar seu discurso social. Com isso cria efeitos de sentidos de verdade, realidade e objetividade, já que essas formações discursivas comungam da mesma ideologia de que todos são iguais, por isso não poderia haver diferenças sociais. Essas ideologias são percebidas como parte da memória discursiva onde os sentidos estão legitimados, cristalizados pela memória coletiva.

Observa-se, dessa forma no enunciado Nordeste sim, nordestinado, não, a desconstrução total da identidade de nordeste seco, pobre e sofrido por causa somente da estiagem que afeta a região e da identidade de um sertanejo nordestinado, pré-determinado a ter uma vida de sofrimento, ou que este é castigo de Deus. O que se constrói no discurso poético é uma visão diferente dos fatos, a qual resulta na construção de uma identidade para o Nordeste como região que sofre sim, mas por causa da falta de investimentos e políticas públicas que intervenham de fato, na solução dos problemas. O Nordeste apresenta o mesmo potencial de crescimento e desenvolvimento que o Sul, sendo uma região produtiva que não pode ficar à margem do processo social.

Para referendar a discussão aqui apresentada e resgatar a noção foucaultiana de arquivo, faremos um diálogo com os dizeres de outro enunciado *Nordeste independente* de Bráulio Tavares e Ivanildo Vilanova

Já que existe no sul esse conceito  
Que o nordeste é ruim, seco e ingrato  
Já que existe a separação de fato  
É preciso torná-la de direito

Quando um dia qualquer isso for feito  
Todos dois vão lucrar imensamente  
Começando uma vida diferente  
De que a gente até hoje tem vivido  
Imagina o Brasil ser dividido  
E o nordeste ficar independente

Dividindo a partir de Salvador  
O nordeste seria outro país  
Vigoroso, leal, rico e feliz  
Sem dever a ninguém no exterior  
Jangadeiro seria o senador  
O cassaco de roça era o suplente  
Cantador de viola o presidente  
O vaqueiro era o líder do partido  
Imagina o Brasil ser dividido  
E o nordeste ficar independente

Em Recife o distrito industrial  
O idioma ia ser nordestinense  
A bandeira de renda cearense  
“Asa Branca” era o hino nacional  
O folheto era o símbolo oficial  
A moeda, o tostão de antigamente  
Conselheiro seria o inconfidente  
Lampião, o herói esquecido  
Imagina o Brasil ser dividido  
E o nordeste ficar independente

O Brasil ia ter de importar  
Do nordeste algodão, cana, caju  
Carnaúba, laranja, babaçu  
Abacaxi e o sal de cozinhar

O arroz, o agave do lugar  
O petróleo, a cebola, o aguardente  
O nordeste é auto-suficiente  
O seu lucro seria garantido  
Imagina o Brasil ser dividido  
E o nordeste ficar independente

Se isso aí se tornar realidade  
E alguém do Brasil nos visitar  
Nesse nosso país vai encontrar  
Confiança, respeito e amizade  
Tem o pão repartido na metade,  
Temo prato na mesa, a cama quente  
Brasileiro será irmão da gente  
Vai pra lá que será bem recebido  
Imagina o Brasil ser dividido  
E o nordeste ficar independente

Eu não quero, com isso, que vocês  
Imaginem que eu tento ser grosseiro  
Pois se lembrem que o povo brasileiro  
É amigo do povo português  
Se um dia a separação se fez  
Todos os dois se respeitam no presente  
Se isso aí já deu certo antigamente  
Nesse exemplo concreto e conhecido

Imagina o Brasil ser dividido  
E o nordeste ficar independente

Povo do meu Brasil  
Políticos brasileiros  
Não pensem que vocês nos enganam  
Porque nosso povo não é besta

Os dizeres nesse enunciado são construídos a partir da idéia de Nordeste auto-suficiente que tem condições de desenvolvimento e progresso. O sujeito enunciador utiliza elementos do contexto cultural nordestino para criar um efeito de sentido de verdade, criando com isso, uma construção identitária de região próspera que pode ser independente. Assim, sugere que o Nordeste seja separado do Brasil.

Trouxemos para a discussão esse enunciado, Nordeste independente, como forma de mostrar que os dizeres estão em práticas discursivas diversas, confirmando que os discursos são uma dispersão de enunciados, os quais não são ditos por um único sujeito. Eles estão em arquivos e compõem o cenário das visibilidades e dizibilidades do objeto discursivizado. É possível encontrar as mesmas imagens e os mesmos sentidos para a construção da identidade de Nordeste em diversas manifestações artísticas e não artísticas, reforçando a idéia de que “o nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país” (ALBUQUERQUE JR. 2006, p. 49).

Os dizeres dessas práticas, tornam-se verdades que se instalam na memória social, sendo que pelo efeito de repetição as dizibilidades constituídas em enunciados como o da poesia A triste partida criam tal efeito de consistência que fica difícil modificar a visão de região que se produziu no imaginário coletivo.

Consideramos, dessa forma, que os enunciados como Nordestino sim, nordestinado não, são silenciados diante da mídia, não são oportunizadas divulgações desses dizeres, pois geram uma transgressão dos sentidos que já foram dados como “verdadeiros”.

Assim, a mídia é também vista como produtora de sentidos. Os enunciados que circulam na televisão, nos jornais e outras mídias são responsáveis pelas

dizibilidades que referendam a construção identitária do Nordeste, e auxiliam na formação de um imaginário sobre a região que se reproduzem na memória coletiva dos nordestinos, e por que não dizer dos brasileiros. Sendo que a mídia evidencia os dizeres que atendem a interesses da formação discursiva dominante. Ou enfatiza o sertão seco, ou apresenta a beleza natural do litoral, revelando aspectos que não são os únicos do Nordeste.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Pensamos que não faz parte deste trabalho buscar uma conclusão para a questão da identidade construída no discurso poético de Patativa do Assaré. Por isso, apresentamos breves considerações a cerca da discussão travada.

Partindo da compreensão de que o interdiscurso constrói efeitos de sentidos, articulando discursos que são atravessados pela historicidade, verificamos como o sujeito enunciador da poesia em estudo legitima o seu dizer, relaciona-o aos já ditos, construindo os sentidos do texto em sua relação com a exterioridade lingüística, uma vez que a noção de interdiscurso se define a partir de uma exterioridade constitutiva.

Ficou constatada a nossa hipótese de que os efeitos de sentidos nos enunciados poéticos são criados pelo entrelaçamento entre diferentes discursos; os quais caracterizam a heterogeneidade discursiva. Principalmente foi percebida a articulação com os discursos político e religioso, os quais agem no funcionamento discursivo da poesia, apoiados pela memória discursiva que institucionaliza os sentidos, criando efeitos de verdade e legitimação do discurso social do sujeito autor.

Assim, no enunciado *A triste partida*, os sentidos são construídos pela reafirmação das dizibilidades que circularam sobre o Nordeste em um determinado momento histórico. A seca nordestina é o principal levante da discursividade, juntamente com a problemática que ela acarreta. Daí ser central o tema da migração que comprova a ineficiência da região em oferecer condições de sobrevivência aos sertanejos. Notamos, no entanto, que pelas condições de produção desse discurso, o sujeito enunciador apresenta-se de um lugar de fala que pela historicidade reforça os estereótipos sobre o Nordeste, mas não porque o discurso retrata a realidade da região. O que se vê são dizeres que circulam em práticas diversas que ajudam a construir o imaginário de Nordeste seco, tanto que na segunda poesia analisada, *Nordestino, sim, nordestinado, não*, esses estereótipos são desconstruídos. Trata-se do mesmo sujeito enunciador em condições de produção diferentes, a historicidade aponta para outros dizeres, tendo em vista que, conforme lembra Fernandes (2004, p. 51)



as relações de poder são preenchidas politicamente por ideologia e, em conformidade com as mudanças que sofrem, diferentes vozes ideológicas enunciam construindo diferentes rumos na História. As alterações político-ideológicas nos discursos decorrem da mudança de sujeitos em cena, ou das transformações dos sujeitos na linha do tempo, o que implica mudanças no espaço social. Na verdade, novas perspectivas políticas e ideológicas, que resultam o surgimento de um novo cenário sociocultural, são aspectos inerentes à formação de um novo discurso.

Dessa forma, em *Nordestino, sim, nordestinado, não*, a construção da identidade nordestina na poesia é formada a partir da relação interdiscursiva. Observa-se uma re-significação do discurso político, na qual o sujeito enunciator desconstrói os sentidos de nordeste seco, de que todo sofrimento é causado pelas condições climáticas para trazer outra discussão: O que falta é vontade política, a falta de investimentos de recursos que minimizem o problema da seca. Os sentidos são construídos por oposição ao discurso político. É perceptível que essa discussão não está na materialidade lingüística de forma visível, é pela busca do que está silenciado que se percebe o sentido construído.

Com isso, cria-se uma identidade que coloca o Nordeste como uma terra que precisa de investimentos e ser reconhecida pelo potencial natural e humano que tem, respeitando a diversidade e o direito de todos. Não é uma área miserável, sofrida e pedinte, é um espaço que necessita, como todos os outros do Brasil, de “vontade política” para se desenvolver. O sujeito enunciator cria uma identidade de nordestino que não nasceu pré-destinado a sofrer. Ele é antes de tudo um lutador, um indivíduo disposto a enfrentar todos os problemas, mas que por serem “injustiçados” e “explorados” são obrigados a migrarem para terras distantes. O que nos leva a afirmar, portanto, que houve uma transgressão do enunciado A triste partida, pois, como afirma Ferreira (2005, p. 20) “as transgressões dos discursos se dariam pela ruptura dos sentidos sedimentados e a conseqüente emergência de novos sentidos”.

A ruptura acontece também na forma de relação com o discurso religioso, tendo em vista que a religiosidade também é um traço característico da identidade do nordestino, no entanto, na poesia em análise, o sujeito-enunciador não se mostra submisso a sua religiosidade, tem visão crítica para diferenciar que não é Deus o causador do sofrimento do nordestino. Todo o

discurso é construído como forma de re-significar a visão de que o sofrimento é castigo de Deus aos pecados, ou que faz parte do destino dos nordestinos. A identidade é construída a partir de relações interdiscursiva, principalmente da articulação entre os discursos político, religioso.

Notamos, em nossas análises, que a identidade não é fixa, ela não é construída como se quisesse pregar a última verdade. Não buscamos dizer que ao haver a desconstrução da identidade de Nordeste seco, no segundo enunciado analisado, que essa não seja uma identidade possível para o Nordeste, criada nas e pelas práticas discursivas. O que objetivamos demonstrar foi que de um enunciado a outro é possível perceber a circulação de dizeres que fundamentam a idéia defendida neste trabalho, ou seja, de identidades múltiplas, plurais, cambiantes. Por isso, tanto a identidade nordestina que se construiu nos enunciados A triste partida, quanto em Nordeste sim, nordestinado, não são identidades possíveis para o objeto discursivizado, não há uma em detrimento da outra, o que se percebe são construções discursivas que circulam nas mais diversas práticas sociais.

Assim, a questão da identidade, conforme Bauman (2005, p. 54-55) não é como um quebra-cabeça no qual todas as peças têm um objetivo certo, em relação à identidade não se sabe nem as peças, nem os objetivos a serem alcançados. Isso justifica a mutabilidade da identidade nos enunciados discursivos. Sendo, pois, esta edificada em contextos culturais e resultados de construções discursivas nunca homogêneas.

## REFERÊNCIAS

---

- ACHARD, Pierre. Memória e produção de discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et. al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3ed. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 9ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. **Patativa do Assaré: as razões da emoção (capítulos de uma poética sertaneja)**. Fortaleza: Editora UFC; São Paulo: Nankin Editorial, 2004.
- ANDRADE, Matheus José Pessoa de. **O sertão é coisa de cinema?** João Pessoa, 2007, no prelo.
- ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2005.
- ASSARÉ, Patativa do. **Cante Lá que Eu Canto Cá**. 14ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração nordestina**. Rio de Janeiro: Editor Borsoi, 1956.
- BARBALHO, Alexandre. **Estado, mídia e identidade: políticas de cultura no Nordeste contemporâneo**. ALCEU - vol. 4 N° 8 - pág. 156-167 - jan/jun 2004.
- BARONAS, Roberto Leiser. Formação discursiva em Pêcheux e Foucault: uma estranha paternidade. In: SARGENTINI, V. & NAVARRO-BARBOSA, P. M. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade**. São Carlos: Clara Luz, 2004.
- BARONAS, Roberto Leiser. Configurações de memória discursiva em slogans políticos. In GREGOLIN, M.R. (org). **Filigranas do discurso: as vozes da história**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2000.
- BARROSO, Gustavo. **Experiências de chuva**. Jangada Brasil. Ano IV - nº 40 - dez/2001. Disponível em: [www.jangadabrasil.com.br](http://www.jangadabrasil.com.br) acessado em: 20/08/2007.
- BAUMAN, Zigmund. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 5ed. São Paulo: Pontes, 2005.
- BRANDÃO, Helena Negamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: UNICAMP, 1998.
- CARVALHO, Gilmar. **Patativa: poeta pássaro do Assaré**. Fortaleza: Omni Editora Associados, 2002a.
- CARVALHO, Gilmar. **Patativa do Assaré: Pássaro Liberto**. Fortaleza: Museu do Ceará: Secretaria da Cultura e do Desporto do Ceará. 2002b.
- CHARAUDEAU, Patrick. & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- COURTINE, Jean Jacques. A estranha memória da Análise do Discurso. In: INDURSKY, F. & FERREIRA, M. C. L. (org). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Clara Luz, 2005.
- COURTINE, Jean Jacques. O chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, F &

- FERREIRA, M. C. L. (org). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. p. 15 a 22. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- DEBS, Sylvie. **Patativa do Assaré - uma voz do Nordeste**. São Paulo: Hedra, 2005.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré: a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Literatura em Foucault: infinita exterioridade**. In: SANTOS, J. B. C. & FERNANDES, C. A. (org.) **Análise do Discurso: objetos literários e midiáticos**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Linguística e História: Formação e funcionamentos discursivos**. In: SANTOS, J. B. C. & FERNANDES, C. A. (org.) **Análise do Discurso: unidade e dispersão**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2004.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil: um breve preâmbulo**. In: INDURSKY, F. & FERREIRA, M. C. L. (org). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Clara Luz, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento & TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** In: MOTTA, M. B. (org) **Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Col. Ditos e escritos III. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas**. 8ed. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1994.
- GADET, Françoise & LÉON Jacqueline. (et. al). **Apresentação da conjuntura em Linguística, em Psicanálise e em Informática aplicada ao estudo dos textos na França**. In: GADET, F. & HAK, T. (org). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- GADET, F. (org.) **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- GRANGEIRO, Claudia Rejanne Pinheiro. **Michel Pêcheux e Michel Foucault: diálogos necessários sobre formação discursiva, sujeito e identidade**. P. 517 a 523. In: ANAIS do Simpósio Internacional Michel Foucault: perspectivas (cd-room) Florianópolis 2005.
- GRANGEIRO, Claudia Rejanne Pinheiro. **O discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte**. Crato: A Província Edições, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever - interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In NAVARRO, P. (org). **Estudo do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Clara Luz, 2006.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Clara Luz, 2004a.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Michel Foucault: o discurso nas tramas da História. In: SANTOS, J. B. C. & FERNANDES, C. A. (org.) **Análise do Discurso: unidade e dispersão**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2004b.

GREGOLIN, Maria do Rosário. (org). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. 2ed. São Carlos: Clara Luz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: os sentidos e suas movências. In: GREGOLIN, M. R. V. CRUVINEL, M. F. & KHALIL, M. G. (org). **Análise do Discurso: entornos do sentido**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2001.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Recitações de mitos: a História na lente da mídia. In: GREGOLIN, M. R. V. (org). **Filigranas do discurso: as vozes da história**. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

HAVELOCK, Eric. **A revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais**. São Paulo: UNESP e Paz e Terra, 1996.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, F. & HAK, T. (org). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

LEITE, Maria Regina Baracuhy. **Propaganda turística e cordel: estereótipos e silenciamentos na construção da identidade nordestina**. Conceitos - Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba - v. 1, nº 1. João Pessoa, 1996. p 61-65

LEMAIRE, Ria. **Reler Vidas Secas: redescobrir o sertanejo forte**. In: Brasil - Brazil, Brown University, EUA, vol. 15, 1996.

LEMAIRE, Ria. **Passado-presente e passado perdido: transitar entre oralidade e escrita**. (s/d) Mimeo.

LEMAIRE, Ria. **Mélusine - melusines: serpentes, sereias e dragões**. (s/d)Mimeo.

LEMAIRE, Ria. **Literatura oral e literatura escrita: um confronto de leitores**. Actas do Terceiro Congresso Internacional de Lusitanistas (s/d).

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso literário contra a Literatura. In: MELLO, R. (org.) **Análise do Discurso e Literatura**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso:, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2005a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar, 2005b.

MALDIDIÉ, Denise. **A inquietação do Discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MELLO, R. Análise do Discurso & Literatura: uma interface real. In: MELLO, R. (org.) **Análise do Discurso e Literatura**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso:, Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

NEVES, Frederico de Castro. **Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas**. Revista Brasileira de História. v. 21 nº 40 São Paulo. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) acessado em: 03/10/2007

NUVENS, Plácido cidade. **Patativa do Assaré, um clássico**. Crato: A Província, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso fundador**. 3ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento**. 4ed. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio - No movimento dos sentidos**. 4ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4ed. Campinas SP: Pontes, 2006.

Pêcheux, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et. al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. (org). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a.

PÊCHEUX, Michel. A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, F. & HAK, T. (org). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997c.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: Bentes, A. C. & MUSSALIM, F. **Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos**. 2ed. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2005.

QUÉAU, Philippe. **A revolução da informação em busca do bem comum.** Ciência da Informação. v. 27 nº 2 Brasília, 1998. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br) acessado em: 06/11/2007

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas.** 68ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais.** São Carlos: Clara Luz, 2005.

SARGENTINI, V. M. O. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso. In NAVARRO, P. (org). **Estudo do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos: Clara Luz, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. In: **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, João Bosco Cabral dos. & FERNANDES, CLEUDEMAR Alves. (org.) **Análise do Discurso: objetos literários e midiáticos.** Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral.** 25ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

SCIADINI, Frei Patrício. **Sufrimento, presente ou castigo de Deus?** Disponível em: [www.comunidadeshalom.com.br](http://www.comunidadeshalom.com.br) acessado em 30/10/2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. As repercussões do estruturalismo nas Ciências Humanas. In: MARI, H.; DOMINGUES, I. & PINTO Julio. **Estruturalismo: memória e repercussões.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: HUCITEC, 1997.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)